

ALINE FABRI SEGATELI

**PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL? Memória e religiosidade popular expressas
nas representações da Companhia de Reis “Estrela do Oriente”, em Cândido Mota/SP
(1983-2019)**

**ASSIS
2021**

ALINE FABRI SEGATELI

**PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL? Memória e religiosidade popular expressas
nas representações da Companhia de Reis “Estrela do Oriente”, em Cândido Mota/SP
(1983-2019)**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestra em História.
(Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Orientadora: Professora Doutora Zélia Lopes da Silva.

ASSIS
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

S454p Segateli, Aline Fabri
Patrimônio Cultural Imaterial? Memória e religiosidade popular expressas nas representações da Companhia de Reis "Estrela do Oriente", em Cândido Mota/SP (1983-2019) / Aline Fabri Segateli. Assis, 2021.
149 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Profa. Dra. Zélia Lopes da Silva

1. Folia de Reis - Cândido Mota/SP - 1983-2019.
2. Patrimônio imaterial. 3. Patrimônio cultural. 4. História - Memória. 5. Religiosidade popular. I. Título.

CDD 398.0981

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL? Memória e religiosidade popular expressas nas representações da Companhia de Reis "Estrela do Oriente", em Cândido Mota/SP (1983-2019)

AUTORA: ALINE FABRI SEGATELI

ORIENTADORA: ZÉLIA LOPES DA SILVA

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em HISTÓRIA, área: História e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. ZÉLIA LOPES DA SILVA (Participação Virtual)
Departamento de História / UNESP/Assis

Prof. Dr. JOAO PAULO RODRIGUES (Participação Virtual)
Instituto de Geografia, História e Documentação / UFMT/Cuiabá

Profa. Dra. TANIA REGINA DE LUCA (Participação Virtual)
Departamento de História / UNESP/Assis

Assis, 20 de maio de 2021

*Dedico esta pesquisa a todos os grupos que
não se esmorecem frente ao processo de
globalização e mantém vivos os costumes e a
tradição representativos de sua identidade e
diversidade.*

AGRADECIMENTOS

À professora Zélia Lopes da Silva pelo espaço que me deu antes mesmo do mestrado, quando me esclareceu dúvidas e me apresentou um norte. E, depois, como orientadora, com presteza e agilidade, me conduziu ao crescimento e aprendizado diante de minhas falhas, me auxiliando do início ao término dessa pesquisa.

Ao Centro Paula Souza pela oportunidade de concorrer a uma vaga no mestrado com bolsa de 50% no tocante ao meu trabalho na Etec Profº Luiz Pires Barbosa de Cândido Mota/SP, pois pude me afastar de metade de minha carga horária de trabalho sem prejuízos financeiros.

A todos os professores que tive ao longo de minha vida que sempre me incentivaram a estudar e ser uma cidadã consciente, em especial ao professor Marcos Paulo, a professora Soninha e a professora Gisele que foram meus mestres na Escola Estadual “Antônio Fontana” no distrito de Frutal do Campo.

Aos professores da banca de qualificação Tânia Regina de Luca e João Paulo Rodrigues pela leitura cuidadosa de minha pesquisa, pelos apontamentos e críticas que me fizeram aprender.

A todos os funcionários da Unesp/Campus de Assis.

À família Oliveira (Leiteiro), em especial, à Rosmaly, e a todos os foliões e devotos com que tive oportunidade de conversar, entrevistar e observar suas funções na manifestação aos Três Santos Reis.

À minha mãe, Lucimar, minha sogra, Maria José, e minha cunhada, Angélica, que me ajudaram a cuidar de meu filho Rafael em meio a pandemia de Covid-19 para que eu pudesse me dedicar a essa dissertação com um pouco mais de tempo. A meu pai, Walter, e meu irmão, Júnior, pelo apoio.

E ao meu esposo Cláudio e meu filho Rafael pela paciência e companheirismo nesse tempo todo de pesquisa.

*“Abri as portas o Salvador!
“É de paz que ele vem falar”!
A você à sua casa, que nos receberam com tanta fé e tanto carinho.
Deixamos as Bênçãos dos Santos Reis, Baltazar, Melchior e Gaspar,
E o convite que eles nos fazem;
“Vimos a Estrela de Belém! Vamos adorar o Salvador”!
Em cada igreja católica se deixa encontrar,
Espera cada um de nós na Santa Missa ou no Culto Dominical,
E tem a palavra de Deus para nos comunicar.
Está sempre no sacrário, no Cálix bento e na Hóstia Consagrada, para ser adorado e
venerado.
E está sempre no irmão ou na irmã mais pobre para ser amada.
Nossa senhora as Glória, a sua mãe bendita e São José, o pai adotivo,
Vamos esta fé bonita viver e divulgar!
Essa é a lição de nós os missionários populares
das companhias de Reis, que há 54 anos deixamos e queremos deixar,
Com os votos de paz amor para ficar,
Abraços e Bênçãos desta nossa Companhia de Reis.
(Família Leiteiro 2015)*

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial. (Portal IPHAN)

FABRI, Aline Segateli. **Patrimônio Cultural Imaterial?** Memória e religiosidade popular expressas nas representações da Companhia de Reis “Estrela do Oriente”, em Cândido Mota/SP (1983-2019). 2021. 149 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em História). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2021.

RESUMO

Esta pesquisa tem como eixo de investigação o ritual festivo desenvolvido pela Companhia Paulista de Santos Reis *Estrela do Oriente* da cidade de Cândido Mota/SP. Sua natureza como bem imaterial e a existência de condições para ser considerado ou não patrimônio cultural imaterial. Para isso, o recorte temporal delimitado corresponde ao período de 1983-2019, devido à maior abundância de fontes acerca da manifestação religiosa desenvolvida por essa Companhia e várias mudanças conjunturais externas e também internas, a exemplo das relações políticas de seus dirigentes com o poder local, o que permitiu maior visibilidade ao evento. Algumas questões perpassam esse eixo, a exemplo da tradição do festejo em nível local e global, bem como a memória dos sujeitos envolvidos nos ritos pertinentes a essa festa, além de pontos representativos dessa manifestação enquanto identidade do grupo para o enfrentamento das transformações tecnológicas que têm marcado a sociedade global pós-moderna. Fazem parte dessas reflexões, portanto, a trajetória dessa manifestação cultural religiosa aos Santos Reis e sua relação com a cidade e a comunidade do município. As fontes utilizadas foram os jornais impressos da cidade e região, livretos memorialísticos dos foliões, Bíblia Sagrada, documentos da paróquia da cidade, site do município, fotografias e entrevistas orais. O referencial bibliográfico e teórico sobre essas questões servirá de aporte às análises das fontes que integram essa pesquisa.

Palavras-chave: Festa de Reis. Cândido Mota. Memória. Patrimônio Cultural Imaterial. Manifestações Religiosas Populares

FABRI, Aline Segateli. **Immaterial Cultural Patrimony?** Memory and popular religiosity expressed in the representations of the Companhia de Reis “Estrela do Oriente”, in Cândido Mota / SP (1983-2019). 2021. 149 f. Thesis (Master’s in History). Sao Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis. 2021.

ABSTRACT

This research is based on the festive ritual performed by the Companhia Paulista de Santos Reis *Estrela do Oriente* of Cândido Mota/SP, its essence as an immaterial good and the existence of conditions to be considered or not as an immaterial cultural heritage. For that, the delimited time frame corresponds to the period of 1983-2019, due to the greater abundance of sources about the religious manifestation performed by the Companhia, and various external and internal changes in the situation, such as the political relations between its leaders and the local government, which allowed for greater visibility to the event. Some issues permeate this research, such as the tradition of celebration at the local and global levels, as well as the memory of the people involved in the rites relevant to this festive party and the representative points of this manifestation as the group’s identity to face the technological transformations that have marked the global postmodern society. Therefore, the trajectory of this religious cultural manifestation to the Holy Kings and its relationship with the city and the municipality’s community are part of these reflections. The sources used were the newspapers of the city and the region, memorial booklets of the revelers, the Holy Bible, documents from the city’s parish, the city’s website, photographs and oral interviews. The bibliographical and theoretical framework on these issues will serve as a contribution to the analysis of the sources that integrate this research.

Keywords: Revelry of Kings. Cândido Mota. Memoir. Intangible cultural heritage. Popular religious manifestations.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mapa das estradas de Ferro Sorocabana.....	32
Imagem 2 – Igreja Católica Matriz antiga da Cidade.....	34
Imagem 3 – Foto de mutirão organizado pelo padre Davi.....	35
Imagem 4 – Fotografia de Monsenhor David.....	35
Imagem 5 – Fotografia de membros eclesiais rodeados por fiéis da cidade.....	37
Imagem 6 – Publicidade local nos periódicos envolvendo a história dos Santos Reis.....	51
Imagem 7 – Reportagem sobre a manifestação cultural e religiosa da Festa de Reis em Cândido Mota/SP.....	53
Imagem 8 – Reportagem pós-Festa de Reis.....	54
Imagem 9 – Reportagem sobre uma atração musical na Festa de Reis de 1984.....	57
Imagem 10 – Reportagem sobre a festa ocorrida em 1984.....	58
Imagem 11 – Manchete sobre os 50 anos de Toninho Leiteiro a frente da Folia de Reis.....	62
Imagem 12 – Notícia interna do jornal referente aos 50 anos de Toninho Leiteiro a frente da Folia de Reis.....	63
Imagem 13 – Manchete que cita tradição da Festa de Reis em C. Mota.....	64
Imagem 14 – Capa do livreto confeccionado pela família de Toninho Leiteiro para a festa de 2015.....	77
Imagem 15 – Capa do livreto confeccionado pela família de Toninho Leiteiro para a festa de 2017.....	82
Imagem 16 – Folião Pedro Henrique Gonçalves registra selfie com demais integrantes da Companhia “Estrela do Oriente”.....	95
Imagem 17 – Toninho Leiteiro com a Bandeira da Companhia “Estrela do Oriente”.....	100
Imagem 18 – Haste da bandeira da Companhia “Estrela do Oriente”.....	103
Imagem 19 – Imagens de santos e do Menino Jesus na casa de Toninho Leiteiro.....	104
Imagem 20 – Foliões da Companhia “Estrela do Oriente”.....	105
Imagem 21 – Slogan da camiseta usada pelo grupo em alguns anos.....	107
Imagem 22 – Folião de costas com lenço uniforme da Companhia em 2019.....	107
Imagem 23 – Bandeira à frente, seguida de foliões.....	109
Imagem 24 – Palhaços da Festa de Reis em Cândido Mota, na Água da Pinguela, 2019.....	112

Imagem 25 – Palhaços retirando as máscaras frente ao presépio de uma residência visitada.	113
Imagem 26 – Senhor Toninho Leiteiro presente na Festa de Reis de Cândido Mota na edição de 2019.....	118
Imagem 27 – Toninho Leiteiro falando com os devotos ao microfone na Festa de Reis de Cândido Mota na edição de 2019.....	119
Imagem 28 – Momento de cantoria e oração na Festa de Reis de Cândido Mota na edição de 2019.....	121
Imagem 29 – Comida sendo servida na Festa de Reis de Cândido Mota na edição de 2019.....	123
Imagem 30: Moção de Congratulação recebida pela Companhia de Reis da Família Godinho em 2009.....	125
Imagem 31: Moção de Congratulação recebida pela Companhia de Reis da Família Godinho em 2015.....	125
Imagem 32: Moção de Aplauso recebida pela Companhia “Estrela do Oriente” em 2015...	126
Imagem 33: 7º Encontro de Bandeiras na cidade de Assis/SP.....	127

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características dos depoentes das entrevistas orais.....	46
Quadro 2 – Dados políticos da família Oliveira (Leiteiro).....	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Festa de Reis (1972-2015) Cobertura da Imprensa de Cândido Mota.....	55
Gráfico 2 – População residente por situação de domicílio em Cândido Mota/SP.....	66
Gráfico 3 – Percentual de católicos em Cândido Mota/SP.....	128

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 - A CIDADE DE CÂNDIDO MOTA E SUA RELAÇÃO COM A COMPANHIA DE REIS “ESTRELA DO ORIENTE” NO PASSADO E NO PRESENTE	29
1.1 A Estrada de Ferro Sorocabana na cidade de Cândido Mota/SP	31
1.2 A Igreja Católica no município.....	34
1.3. A religiosidade católica popular no município	38
1.3.1. O nome da Companhia.....	38
1.3.2. A figura dos Três Santos Reis no tempo	40
1.4 A Manifestação Religiosa e a festa nos anuários municipais	50
1.5. Situação de domicílio: rural e urbano	65
CAPÍTULO 2 – TRADIÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NAS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS AOS TRÊS REIS MAGOS	69
2.1 A tradição da Festa de Reis ao longo do tempo.....	69
2.2 Folclore e Patrimônio na manifestação aos Reis	72
2.3 Memória e identidade do grupo que compõe a Companhia	75
2.4. A articulação entre diferentes gerações	89
CAPÍTULO 3 – A DIMENSÃO PATRIMONIAL DA FOLIA DE REIS NOS TEMPOS ATUAIS: o que dizer?	98
3.1 A singularidade da manifestação da Companhia Estrela do Oriente	98
3.1.1 Os símbolos, os sujeitos e os rituais do grupo.....	99
3.2. A Festa e os devotos	114
3.3. A religião cristã no município: o que mudou?	127
3.4 Os obstáculos para a patrimonialização do culto aos Santos Reis como patrimônio cultural imaterial	131
3.5 A questão da patrimonialização na dinâmica da manifestação da Companhia Estrela do Oriente	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139

REFERÊNCIAS141

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado diz respeito à investigação e à análise de uma festa popular religiosa católica conhecida como Festa de Santos Reis ou Folia de Santos Reis em adoração aos três santos Gaspar, Balthazar e Melchior (ou Belchior). Originário da Europa, esse festejo veio para o Brasil no período colonial e acontece ainda nos dias atuais em diversas regiões do país, conduzido por Companhias de foliões que herdaram as práticas de outras gerações por meio oral. O eixo dessa pesquisa corresponde à análise do caráter patrimonial imaterial (ou não) da Festa de Reis, especificamente no recorte 1983-2019 das atividades da Companhia de Reis *Estrela do Oriente* de Cândido Mota/SP. Busca-se elementos nas atividades dessa Companhia que possam esclarecer que tipo de festa é essa e qual a natureza dela, seguida da questão: ela, e as demais manifestações aos Santos Reis da região possuem as condições para estarem inscritas no livro patrimonial?¹

Para trabalhar com essa problemática foi delimitado o período com início em 1983, por se considerar a diversidade de fontes existentes e várias mudanças conjunturais externas e, também internas, a exemplo das relações políticas de seus dirigentes com o poder local, o que permitiu maior visibilidade ao evento. Nesse ano, a Companhia *Estrela do Oriente* teve suas atividades registradas pela primeira vez no jornal impresso da cidade na época, *Voz de Cândido Mota*. E a partir daí muitas vezes voltou a estar dentre as notícias dos jornais municipais. Isso deve-se ao fato da proximidade do senhor Toninho

¹ Teremos como referência alguns estudos sobre essa questão, principalmente o Dossiê de Minas Gerais sobre a Festa de Reis naquele estado que foi patrimonializada. Um Dossiê desta natureza corresponde a um documento que é básico para a patrimonialização de um bem cultural. É um documento extenso, composto por pesquisa, inventário da origem do bem imaterial e teorização. Este em específico trata de um levantamento de dados de 177 páginas sobre a Folia de Reis em Minas Gerais, coordenado pelo IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais). Esta fundação é vinculada à Secretaria de Estado de Cultura que atua no campo das políticas públicas de patrimônio cultural. Cabe ao Instituto pesquisar, proteger e promover os bens culturais de natureza material e imaterial de Minas Gerais, em parceria com os órgãos municipais e federal. Pedidos encaminhados à instituição, motivaram a abertura do processo de registro das Folias de Reis no estado. A finalidade foi de conhecer e reconhecer a relevância dessas folias. Deu-se então o início à instrução do processo de registro das Folias de Minas como patrimônio cultural imaterial do estado. Foi preciso identificar e compreender a diversidade dos grupos de folias existentes em Minas Gerais e propor medidas de salvaguarda para essa prática marcante na sociedade mineira. O Dossiê foi produzido por uma equipe técnica que realizou pesquisa, análise e reconhecimento desse patrimônio cultural. Esta equipe procurou garantir a participação dos praticantes e de coletivos sociais e a utilização de conceitos e categorias que melhor auxiliassem na compreensão do objeto. Houve um amplo alcance, com mais de 300 municípios e cerca de 1200 grupos de folia envolvidos. A diversidade do objeto foi identificada, assim como a criação de um plano de salvaguarda mais amplo. Além do trabalho do IEPHA, 05 registros foram feitos por municípios mineiros. In: IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016.

Leiteiro com o espaço público, por meio, de seu cargo de vereador. Além disso, também nesta década, houve uma maior aceleração da globalização no país, o que pode ter imbricado de alguma forma, seja positiva ou negativa, na continuação da manifestação religiosa e cultural na cidade. E por fim, também nos anos 1980, o processo de patrimonialização de bens culturais passa a ganhar notoriedade e maior valorização no Brasil. Então, a pertinência e utilidade do recorte inicial. O recorte final foi definido em 2019, ano próximo a atualidade, tendo em vista uma nova conjuntura de fontes que se delineia acrescida das redes sociais com postagens dos membros da Companhia numa página do grupo. Além do mais, a data recente faz-se importante diante da formação dos inúmeros laços dinâmicos que a festa suscita no convívio social, bem como dos interesses existentes pela sua continuidade.

As fontes a serem analisadas são diversificadas. Foram trabalhadas reportagens da imprensa local das décadas de 1980, 1990, 2000 e 2010, cujos títulos dos periódicos são: *Voz de Cândido Mota*², *CM Notícias*³ e *O Diário do Vale*⁴, relativas à Festa de Reis. Exemplares desses três títulos estão arquivados na Biblioteca do município, sendo o mais antigo correspondente ao jornal *Voz de Cândido Mota* e o atual *O Diário do Vale*. Esses jornais estiveram sempre ligados à Prefeitura com questões de patrocínio e parceria editorial.

Ainda de natureza escrita, no entanto de caráter memorialístico, serão analisados dois livretos produzidos pelos festeiros da Companhia, um datado de 2015, outro de 2017. Livretos estes com explicações de símbolos, atividades, ritos e práticas da manifestação religiosa que os foliões e devotos exercem, além de orações e passagens bíblicas. No campo da memória, além dos livretos, foram utilizados depoimentos orais, resultantes de

² O jornal *Voz de Cândido Mota* foi criado em 1972 pelo diretor e proprietário Egydio Coelho da Silva. Esse jornal fazia parte do Grupo Voz da Terra de Assis/SP, jornal de 1963 que ainda está em circulação na cidade vizinha à Cândido Mota, também de propriedade de Egydio Coelho da Silva. Enquanto que a folha *Voz de Cândido Mota* está extinta. Na edição de 1974 ele permanecia como editor, junto a Antônio João Tirolí. Lorival José de Almeida (prefeito) chegou a ser redator desse jornal em 1974. Ainda em 1974 Eli Elias passa ser o redator. No ano de 1984 o diretor era Eli Elias, Roberto Silo o editor, e Edlene Antonuci a redatora. Disponível em: <https://www.jornalvozdaterra.com.br/quem-somos>. Acesso em 02 de julho de 2019. Algumas informações não estão no site, sim nas capas dos exemplares dessas datas, encontrados na Biblioteca Municipal.

³ *CM Notícias* surgiu em 1994. Seu proprietário, diretor e editor chefe corresponde a José Augusto Doná.

⁴ O jornal *O Diário do Vale* é uma espécie de continuação do jornal *CM Notícias*, porém com abrangência regional, além de municipal. A nomenclatura *O Diário do Vale* permaneceu secundária junto a nomenclatura *CM Notícias* inicialmente, até que em 1999 passa a ser o nome principal da folha e possuir um caráter mais regional. Em 29/03/2021 o jornal fez sua publicação número 5.779. Dados encontrados no site: <www.odiariodovale.com.br>. Acesso em 29 de mar. 2021.

entrevistas com pessoas envolvidas nessas manifestações religiosas anualmente, que podem contribuir com a pesquisa por meio de suas vivências e crenças. Também o uso da fotografia como fonte, seja ela acoplada às reportagens da imprensa no site do município e no acervo da biblioteca municipal⁵, ou às postagens dos foliões e festeiros nas redes sociais na página da Companhia no Facebook. O site oficial municipal⁶ também serviu como fonte para as análises realizadas. Por fim, a Bíblia Sagrada utilizada como fonte de conteúdo representativo da fé dos devotos, bem como leis e registros da Igreja com dados sobre os habitantes da cidade.

Cabem ainda algumas considerações sobre essas fontes. Os periódicos, por exemplo, são amplamente analisados como fontes nos dias de hoje, mas esse espaço só foi alcançado de forma gradativa no trabalho de um historiador, conforme mudanças na teoria da história. Por muito tempo, foram tratados como meras “enciclopédias do cotidiano”. Na escola Positivista, por exemplo, como espelho do fato, da verdade sobre o passado.

Por meio dos apontamentos e reflexões da historiadora Tânia Regina de Luca⁷ acerca do uso dos jornais na escrita da história, os periódicos foram abordados nessa pesquisa de outra forma. Foram vistos não como simples fornecedores de informações sobre os acontecimentos do passado, mas analisados de forma crítica, levando em conta a percepção transmitida por seus editores e proprietários, o contexto no qual esse material foi produzido, seus propósitos, seu público alvo e seus redatores. Outro ponto foi que não houve a pretensão de encontrar nessas notícias e em seu modo de representação o que já estava pré-idealizado para a pesquisa sobre a manifestação aos Santos Reis na cidade de Cândido Mota/SP. Foi realizada uma busca livre, aberta para o que viesse a ser encontrado sobre o tema e pudesse ampliar a visão de análise sobre o mesmo.

Cabe ao historiador saber que esse material não é isento, mas dotado de certa carga subjetiva, surgindo, então, a necessidade de analisá-lo e não a de tomá-lo como objeto e expressão fidedigna da verdade dos fatos. É preciso historicizar o que foi escolhido para a publicação e por quê. A própria materialidade do mesmo traz informações fundamentais à análise; o nível de técnica, mão de obra ou matéria-prima utilizadas, que apontam

⁵ Biblioteca Municipal: Lucilene Gurgel Yera se encontra à Rua Fadlo Jabur, 487, Cândido Mota/SP.

⁶ <www.candidomota.sp.gov.br>

⁷ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153.

aspectos econômicos, níveis de impulsionamento ou popularidade das publicações. Tendo em vista que os periódicos são produtos de relações de poder e saber, e que são mutáveis no tempo e no espaço, houve a tentativa de analisar, nessa pesquisa, as notícias dos jornais com um olhar sobre suas características de um jornal de município interiorano, contextualizado numa dinâmica rural e religiosa.

A partir do momento em que o historiador passa a trabalhar com temas ligados às mentalidades ou às representações na década de 1960, os periódicos passam a estar presentes nessa análise como fontes num outro nível de importância. Então, a justificativa para estarem nessa pesquisa ganha expressão pela qualidade de portadores de vestígios a serem analisados sobre a visão e memória acerca do tema pesquisado; no caso, uma festa e os rituais que a envolvem. Os periódicos expõem o cotidiano e contribuem para a investigação em torno da relação entre pessoas, espaço e vida cultural.

As possibilidades de reflexão sobre estes materiais vão além, considerando as fotografias que acompanham os textos dos jornais da cidade. Esse tipo de fonte imagética também aparece no site oficial da Prefeitura e nos quadros pendurados nas paredes da biblioteca municipal, tornando-se importantes para nossa pesquisa. Como escreve Marcella Guimarães⁸, as fotografias funcionam nos dias de hoje como um importante meio de se visualizar vínculos, evocar acontecimentos e recuperar memórias. Até mesmo os locais onde as fotografias são colocadas nos dizem algo, em álbuns, porta-retratos ou penduradas em paredes; hoje, mais do que nunca nas redes sociais. As fotografias registram a história, com informações visuais que podem contribuir para a investigação de um tema da cultura popular presente dentre muitas famílias, como o caso das Festas de Reis. De acordo com Gabriel Bauret⁹, as fotografias trazem em si a maneira pela qual as famílias realizavam determinadas atividades e celebrações. Elas podem auxiliar nas descrições e narrativas de situações, e na reconstituição de situações da vida. Mais que isso, nas intenções, na revelação de elementos implícitos em cada contexto. Teóricos como Joly¹⁰, Barthes¹¹, Peirce¹² e Burke¹³ foram referência em nossa análise sobre as

⁸GUIMARAES, Marcella Lopes. **Capítulos de História: o trabalho com fontes**. Curitiba: Aymará Educação, 2012.

⁹BAURET, Gabriel. **A fotografia: história, estilos, tendências, aplicações**. Lisboa: Edições 70, 1992.

¹⁰JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996.

¹¹BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

¹²PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

¹³BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

imagens. Desse modo, a metodologia dessa pesquisa apoia-se em trabalhar com a imprensa local impressa, com as fotografias e com a memória presente nos livretos e na fonte oral.

As fontes ganham densidade com o depoimento oral, que se constitui como material usado nesta pesquisa. Trata-se de um trabalho delicado, que também se faz importante para a realidade dessa dissertação. Esse tipo de fonte, que passou a ser aceito e utilizado depois da segunda guerra mundial, por volta de 1948, na Europa, proporcionará mais possibilidades e perspectivas para essa dissertação. No Brasil, o uso da fonte oral teve impulso na década de 1970 com o CPDOC¹⁴ e com o programa de História Oral de 1975 da professora Aspásia Camargo¹⁵, que entrevistava políticos para entender os mecanismos do poder e as conjunturas do país. Ainda nos dias atuais tem estado presente em trabalhos acadêmicos, recorrentemente. Então a pertinência de fazer parte dos métodos dessa investigação.

Uma das principais riquezas da História oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas. Essa noção é particularmente desenvolvida em textos alemães, em que recebe o nome de “história de experiência” [...]. Em linhas gerais essa combinação significa o seguinte: entender como pessoas e grupos experimentaram o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas.¹⁶

Trabalhar com a história oral requer precauções e criticidade, além de uma conduta pautada em referencial teórico de especialistas. Seixas¹⁷, por exemplo, nos alerta sobre a natureza de “hábito mecânico” da “memória voluntária”, que seria a memória dos fatos. Esta representa um obstáculo à verdadeira memória, pois está de maneira

¹⁴ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. <<https://cpdoc.fgv.br/sobre>> Acesso em 31 de out. 2019.

¹⁵ Em 1975, dois anos depois da criação do CPDOC, começaram a ser realizadas, pelos pesquisadores da instituição, as primeiras entrevistas de história oral, num momento em que essa metodologia se firmava como novidade no mundo acadêmico internacional. [...] a concepção inicial do programa de história oral do CPDOC, formulada por Aspásia Camargo, marcou profundamente o processo de formação do acervo. In: ALBERTI, Verena. A vocação totalizante da história oral e o exemplo da formação do acervo de entrevistas do CPDOC. In: INTERNATIONAL ORAL HISTORY CONFERENCE (10.: 1998: Rio de Janeiro, RJ). Oral history challenges for the 21st. century: proceedings [of the] International Oral History Conference. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/FIOCRUZ, 1998. v.1. p.509-515. <https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/195.pdf>.

¹⁶ ALBERTI, Verena. Fontes Oraís: História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi,(org.). **Fontes Oraís**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

¹⁷ SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de Memórias em Terras de História. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (orgs.). **Memória e (Res) Sentimento**. Campinas: Unicamp, 2004. p. 37-58.

superficial atada ao hábito e à vida prática. Enquanto a “memória involuntária” rompe com esse hábito e é espontânea. É feita de imagens que aparecem e desaparecem independentemente de nossa vontade, e, nesse plano, acaba por ser mais elevada e verdadeira. Ao introduzir o passado no presente, sem modificá-lo, mas atualizando-o, a memória o traz à tona num pulsar de descontinuidades. Uma das problemáticas é que, por muitas vezes, ela constrói o real e não o retoma, num movimento interessado. Além do mais, tem uma relação conturbada com a ética e desempenha uma função utópica e mítica. No entanto, essas problemáticas são mais recorrentes na “memória voluntária”. Então a importância de se perceber e analisar tal situação. Em nosso trabalho nos atentamos a isso.

No nosso caso, entrevistas foram realizadas com pessoas que poderiam contribuir com seus saberes individuais e coletivos para a construção de um apanhado maior de informações sobre o objeto em estudo. Os critérios utilizados para a seleção dessas pessoas foram os seguintes: o primeiro diz respeito à proximidade com a manifestação cultural em questão; todos estão diretamente ligados aos ritos desempenhados pela Companhia e são ou foram foliões, ou ajudantes das atividades diversas. O segundo critério relaciona-se à questão das diferentes gerações ligadas à Companhia e à festa. Depoentes de três gerações diferentes foram selecionados; cinco pessoas ao todo:¹⁸ Antoninho Vicentinho de Oliveira (Toninho Leiteiro), que assumiu a frente da Companhia em 1961; Rosmaly Santa de Oliveira Barbosa, filha de Toninho Leiteiro, que está à frente da cozinha da festa desde o falecimento de sua mãe em 23 de dezembro de 2007; e Pedro Henrique Gonçalves, atual mestre de cantoria (embaixador), representando a geração jovem que está à frente dos ritos na atualidade. O terceiro critério teve relação com a disponibilidade para entrevistas com mais duas pessoas ligadas à manifestação cultural, que atenderam prontamente nossa solicitação em situações de encontro casual. O folião Alcides João Roela, que tocou violão e exerceu a função de contramestre nessa Companhia de 2006 a 2010, e que estava presente num curso para novos foliões oferecido na cidade; e Aparecido Donizete Ireno, sobrinho de Toninho Leiteiro e voluntário no abate de animais e no preparo dos alimentos no dia da festa em 6 de janeiro, que estava, por acaso, na residência de Toninho quando fomos entrevistá-lo, e que também pôde

¹⁸ Mais duas pessoas seriam entrevistadas. Um irmão do senhor Toninho Leiteiro e um sobrinho que reside na cidade de Palmital, mas, devido à pandemia de Covid-19 – Coronavírus, achamos por bem cancelá-las e trabalhar com as demais entrevistas já feitas. Uma inclusive foi realizada via on-line por celular, devido à pandemia já citada, com Pedro Henrique Gonçalves. No entanto, com os outros dois pretendidos foi inviável.

contribuir para a pesquisa. Este contato, na maior parte das vezes, foi feito previamente com os depoentes para verificação da potencialidade das informações, além da disponibilidade para narrar suas experiências na referida Companhia. Em seguida, as entrevistas foram agendadas, gravadas, transcritas e analisadas.

Diante dos depoimentos coletados, houve um cuidado com o termo “memória coletiva”, pois, como esclarece Alessandro Portelli¹⁹, a memória é individual e está num meio dinâmico social compartilhado. Funciona como um mosaico ou como uma colcha de retalhos, com pedaços diferentes que serão reunidos depois. Outro ponto diz respeito aos princípios éticos que precisam permear as entrevistas. As gravações e transcrições das mesmas foram realizadas com respeito e honestidade para com quem trabalhamos. Atendendo as normas vigentes do comitê de ética da universidade e as regras vigentes no país para este tipo de trabalho na Plataforma Brasil.

Num ambiente aberto, tranquilo e de trocas entre entrevistados e entrevistadora, foi criada uma atmosfera que permitiu estabelecer ao depoente seu próprio limite de tomar suas decisões quanto ao que relatar. Na tentativa de construir o conhecimento histórico sobre nosso objeto de estudos, perguntas previamente elaboradas foram utilizadas frente a estas fontes vivas. De acordo com Verena Alberti²⁰, o conhecimento histórico é condicionado pelas “fontes que temos”, então nada mais coerente que aprender a trabalhar com fontes orais. Além do mais, a entrevista ocorre num momento único, por isso a necessidade de fazê-la com cuidado e responsabilidade.

Uma relação social desta natureza causa efeitos. Procuramos seguir as orientações de Bourdieu²¹ para que não houvesse “violência simbólica” e algum tipo de posicionamento hierárquico sobre os entrevistados. Com uma escuta ativa e metódica, um nível adequado de linguagem, estímulos à colaboração dos entrevistados, construção de um discurso científico e uso de franqueza social; tudo para que cada entrevistado pudesse se sentir legitimado a ser o que é. Assim, sob referência de Bourdieu e Portelli, procuramos conduzir a entrevista num ambiente inteligível e atraente. A intenção foi a elaboração prévia de perguntas pertinentes, numa representação intuitiva que pudesse

¹⁹ PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo: PUC-SP, Educ, nº15, 1997.

²⁰ ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 155-202.

²¹ BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: _____. **A miséria do mundo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 693-713.

provocar cada depoente a “se revelar completamente” e a “construir seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo”. Com certo “alívio” e “felicidade de expressão”, também com sua razão de ser, em seu espaço social.

Outra questão que envolve o uso da história oral diz respeito à “história de vida” que carrega em si o que pode ser chamado de “ilusão biográfica”. Bourdieu²² evidencia criticamente que essa alternativa (“história de vida”) tem sido colocada pelo senso comum como uma representação cronológica de sucessão de acontecimentos históricos. Compreender uma vida é mais que isso. Portanto, nessa investigação acerca das manifestações culturais dos indivíduos, procuramos levar em conta outros vínculos além do nome próprio, com movimentos de ida e vinda pelo espaço social. Faz-se necessário, nesse tipo de pesquisa, levantar um “conjunto de relações objetivas que uniram o agente considerado”.

O estudo de um festejo desta natureza requer o trabalho com conceitos que dialogam entre si, porém distintos, que são: memória e história. Com base em Le Goff²³, esses conceitos estiveram presentes no desenvolvimento desse texto e auxiliaram na realização da análise acerca do objeto que diz respeito à festa e aos seus ritos. A memória, quando passa a ser coletiva e repetida, ultrapassando o status de lembrança individual sobre o passado, causa identificação e representa sentido para o grupo. Desse modo, funcionaria como um monumento que a sociedade elege como registro do que quer lembrar e representar. Já a história se coloca como a ciência que analisa a memória, além de outras fontes e documentos, sendo composta por critérios analíticos e rigores metodológicos, e criticidade às fontes. Podemos afirmar que a história é menos vulnerável que a memória, pois não se deixa levar pelas necessidades sociais do presente em sua análise e em seus resultados. Por meio da história, com seus métodos e teorias, as memórias dos envolvidos nos ritos da Folia de Reis foram analisadas.

Para adentrar ao universo simbólico dessa festa e de nosso recorte, foi realizado um levantamento de dados de seu histórico na cidade. Constatou-se nas fontes da imprensa sobre encontro de bandeiras e também verificou-se que, além de Cândido Mota, na região do Vale do Paranapanema²⁴, são vários os municípios que mantêm a realização

²² BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M. & AMADO, J. (Orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 183-191.

²³ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2ª, ed. Campinas: EdUNICAMP, 1992.

²⁴ Região do interior do estado de São Paulo que está localizada às margens do Rio Paranapanema. Está acerca de 410km da capital.

do festejo de Santos Reis: Florínea, Palmital, Platina, Assis, Tarumã, Maracaí, Ibirarema e Cruzália. Essas festas acompanham praticamente toda a trajetória histórica e política dos municípios da região. No caso de Cândido Mota, a Lei Estadual 1956/23 do estado de São Paulo criou o município em 28 de dezembro de 1923. Embora remonte ao início do século XX, a cidade hoje tem somente cerca de 31 mil habitantes²⁵. Parte de sua história se deve ao fato de a estrada de ferro Sorocabana passar por suas terras e graças à criação de um posto de parada naquela localidade, o “Posto Jacú” dentre os anos de 1914 e 1920. Desde então formou-se ali um povoado de pessoas ligadas à agricultura e à forte religiosidade. Coube nesse contexto, então, a fundação das Companhias de Folia de Reis e o seguimento dessas práticas religiosas até os dias de hoje.

A Companhia *Estrela do Oriente* fundada em 1928²⁶ por Vicente Modesto de Oliveira (Vicentinho da Laje) foi conduzida por ele durante 30 anos, de 1928 a 1958, ano de sua morte. Em 1961, as atividades foram retomadas por seu filho, Antônio Vicentinho de Oliveira (Toninho Leiteiro)²⁷, e este mantém vivas as práticas até os dias de hoje com auxílio de seus filhos, amigos e familiares. Uma outra Companhia de Reis, além dessa em análise, existe na cidade. Trata-se da Companhia de Reis da família Godinho, fundada por José Pereira Godinho em 1916, que comemorou em 2016 seu centenário de existência e continua em atividade com os filhos de seu José. Analisar a trajetória das duas Companhias nesse trabalho seria inviável, devido o tempo curto para a entrega da pesquisa; por isso, houve a opção por uma delas, a Companhia Estrela do Oriente. Contudo, o fator determinante para a pesquisa acerca de uma, e não da outra Companhia, foi o amplo número de fontes encontradas na cidade sobre a mesma.

Diante das fontes encontradas sobre o recorte e com amparo em bibliografia sobre o tema “patrimonialização cultural”, foi necessária uma investigação acerca da tradição das manifestações religiosas de festividade e culto aos três magos em nível micro, municipal, e em nível macro, com suas origens de séculos atrás na Europa. Investigação

²⁵ O último censo foi realizado em 2010 e registrou uma população de 28.096 habitantes. O IBGE realiza uma estimativa anual que apontou o número de 31.280 para o ano de 2019. Confira no site: <sidra.ibge.gov.br/tabela/6579#resultado> Acesso em 02 de out. 2019. Em 2020 haverá novo recenseamento.

²⁶ Existe uma controvérsia dentro da Companhia sobre essa data, pois na haste da bandeira foi encontrada cunhada a data de 1923. Trataremos mais desse assunto adiante.

²⁷ Esse apelido se deu devido a atividade exercida por muitos anos com ordenha de vacas leiteiras e venda de leite na cidade.

necessária devido à proximidade que existe entre o conceito de patrimônio histórico cultural imaterial e o conceito de tradição.

A proposta é articular as expressões culturais desempenhadas à tradição desse festejo religioso, que também possui um caráter profano, de modo a compreender a festa como mecanismo que agrega a comunidade e lhe confere identidade, sendo, dessa forma, um patrimônio cultural imaterial²⁸, tendo em vista que o conceito imaterial ou intangível vem ganhando destaque nos últimos anos na legislação brasileira e em encontros promovidos pela Unesco²⁹ e pelo Iphan.³⁰

Nessa pesquisa foi investigada a relação existente entre as Festas de Reis e a constituição da cultura popular no interior do estado de São Paulo, mais precisamente na cidade de Cândido Mota, no recorte delimitado. Foram recuperadas e analisadas as ações anuais que constituem a ocorrência dessa festa desde a saída das companhias em 25 de dezembro³¹ até a realização da festa em 6 de janeiro³².

Não apenas por serem realizadas há décadas na região, mas principalmente pela representatividade de sua trajetória e por serem significativas para um grande número de pessoas, estas Festas de Reis contribuem de forma relevante para a constituição da cultura popular e regional. Dessa maneira, é importante a constatação de que fazem parte de uma tradição que se inscreve num patamar de longa duração, luso-brasileira. A pesquisa se propôs a recuperar as práticas sociais, os símbolos e as crenças envolvidos nessa festa como parte da cultura popular regional que se insere no escopo patrimonial³³ do país. Outro objetivo é, também, investigar o desenrolar de uma educação informal de geração a geração dentre os membros da Companhia de Reis pesquisada, no intuito de preservar essas manifestações.

²⁸ Diz respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer, celebrações, formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). São referências culturais fundadas na tradição e manifestada por indivíduos ou grupos de indivíduos como expressão de sua identidade cultural e social. Consulte o site oficial do IPHAN: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/632>>. Acesso em 30 out. 2019.

²⁹ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) foi criada em 16 de novembro de 1945. <<https://nacoesunidas.org/agencia/unesco/>>. Acesso em 30 out. 2019.

³⁰ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, trata-se de uma autarquia federal do Governo do Brasil, criada em 1937, vinculada ao Ministério da Cidadania, responsável pela preservação e divulgação do patrimônio material e imaterial do país.

³¹ Data comemorada pelos católicos como o nascimento de Jesus Cristo em Belém.

³² Data comemorada pelos católicos como a visita de três reis magos a Jesus Cristo recém-nascido. Seriam os Três Reis Santos.

³³ Consultar sobre Patrimônio Histórico Cultural a Constituição Federal de 1988, art. 216.

Assim sendo, a reflexão feita acerca da problemática teve por base as seguintes questões: A Festa de Reis, como essa de Cândido Mota, seja em nível municipal, estadual ou federal, tem condições de ser patrimonializada? De que forma essa festa tem contribuído para a coesão de seus integrantes e para a constituição da identidade do grupo investigado? O caráter religioso permanece expressivo dentre os foliões ou a festa anual adquiriu, com o passar dos anos e das mudanças tecnológicas, um caráter meramente de entretenimento, diversão ou folclórico? Faz-se também importante saber como conseguiram se manter ao longo da dinâmica do tempo na cidade e como se sucederam suas possíveis rupturas e continuidades.

É importante observar que, partindo da investigação sobre a realidade vivida por indivíduos de uma pequena cidade, é possível evidenciar as ações dos sujeitos muitas vezes esquecidos e tidos como pouco relevantes para os anais da história. Por meio da identificação de saberes inerentes aos envolvidos nas festas populares e religiosas chamadas “Folia de Reis”, executadas por Companhias de Reis, pode-se preservar e valorizar práticas culturais que já são realizadas por gerações e que possuem significados para as memórias histórica e cultural da região do interior do Estado de São Paulo. Assim, a importância de se conhecer e preservar a herança cultural de um povo, como a Folia de Reis, é inquestionável. O que cabe de singular a este trabalho é investigar o caráter patrimonial desta festa em específico.

Em relação à questão da bibliografia específica acerca do tema “Folia de Reis”, é possível constatar que, nas três últimas décadas, houve um impulso maior de investigação sobre o assunto. Isso pode ter acontecido devido ao avanço que ocorreu na parte jurídica para a preservação de bens imateriais. No entanto, há pouca expressividade ainda, tendo em vista que essa prática cultural já vem desde os tempos da colonização portuguesa e faz parte da cultura popular brasileira.

As pesquisas sobre essas festas têm como foco algumas das cidades e estados onde as Festas de Reis estão mais presentes, como: São Paulo³⁴, Rio de Janeiro³⁵, Minas Gerais³⁶ e Goiás³⁷. As análises apresentam diversidade de abordagens e enfoques pelos pesquisadores, deixando marcas da pesquisa historiográfica, da análise social antropológica, do olhar artístico e estético, e da análise etnográfica comunicativa. Portanto, a revisão bibliográfica sobre o tema certamente contribuiu para a análise dessa pesquisa.

Essas pesquisas contribuem para a recuperação de aspectos dessa prática cultural popular de tradição religiosa, além de uma visão reflexiva sobre as mesmas. Cada enfoque dado ao tema amplia o conhecimento acadêmico sobre o mesmo e a compreensão da sociedade como um todo acerca da natureza desse festejo de séculos de existência no Brasil. Valorizar gente e valorizar práticas de pessoas do povo que possuem conhecimentos singulares é importante.

Os estudos aqui citados trazem, portanto, análises acerca de diferentes Companhias de Reis. Cada qual com suas características próprias de manifestar os ritos gerais, essas análises abordam um ponto significativo quanto à temática da patrimonialização dessa manifestação religiosa, em que pese as variantes presentes nas diferentes Companhias de Reis. Como patrimonializar, num livro de registros, uma prática que não é tão uniforme dentre seus praticantes? Para trabalhar com esta questão,

³⁴ Identificamos algumas pesquisas sobre o assunto: VICTORASSO, Pedro Henrique. **Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes em Olímpia/São Paulo (1964-2014):** entre o sagrado e o profano. 2015. 169 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015.

GOULART, Rafaela Sales. **Sentidos da Folia de Reis de Florínea (SP):** memória, identidade e patrimônio (1993-2013) Assis, 2016. 242 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2016.

CARVALHO, Mônica. Folia de Reis não é folia de rádio. **Tempo social**, Revista de sociologia da USP, v. 22, n. 2. São Paulo, 2010.

³⁵ Tem-se, por exemplo, a pesquisa de: BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara:** estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis. 2008 – Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS, 2008. 191f. Doutorado em Ciências Humanas – UFRJ / IFCS / Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2008.

³⁶ Em Minas Gerais destacam-se os trabalhos de: HORTA, Ana P. S. **Os Reis da Canastra:** os sentidos da devoção nas folias. Dissertação de Mestrado em História Social. USP, São Paulo: 2011.

BONESSO, Marcio. **Encontro de bandeiras:** as folias de reis em festa no Triângulo Mineiro. Uberlândia: EDUFU, 2012.

MARQUES GONÇALVES, Gabriela. **Cultura popular e Comunicação:** A Folia de Reis em bairros populares de Juiz de Fora. 2014. 118 p. il. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2014.

³⁷ Veja-se, por exemplo: NOGUEIRA, Wanderleia Silva. **A Festa de Folia de Reis em Quirinópolis:** Lugar de Memória. 1918-2010. Dissertação apresentada para o programa de Mestrado em História da Pontifícia. Universidade Católica de Goiás (PUC), como requisito para o grau de mestre em História, 2011.

foi necessária uma leitura de especialistas no assunto³⁸, além de análise apurada do Dossiê de Minas³⁹.

Constata-se que existem concepções de mundo diferentes dentre as gerações diante da aceleração do tempo permeada pela tecnologia, com possível comunhão de sentido em alguns pontos, mas com desencontros em outros. Como diferentes gerações perpassam essa Companhia de Reis, tal reflexão se faz pertinente, assim como as mudanças significativas vivenciadas por essas gerações nos ritos e atividades. Em decorrência, o diálogo de Le Goff e Bourdieu, quanto ao conceito de geração, trouxe elementos às reflexões acerca desse tema presente na problemática dessa pesquisa.

No momento em que uma geração recebe de outra as práticas, os costumes e os símbolos já perpetuados acontecem como uma espécie de rito simbólico. Como reflete Carlos Rodrigues Brandão: “Muitas dessas verdades não são certamente repetidas porque são verdadeiras, mas acabam sendo verdadeiras porque são frequente e solenemente repetidas. Por debaixo de um rito simbólico há sempre uma pedagogia de legitimação social que transforma mensagens simbolizadas em cores, sons e gestos.”⁴⁰. Os aspectos desse rito simbólico foram investigados e analisados nesse trabalho.

Para o trabalhar com o recorte e o objeto já expostos, e com eixo na Festa de Reis e seu caráter patrimonial, a pesquisa desdobrar-se-á em três capítulos e uma conclusão:

O primeiro capítulo, *A cidade de Cândido Mota e sua relação com a Companhia de Reis “Estrela do Oriente” no passado e no presente*, trata de forma mais específica do recorte local (Município de Cândido Mota). Dados sobre a origem e o desenvolvimento da cidade foram levantados e analisados, além do número absoluto da população rural e urbana dentro do recorte pesquisado. Também a representação realizada pelos jornais locais sobre a manifestação aos Reis. Tendo em mãos diversas informações sobre a cidade, é possível historiar o aparecimento do festejo de Reis no Município e proporcionar ao leitor a compreensão acerca de seu aparecimento na cidade, sua manutenção e seu caráter de representação coletiva para a população local.

O segundo capítulo, *Tradição, memória e identidade nas manifestações religiosas aos Três Reis Magos*, passa a abordar o eixo central do trabalho. O festejo será colocado

³⁸ ABREU & MAGNO: Desafios na patrimonialização de bens imateriais de caráter religioso. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 37(3): 18-45, 2017.

³⁹ IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016.

⁴⁰ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

como manifestação cultural, folclórica e de expressão religiosa; será analisada sua natureza como patrimônio imaterial, suas características, sua matriz comum aos grupos e Companhias, singularidades e representatividades para o grupo que a fomenta, e, também, sua condição de agregar pessoas e lhes conferir identidade. Como reflete Sandra Pelegrini: “[...] quando tratamos dos bens culturais imateriais estamos lidando não apenas com saberes, celebrações ou rituais, mas também com as formas do homem se conectar ao lugar onde vive no tempo presente, pretérito e futuro”.⁴¹

O último capítulo, *A dimensão patrimonial da Folia de Reis nos tempos atuais: o que dizer?* tratará dos elementos que permanecem próximos à tradição original, das mudanças, e como esses elementos dinâmicos fomentam a identidade desse grupo diante da sociedade pós-moderna e da conexão entre as diferentes gerações.

Nas *Considerações Finais* serão expostas as principais reflexões feitas no trabalho diante das fontes analisadas e bibliografia de apoio utilizada.

⁴¹PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Os bens intangíveis e as políticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil:** histórias, narrativas e memórias. IFCH /Unicamp, 2007. p. 503-513.

CAPÍTULO 1 - A CIDADE DE CÂNDIDO MOTA E SUA RELAÇÃO COM A COMPANHIA DE REIS “ESTRELA DO ORIENTE” NO PASSADO E NO PRESENTE

Ao trabalhar com a ideia de patrimônio cultural imaterial como o fio condutor desta pesquisa, busca-se, na investigação das representações da Companhia de Reis “Estrela do Oriente”, a constituição da identidade do grupo que leva em frente os seus ritos. Para tanto, são investigados os seus distintos aspectos e características de cultura patrimonial e sua relação com a trajetória da cidade de Cândido Mota, considerando que essa Companhia possui seu cerne no seio dessa manifestação religiosa e não deixa de ter, também, fortes ligações com as particularidades da cidade.

Analisar a Festa de Reis como expressão popular e identitária em Cândido Mota/SP, nos remete à história de fundação desse Município. Assim, nesse primeiro capítulo, faz-se importante acompanhar a dimensão do desenvolvimento da cidade e os dados populacionais registrados pelo censo do IBGE, além de reportagens jornalísticas e memórias dos moradores.

Entretanto, não se pode perder de vista que essa tradição veio se configurando em tempos diferentes, com grupos também diferentes. A festa, que acontece em forma de “ágape” final, representa uma crença religiosa antiga sobre aqueles chamados de Três Santos Reis: Gaspar, Balthazar e Melchior (ou Belchior), articulada ao contexto do nascimento de Jesus Cristo. Essa crença chega até hoje por meio de uma tradição, mesmo em meio à descontinuidade dos tempos. Essa manifestação religiosa já existia em outros contextos e lugares.

Esse trabalho cuidará de analisar essa Companhia específica e como ela está presente na trajetória desse município. Investigamos, portanto, aspectos dessa cidade e a relação da população local com o manifesto religioso aos Santos Reis.

No site oficial do município⁴², a origem da cidade é exposta numa narrativa que valoriza o ponto de vista do colonizador. As terras descritas como vermelhas e férteis teriam despertado interesse de povoadores em 1890, quando foram passadas pelo governo do estado à Companhia Colonizadora Paulista. Em maio do mesmo ano, o governo teria retomado as terras e organizado uma caravana com o coronel Valêncio Carneiro de Castro como chefe. No texto do site, narra-se que ele teria descido por um ribeirão, em 1892,

⁴² Consultar em <<http://www.candidomota.sp.gov.br/>>. Acesso em 31 de out. 2019.

que denominaria "Macuco". Alcançado o Rio Paranapanema e a foz do Macuco, teria feito a primeira roçada com sua comitiva. O Cel. Valêncio Carneiro receberia, então, o título de posse das terras conquistadas e, em 1907, na Água do Paraíso, ele levantaria sua sede. Em 1908, instala-se uma subsede em "Santa Gabriela", hoje "Aguinha" ou "Italianada"⁴³.

Tal descrição da formação inicial do município, presente no site oficial da cidade, nos remete à ideia de “mito fundador” analisado por Marilena Chauí⁴⁴. A origem do município é colocada numa espécie de explicação apaziguadora para os conflitos e contradições entre colonizadores e indígenas, que estão envolvidos na ocupação dessas terras. A expressão “mito fundador”, utilizada por Chauí para referir-se à colonização do Brasil como um todo pelos portugueses, não deixa de caber nessa situação em questão, pois as terras locais foram arrancadas de grupos indígenas. Entretanto, na versão oficial da história da cidade, elas foram ocupadas de forma tranquila pelos povoadores.

Uma versão mais amena sobre a ocupação das terras tem a função de representação social da história humana local, de maneira a suscitar o sentimento de orgulho da cidade, sem relações afetivas com o passado de vergonha ou mal estar.

O escritor Calvino⁴⁵, ao escrever seu romance sobre as características das cidades, em 1972, por meio de alegorias e do personagem Marco Polo, do século XIII, coloca a seguinte reflexão: “quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido”. Assim, na construção da cidade e de sua história, cada indivíduo tem um papel. Seja o de fazer, o de contar ou de interpretar. Dessa forma, uma mesma cidade representa interpretações diferentes de quem a idealiza.

Nesse contexto, os contadores de história trazem para a atualidade visões do passado. Relações entre as fronteiras do espaço territorial da cidade e seus acontecimentos vividos ou imaginados. “A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que refluí das recordações e se dilata.”⁴⁶

O desenrolar dessa ocupação de povoadores católicos vai contribuir para a formação de manifestações religiosas entre a população local. Manifestações culturais

⁴³ Devido a grupos de imigrantes de italianos que ali se fixaram no século XX.

⁴⁴ CHAUI, Marilena. Brasil. **Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2000.

⁴⁵ CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁴⁶ *Ibidem*, 1990, p. 14.

religiosas de fé cristã, cuja origem é europeia. Por isso essa breve investigação sobre o município.

Acerca da Companhia de Reis pesquisada, temos alguns dados a tomar nota na relação da mesma com o município. Em 1928, o senhor Vicente Modesto de Oliveira (Vicentinho) fundou a bandeira Estrela do Oriente na mesma década em que Cândido Mota passa a ser, por meio legal, um município, em 1923. Em 1961, Antoninho Vicentinho de Oliveira (conhecido na cidade como Toninho Leiteiro) assumiu a Companhia de Reis criada por seu pai, Vicentinho, às vésperas do município obter uma Comarca (circunscrição judiciária, sob a jurisdição de um ou mais juízes de direito). As duas gerações acompanharam momentos político-administrativos em diferentes estágios de desenvolvimento e prosseguiram com práticas em comum que lhes faziam sentido identitário e lhes traziam significado e valor: os ritos da Festa de Santos Reis. Contextualizar a história e o desenvolvimento da Companhia “Estrela do Oriente” nas mudanças político-administrativas do município nos ajuda a compreender essa manifestação religiosa e realizar análises em nosso recorte mais adiante.

Além das terras férteis aqui citadas, outro elemento contribuiu e atraiu para a cidade a ocupação de colonizadores: a estrada de ferro que cortou a região.

1.1 A Estrada de Ferro Sorocabana na cidade de Cândido Mota/SP

O povoado inicial se expande com a vinda da estrada de ferro para a localidade, pois em 27 de outubro de 1914 é inaugurada a Estação Sorocabana⁴⁷.

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.estacoesferroviarias.com.br/j/jprestes.htm>>. Acesso em 31 de out. 2019.

Imagem 1: Mapa das estradas de ferro Sorocabana⁴⁸



Fonte: Mapa disponível no site: <http://museusferroviarios.net.br/antigas-companhias/e-f-sorocabana/>.

Ainda tendo as informações do site como fonte, em 1913, antes da instalação do posto ferroviário, o Coronel Valêncio teria cedido uma área das terras ocupadas para a construção de uma igreja católica; ao redor desta que a cidade irá crescer e com ela a questão da religiosidade, de natureza católica, presente desde o início de formação do vilarejo. Chauí, na problemática do “mito fundador”, traz à tona essa característica dos colonizadores, no uso da religião cristã católica, inclusive numa “perspectiva providencialista da história”. Segundo ela, o catolicismo é um dos elementos que compõe a estrutura do “mito fundador”, pois esse “mito” é elaborado segundo a matriz teológico-política. Os colonizadores e povoadores seguiam e divulgavam a fé católica e muitas vezes justificavam seus feitos como providência divina.

Esse contexto será propulsor à formação das Companhias de Festa de Reis naquela localidade nos anos seguintes. De 1914 a 1920 o local ficou conhecido pelos nomes de "Posto Jacu"⁴⁹, "Parada do Jacu" ou "Chave". Em 22 de abril de 1920 o povoado passa à categoria de "Vila de Cândido Mota". No ano seguinte, 1921, a vila passa a categoria de

⁴⁸ Imagem 1: Ilustra as linhas de trem da Estrada de Ferro Sorocabana e foi editado pela autora. A cidade de Cândido Mota foi inserida no mapa porque não constava por ser pequena e estar muito próxima de Assis/SP que representa a região.

⁴⁹ Próximo ao KM 2 da Rodovia SP 266 a cidade possui um rio denominado Jacú.

distrito, denominado Cândido Mota⁵⁰/SP, pertencente ao município de Assis/SP de acordo com a Lei 1831/21.

No ano de 1923, por meio da Lei Estadual 1956/23 o distrito passa a ser município, ou seja, ocorre sua emancipação político-administrativa. A Comarca (circunscrição judiciária, sob a jurisdição de um ou mais juízes de direito) será criada apenas em 24 de dezembro 1963 e sua instalação acontecerá em 26 de outubro de 1968. Em 14 de março de 1969, autoridades municipais aprovam a lei que fixou 26 de outubro⁵¹ como a data de aniversário do Município para fins comemorativos.

Em suas alegorias e reflexões, o romancista Calvino, no trecho citado abaixo, nos ajuda a olhar para as informações do site municipal de Cândido Mota com maior criticidade.

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes.⁵²

Investigar a trajetória de uma cidade acaba por não ser apenas uma listagem de informações, mas um refletir sobre o que está a mostra e o que está oculto dentre os símbolos municipais. Como foi possível visualizar, conflitos por terras com populações indígenas foram ocultados da história oficial. Já a história da Instituição Católica no município foi bastante retratada. Uma vez estabelecido como município e comarca, tendo passado por uma ocupação não tão tranquila como a descrita nas fontes oficiais da cidade, o local esteve atado à Igreja Católica.

⁵⁰ Cândido Nazianzeno Nogueira da Motta nasceu em Porto Feliz/SP em 1870 e faleceu em 1942 em São Paulo capital. Foi promotor de justiça. Na vida política foi vereador, deputado estadual e senador estadual. Fez parte da dissidência com Júlio de Mesquita e com este dirigiu o jornal "O tempo". Participou do governo Altino Arantes como Secretário da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Criou o ensino primário circulante para a zona agrária e presidiu o primeiro Congresso de Estradas de Rodagem sob o lema "Via Vita". Para maiores detalhes acesse: <<https://www.geni.com/people/C%C3%A2ndido-Nazianzeno-Nogueira-da-Motta/6000000016315866872>>. Acesso em 01 de nov. 2019.

De acordo com o site da cidade, ele foi amigo do Cel Valêncio Carneiro, fundador da cidade, e por ser secretário da agricultura do estado de São Paulo teve seu nome escolhido para denominar a cidade. Disponível em: <<http://www.candidomota.sp.gov.br/>>. Acesso em 31 de out. 2019.

⁵¹ A data 26 de outubro continua sendo a data representativa do aniversário da cidade, inclusive é feriado municipal.

⁵² *Ibidem*, 1990, p. 18.

1.2 A Igreja Católica no município

Se a ferrovia foi o elemento propulsor para interesse de fixação desse povoado, o prédio da Igreja Matriz Católica passou a representar o símbolo da religião cristã, em específico da Igreja Católica, no município. Sua construção passou por três fases: capela de madeira, de 1913 até 1922; ampliação da capela de madeira, de 1922 até 1925; construção da igreja de tijolos em 1925; e construção de uma igreja maior de tijolos, em 1956, de estilo colonial, ao redor da igreja existente até então. A menor foi demolida em 1958, pois as partes mais importantes da igreja maior já estavam construídas⁵³.

A igreja passa a ser matriz em “[...] 15 de setembro de 1927, quando Dom Carlos da Costa, Bispo de Botucatu, por meio de um decreto, erigiu canonicamente a Paróquia de Cândido Mota sob o título de Paróquia de Nossa Senhora das Dores⁵⁴.”

Imagem 2: Igreja Católica Matriz antiga da cidade⁵⁵



Fonte: Foto sem data, disponível no site oficial do município: <http://www.candidomota.sp.gov.br/> acesso em 31/10/2019.

⁵³ Registros da secretaria da Paróquia Nossa Senhora das Dores de Cândido Mota/SP.

⁵⁴ Registros da secretaria da Paróquia Nossa Senhora das Dores de Cândido Mota/SP.

⁵⁵ Trata-se da igreja que existiu de 1925 a 1958 no local onde está a igreja matriz atual.

As fotos da igreja e da comunidade envolvida em sua construção, sob liderança do Monsenhor David, foram inseridas nessa pesquisa para que possamos analisar as características religiosas da população do município de Cândido Mota, cidade de nosso recorte.

Imagem 3: Foto de mutirão organizado pelo padre Davi⁵⁶



Fonte: A foto está num quadro exposto na Biblioteca Municipal.

Imagem 4: Fotografia de Monsenhor David⁵⁷



Fonte: A foto está num quadro exposto na Biblioteca Municipal.

⁵⁶ Na legenda: 144) MUTIRÃO ORGANIZADO PELO PADRE DAVI. (Década de 1940)

⁵⁷ Na legenda: 88) MONSENHOR DAVID.

O site oficial da Prefeitura⁵⁸ e a organização física da Biblioteca Municipal⁵⁹ apresentam muitas fontes sobre a cidade. A forma como estas fontes estão organizadas e expostas nesses locais nos levam a pensar acerca do peso da religião na vida das pessoas e na trajetória do município.

Partindo do pressuposto de que as imagens constituem um objeto com mensagens visuais, e essas mensagens podem ser decifradas, faz-se importante um olhar aguçado para essas fontes visuais. Joly⁶⁰ faz uso da semiótica para abordar a complexidade de natureza entre imitação, sinal e convenção da imagem. Com este olhar semiótico, percebemos as fotografias em questão como produto da expectativa de alguém, seja do poder público municipal ou da própria comunidade, num contexto de representar algo sobre a cidade. Elas estão em locais de destaque, sejam estampadas no site ou em quadros nas paredes da biblioteca. Carregam consigo a ligação entre comunidade e religião ao longo do tempo. São fotografias antigas de um período onde só se fotografava situações de extrema importância para os indivíduos, diferente de hoje, com os recursos tecnológicos que temos, qualquer cena banal é registrada em celulares e câmeras digitais. Registrava-se o que se queria deixar para a posteridade, no caso, o prédio da igreja, o Monsenhor que liderava a construção e reforma desse imóvel e a comunidade reunida nesse contexto. Configuram a imitação dos elementos que representavam valor à comunidade, símbolos que eram sinal de convenção sobre as atividades comunitárias que obedeciam aos entendimentos prévios com normas baseadas na experiência coletiva.

Como expectadores, olhamos para as mesmas pensando compreendê-las como simples registros universais de acontecimentos. No entanto, registros como estes representam muito mais. Trata-se de uma relação complexa entre algo pessoal com algo mais coletivo, como bem nos alerta Peirce⁶¹. O que é representado numa imagem retrata um momento x, numa circunstância y. Suscita, no receptor da mesma, relações pré-estabelecidas de intenções dos autores e também ações inconscientes deles. Dessa forma, as imagens acabam sendo meios de expressão e comunicação que nos ligam às tradições mais antigas e mais ricas de nossa cultura. Elas são signos que acompanharam parte da

⁵⁸ <www.candidomota.sp.gov.br>

⁵⁹ Biblioteca Municipal: Lucilene Gurgel Yera se encontra à Rua Fadlo Jabur, 487, Cândido Mota/SP.

⁶⁰ JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996.

⁶¹ PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

história da humanidade e representam situações que fizeram e fazem sentido identitário aos indivíduos. Nesse caso, na representação da religião dentro desta comunidade.

A Igreja Católica da religião cristã, de origem europeia, trazida pelos povoadores da região, se propagou dentre a comunidade que se fixou no local e passou a estar presente na trajetória do município. Divulgadas com destaque pelo poder público em representações sobre o passado, trazem consigo sentido à vida de grande parte dos munícipes. No entanto, não deixemos de mencionar, também, a existência de parte dos moradores cuja Igreja não é a católica e que não se sentem representados por esses símbolos.

Essas imagens nos ajudam a compreender que, desde criança, os indivíduos cresciam nesse ambiente da fé católica, alimentado por setores da cidade. Isso foi favorável à identificação de muitas dessas pessoas com a manifestação religiosa aos Três Reis Santos, que não era uma prática oficial da instituição católica, mas que tinha relação com o cristianismo católico. Ou seja, a forte religiosidade cristã católica da época contribuiu para que aderissem às atividades ligadas à adoração aos Três Reis Magos.

Imagem 5: Fotografia de membros eclesiásticos rodeados por fiéis da cidade⁶²



Fonte: Foto disponível no site oficial do município, sem data.
<<http://www.candidomota.sp.gov.br/>>. Acesso em 31 de out. 2019.

⁶² Trata-se da igreja que existiu de 1925 a 1958 no local onde está hoje a igreja matriz atual. A frente membros eclesiásticos rodeados por parte dos fiéis da cidade. No site a foto está com esse reflexo de luz.

Nesta imagem é possível identificar autoridades eclesiais da Igreja Católica, ao centro, rodeadas de pessoas de diversas faixas-etárias, inclusive crianças. Todos estão em pose para a fotografia, organizados para o registro. Num olhar pautado em métodos de Peirce e Joly, precisamos levar em conta as expectativas do momento e o contexto dessa aparição do grupo. O retrato acaba sendo argumentativo, dotado de convenção e intenção. Convenção por simbolizar a dinâmica de vida da época pautada na Igreja Católica, e intenção por demonstrar a preocupação em registrar esse contato entre comunidade e membros da Igreja como algo importante para ambas as partes. Fotografias como essa, como expôs Burke⁶³ ao escrever sobre imagens, dão acesso às visões contemporâneas daquele mundo. Portanto, eventos da Igreja eram bastante frequentados pela comunidade, inclusive alguns deles registrados em retratos.

Nessa conjuntura, os pais educavam seus filhos dentro dos ritos do catolicismo, o que estimulava o desenvolvimento de crenças religiosas e o desenvolvimento do sentimento de fé em relação a Deus e aos santos para o alcance de pedidos. Mesmo numa esfera separada, por se tratar de uma religiosidade popular, está inserida a Festa de Reis nesse universo.

1.3. A religiosidade católica popular no município

Paralela ao desenvolvimento da Instituição Católica no município, a religiosidade católica popular se desenvolveu dentre os grupos de moradores da cidade, como é o caso da formação da Companhia de Reis em estudo. Na década de 1920, quando Vicente Modesto de Oliveira (popular Vicentinho da Laje), pai de Antoninho Vicentinho de Oliveira (Toninho Leiteiro), fundou a Companhia de Reis “Estrela do Oriente”, estava inserido num ambiente de fé tanto da instituição da Igreja, como na manifestação popular aos Três Reis Santos.

1.3.1. O nome da Companhia

A denominação “Estrela do Oriente”, que designa a Companhia de Reis da família do senhor Toninho Leiteiro, contém significados sobre os rituais realizados por este grupo

⁶³ BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

e sobre as crenças envolvidas nessas atividades de fé e devoção realizadas. De acordo com a crença popular e com os ritos bíblicos católicos, os Três Magos⁶⁴ eram sacerdotes na região da Mesopotâmia e integravam a religião criada pelo profeta persa Zoroastro. Eles acreditaram, por inspiração, que do céu receberiam um sinal de anunciação do nascimento de Jesus. Esse sinal de Deus seria a Estrela Guia. Prontificaram-se então a segui-la. Dessa forma, o nome da Companhia de Reis em Cândido Mota representa a continuidade de uma crença do grupo, que remonta a um significado antigo da estrela como um sinal.

Na Bíblia essa passagem está citada no evangelho de Mateus:

- 1 "Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do Oriente a Jerusalém.*
- 2.Perguntaram eles: "Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo".*
- 3.A essa notícia, o rei Herodes ficou perturbado e toda Jerusalém com ele.
- 4.Convocou os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo e indagou deles onde havia de nascer o Cristo.*
- 5.Disseram-lhe: "Em Belém, na Judeia, porque assim foi escrito pelo profeta:
- 6.E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as cidades de Judá, porque de ti sairá o chefe que governará Israel, meu povo" (Mq 5,1).
- 7.Herodes, então, chamou secretamente os magos e perguntou-lhes sobre a época exata em que o astro lhes tinha aparecido.
- 8.E, enviando-os a Belém, disse: "Ide e informai-vos bem a respeito do menino. Quando o tiverdes encontrado, comunicai-me, para que eu também vá adorá-lo".
- 9.Tendo eles ouvido as palavras do rei, partiram. E eis que a estrela, que tinham visto no Oriente, os foi precedendo até chegar sobre o lugar onde estava o menino e ali parou.
- 10.A aparição daquela estrela os encheu de profunda alegria.
- 11.Entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram. Depois, abrindo seus tesouros, ofereceram-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra.
- 12.Avisados em sonhos de não tornarem a Herodes, voltaram para sua terra por outro caminho."⁶⁵

Assim como os Reis Magos teriam seguido a estrela vinda do oriente para encontrar o menino Jesus que acabara de nascer, a Companhia de Reis, na atualidade, realizaria um cortejo com seus foliões passando por diversas residências do campo e da cidade, revivendo a viagem dos Reis do Oriente para Belém. Em Cândido Mota, essa trajetória ocorre anualmente no período de 25 de dezembro a 4 de janeiro. Em 6 de janeiro acontece a festa, na qual os alimentos arrecadados durante esses dias são preparados e

⁶⁴ Eram considerados magos devido o conhecimento de astrologia que possuíam.

⁶⁵ **BÍBLIA** SAGRADA. (101ª Ed. Revisada por Frei João Pedreira de Castro, O.F.M., e pela equipe auxiliar da Editora). São Paulo: Ave Maria; Claretiana, 1996. (Mateus:1-12)

oferecidos à população que comparece para prestigiar o festejo. Os devotos mantêm esse costume em comum de forma anual, que, mesmo em meio às mudanças na sociedade e no tempo, continua sendo realizado, propagando certa coesão social, como diria Thompson⁶⁶.

Os presentes que os Magos ofertaram ao menino Jesus representam, para estes devotos e foliões, muitos dos elementos que tentam externar nas ações da Companhia. A seguir, descrição produzida pelos devotos em suas memórias escritas.

O Rei Baltazar, o mais velho, ofertou incenso, representando a divindade, louvação e misericórdia, simbolizando e homenageando Jesus Deus.
 Rei Gaspar ofertou mirra, resina extraída de uma pequena árvore que cresce no Oriente Médio, representando a paixão, o sofrimento, a dor e o amor ao próximo, simbolizando Jesus Homem.
 Rei Melchior, o rei negro, presenteou Jesus com ouro, representando a realeza, o poder, homenageando-o como Jesus Rei.
 Pelos presentes recebidos pelos Três Reis Santos, o Menino foi homenageado como Deus, Homem e Rei.⁶⁷

1.3.2. A figura dos Três Santos Reis no tempo

A descrição dos fiéis da Companhia “Estrela do Oriente” sobre os Três Magos está composta por elementos que Jacqueline Antonio⁶⁸ trabalhou em sua dissertação, cujo recorte era o patrimônio de Nova Almeida, no estado do Espírito Santo. Ela fez um levantamento sobre a construção da narrativa em relação aos Três Magos ao longo do tempo. Há uma historicidade em torno dos Três Reis, um imaginário construído sobre a composição étnica-racial deles. As figuras denominadas: Baltazar, Melchior e Gaspar, hoje adoradas nos rituais da Folia de Reis como santos intercessores e milagrosos pelos fiéis, foram mudando ao longo do tempo dentro da narrativa cultural.

⁶⁶ THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**: estudo sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia Das Letras, 1988.

⁶⁷ Livreto impresso pela família do senhor Toninho Leiteiro em 2017, e entregue aos devotos nas visitas as residências. Capa colorida, folhas internas em preto e branco, 24 páginas. O trecho em destaque está na p.7).

⁶⁸ ANTONIO, Jacqueline R. **Entre Alegorias e Simbolismos**: a representação dos Reis Magos no retábulo jesuíta no patrimônio de Nova Almeida (Espírito Santo). 2016. 141f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, 2016.

Os Magos, no princípio da história do cristianismo, eram vistos apenas como estrangeiros que foram adorar a Jesus menino, seguindo a tradição bíblica do Evangelho de Mateus e de alguns apócrifos, como o Protoevangelho de Santiago, Evangelho do Pseudo Mateus e Evangelho Árabe da Infância. Posteriormente vemos que de simples Magos, passaram a ser Reis Magos, e, com a transladação das supostas relíquias destes homens para a Catedral de Colônia, ficaram conhecidos como santos.⁶⁹

A respeito dessa transladação dos corpos dos Três Magos, Antonio está se referindo ao traslado de 1164 realizado para a Catedral de Colônia, na atual Alemanha. Antes, eles haviam sido levados para Milão, perto do século IV ou V. Colônia passou a ser local de peregrinações religiosas devido às relíquias dos Magos. Imagens da visita e adoração deles ao menino Jesus passaram a ser construídas, o que fortaleceu a peregrinação aos seus restos mortais. O culto aos magos como reis e santos se difunde pela Europa por diversas regiões. Em Portugal, o tema é inserido no teatro de Gil Vicente.

Acerca das relíquias e da trajetória destas no tempo, usemos um trecho de Dupront⁷⁰ para uma reflexão no que tange a alma coletiva:

Tudo tem seu objeto de fixação: o culto de corpos de santos ou de relíquias, culto de lugares sagrados inscritos diversamente no cosmos e na história, adoração de imagens ou de outros objetos, oratórios à beira dos caminhos ou cruzeiros nas encruzilhadas, esses impulsos de adorar ou de recorrer que se agitam na alma coletiva. É fixação que, evidentemente, impõe consciência e resposta. Pelo objeto, o influxo sagrado retorna ao homem em oração, multiplicando a sua energia criadora. [...] troca de recursos sagrados na qual o objeto, sem palavras e fora de qualquer razão, impõe a manifestação.⁷¹

A alma coletiva se forma e a religiosidade dos indivíduos se manifesta por meio de ações de fé diante de relíquias. A relíquia em Colônia, com os corpos dos Três Magos, impulsionou manifestações de fé das pessoas que culminaram posteriormente nas Companhias de Santos Reis. Esse passado tem forte ligação com o presente da Companhia “Estrela do Oriente” no que tange à continuidade dessa crença na “Estrela Guia” como um sinal que os orienta. Sobre a veneração às relíquias, Dupront:

Tanto mais para a propagação dos cultos e esse ato fundamental que é, para um lugar de culto, a marca eletiva do padroeiro estão estreitamente ligadas à circulação e à veneração das relíquias. [...] Autênticas ou artificiais, essas relíquias encontram-se, natural ou psiquicamente, carregadas de sacralidades, e o seu comércio terá sido, durante pelo menos um milênio, a fome sagrada do

⁶⁹ *Ibidem*, 2016, p. 25.

⁷⁰ DUPRONT, Alphonse. A religião: Antropologia religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988. p. 83-105.

⁷¹ *Ibidem*, 1988, p.87.

Ocidente cristão. [...] o simples desenvolvimento geográfico de uma expansão do culto liberta proximidades de alma e, na medida em que se trata de sociedades étnicas diferentes, seja um impulso irracional de unidade, seja contrastes que fazem nascer a fábula ou formam a ideia de uma pessoa, seja, numa maneira do que é “comum”, uma exigência de sagrado mais essencial à condição cristã.⁷²

Relíquias carregadas de sacralidade acabam por alimentar diferentes sociedades étnicas a caminhar numa mesma fé, no caso, a cristã. De magos a reis, de reis a santos. Os homens que visitaram o menino Jesus passaram por diferentes representações até chegar à concepção de santos milagrosos pelos devotos. Eram considerados magos devido à religião mística do Oriente, da qual faziam parte, e ao conhecimento científico que possuíam, na época considerado magia. Depois passaram a ser considerados reis no período medieval. De acordo com Antonio⁷³, João de Hildesheim (?-1375), que viveu na corte de Avignon, na França, na ocasião do pontificado de Clemente VI, tais personagens sempre foram reis devido a um interesse por posse de terras. Os, então, Reis teriam deixado terras para outros reis, seus familiares, os Vaus. Era a necessidade de provar a realeza destes, para legitimar a posse de terras dessa família. O *status* de reis acabou também por ter impacto na fé cristã sobre a passagem da visita ao menino Jesus. Vejamos um trecho de Jaqueline Antônio sobre a figura dos Três Reis na memória coletiva: “[..] os magos, como reis, fazem parte do lugar de memória do imaginário coletivo e auferiu este status através de uma construção histórica”.⁷⁴

Com o renascimento urbano, comercial, cultural e científico, ocorre a expansão ultramarina. Os portugueses chegam à América e logo trazem consigo os jesuítas da Companhia de Jesus, com a finalidade de evangelizar os preceitos cristãos aos que encontrassem pelo caminho. A crença nos três magos como reis e santos segue esse processo e chega até às terras colonizadas pelos portugueses, como é o caso do Brasil. Na cidade de Cândido Mota, ela tem origem no início do século XX, como já mencionado anteriormente.

Esses aspectos de fé nos Reis Magos são reiterados pela devoção dos fiéis ainda nos dias atuais, em várias partes do país. Em certas origens dessas manifestações, encontram-se elementos fascinantes para explicar tal devoção. Entre esses aspectos está

⁷² *Ibidem*, 1988, p.94.

⁷³ ANTONIO, Jacqueline R. **Entre Alegorias e Simbolismos**: a representação dos Reis Magos no retábulo jesuíta no patrimônio de Nova Almeida (Espírito Santo). 2016. 141f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, 2016.

⁷⁴ *Ibidem*, 2016, p.19

a crença no sobrenatural no contexto de religiosidade para as pessoas que buscam proteção para o enfrentamento de suas mazelas. Por exemplo, Antoninho Vicentinho de Oliveira (Toninho Leiteiro), em uma passagem da entrevista cedida para essa pesquisa, relata um episódio do ano de 1943. Devido a um acidente com Toninho, que ainda era criança, seu pai Vicentinho teria feito uma promessa aos Três Reis Magos para alcançar sua cura. Ele teria caído de um carro de boi e a roda passado por cima de sua cabeça. Em decorrência, o pai prometera que ele seguiria os ritos do festejo nos dias que antecedem o dia 6 de janeiro caso saísse daquela situação curado e sem sequelas. Toninho, então com sete anos de idade, esteve curado, segundo sua fé, devido ao poder dos Santos Reis junto a Deus. A partir desse momento, acompanhou o festejo anualmente, até o falecimento de seu pai em 1958, conforme relata em seu depoimento, transcrito abaixo.

ALINE: Como foi seu primeiro contato com a Folia de Reis? [...] Desde criança o senhor acompanhou?

TONINHO LEITEIRO: Desde os sete anos estou na Companhia. Fui montar numa carreta de boi, cáí, a roda passou por cima da minha cabeça. Meu pai me trouxe no médico, o médico falou: não tem cura. Meu pai falou assim: se ele sarar, ele vai acompanhar a Folia de Reis. Eu sarei. Estou até hoje.⁷⁵

A fé em poderes especiais dos santos se faz presente nas falas de senhor Toninho Leiteiro. Com esse depoimento, representa o pensamento de todo um grupo de devotos que também assim pensa, sente e age perante as figuras dos Três Magos. Seu pai lhe apresentou esse universo de fé no sagrado, assim como muitos outros pais o fizeram com seus filhos. Esse sentimento de fé se desabrocha com maior intensidade diante dos percalços da vida, como enfermidades, acidentes e demais situações de dificuldade. Por meio de pedidos e promessas, os devotos firmam elos com os Três Reis Magos esperando cura, auxílio e proteção.

A antropologia dá elementos para a análise dessa visão de mundo presente em muitos grupos humanos. Numa análise sobre a religião, por exemplo, Dupront⁷⁶ levanta

⁷⁵ Entrevista [03 out. 2019]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistado: Antoninho Vicentinho de Oliveira. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. (1:00:58). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

⁷⁶ DUPRONT, Alphonse. A religião: Antropologia religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988. p. 83-105.

alguns pontos sobre essa crença no sagrado e na esperança dos devotos sobre a manifestação do sobrenatural vindo ao encontro de suas orações:

O objeto sagrado cura lá onde os remédios caseiros e a medicina popular não são suficientes, num encontro extraordinário em que intervêm a crença no sobrenatural, algumas vezes a manifestação do sobrenatural, a exigência humana de integridade, do normal e do não-sofrimento e o desenvolvimento de uma energia vital sem medida. Esse objeto toma forma humana no mundo cristão: o que permite o recurso à palavra, mesmo muda. E orar pela cura, pedir a cura, já é curar-se. Tão comum e tão aguda quanto a doença é a terapia.⁷⁷

Diante da cura que vivenciou e da fé que esta ocorreu por intermédio dos Três Santos Reis, Toninho Leiteiro permaneceu com seu pai nas atividades da Companhia até que seu pai veio a falecer. A partir de 1958, a Companhia ficou sem atividades por três anos, até que, em 1961, voltou a funcionar. Para explicar essa retomada das atividades da Companhia, Toninho Leiteiro recorre novamente à sua forte fé no sobrenatural. Ele afirma ter tido uma visão, por volta das cinco horas da manhã, num dia de trabalho comum. Segundo ele, estava na estrada, próximo à porteira do sítio, quando viu seu pai lhe questionar o porquê do encerramento das atividades da bandeira, pedindo-lhe que continuasse com os rituais do festejo. Desde então, o festejo volta a acontecer, agora sob a liderança de Toninho Leiteiro.

ALINE: Como essa Companhia, da qual o senhor participa, teve início? Como ela começou? A origem dela?

TONINHO LEITEIRO: Começou no ano de 1928. Meu pai tocou até ele morrer, depois passei a tomar conta eu.

ALINE: O senhor é o segundo que tomou frente depois do pai do senhor?

TONINHO LEITEIRO: É.

ALINE: Foi o senhor quem quis? Ou ele deixou um pedido para o senhor?

TONINHO LEITEIRO: Depois de três anos que ele faleceu, a bandeira ficou parada três anos. Eu ia indo para o sítio buscar o leite. Naquele tempo não tinha asfalto, era só terra. Eu estava indo com o carrinho. Na estrada deu um clarão no céu, veio de encontro comigo no carrinho. Eu toda vida fui religioso. A luz chegou em mim, meu pai sentou de a par comigo e me falou: meu filho, por que parou com a festa de reis? É a única festa que reúne o pobre e o rico. O rico dá e o pobre come. Ele falou bastante coisa da festa, mas eu só escutei isso. Quando eu voltei em si já estava na porteira para buscar o leite. Foi às 5 horas da madrugada. Aí voltei, falei com minha mãe. Ela falou assim: então reúne o povo. Eu fui atrás do embaixador⁷⁸. Chegou no dia do ensaio da bandeira, naquele tempo era uma festa no dia de natal, no ensaio da bandeira. Daí chegou a hora para rezar o terço, me falaram: o embaixador não veio, não

⁷⁷ *Ibidem*, 1988, p. 88.

⁷⁸ Embaixador, sinônimo de mestre nos ritos. Aquele que está à frente da cantoria, faz os versos e é respondido pelos demais cantores.

tinha embaixador. Daí entrei no quarto, uma voz falou assim: pega e ensaia. Daí sai do quarto meio apavorado, naquele tempo de natal ficava afinadinha as violas, dava até gosto de ver. Entrei no quarto, aquela mesma voz falou: pega e ensaia. Eu nunca tinha tocado viola, nunca tinha tocado na frente. Aí procurei a mãe. Ela falou assim: é o seu pai. Você ensaia, que Deus ajuda você. Aí criei coragem. Tinha um contramestre⁷⁹ bom de tocar viola, chamei ele no quarto e falei assim: você me ensina tocar viola igual você? Até hoje eu toco viola na corda solta, não aprendi. E aí falei: vamos rezar o terço, e saí cantando, cantei 13 anos na frente como embaixador. Até que apareceu um pretinho⁸⁰ bom de cantoria também, inteligente pessoa, foi cantar no meu lugar e passei a tomar conta da companhia. Ele é inteligente, dava gosto de ver ele cantar.⁸¹

Portelli, quando analisa falas com falta de evidências históricas – que também servem para crenças no utópico, como a apresentada na entrevista – por meio da análise historiográfica e antropológica, chama de “narrativa ucrônica”. Na visão deste autor, trata-se da narrativa de uma situação, apresentada pela pessoa, movida por forte emoção, da forma que ela deseja que tenha acontecido. Assim, devido à perda de seu pai e da promessa feita a ele de que daria continuidade ao segmento da Companhia de Reis, o senhor Toninho Leiteiro poderia ter idealizado e internalizado essa visão, criando um mundo alternativo para conseguir retomar a promessa e cumpri-la. O sentimento de culpa com o cessar das atividades da Companhia pode ter lhe levado a adentrar nessa construção visionária e lhe ter encorajado a reaver os ritos aos três reis santos, como aconteciam anteriormente com seu pai em vida.

No entanto, para os foliões e devotos, a narrativa é vista de outra maneira. Em depoimentos emocionados, tomam essa passagem com bastante seriedade. Acreditam que a visão foi um sinal divino para a continuidade do festejo na cidade para a adoração aos Santos Reis e à realização da festa à toda a comunidade.

Movido por sua fé, convencido daquilo que viu e daquilo que pretendia fazer, que era a continuidade da manifestação religiosa em forma de ritos, cantoria e festa, Toninho Leiteiro retomou as atividades da Companhia junto aos familiares e à comunidade local. Eis que então essa passagem é contada a todos e por todos com emoção, tornando-se parte da memória do grupo. Devido suas características, trata-se de uma “memória

⁷⁹ Contramestre, é a segunda voz, aquele que responde ao embaixador, repete partes das frases que ele elabora no momento da cantoria.

⁸⁰ Expressão bastante utilizada e naturalizada entre as gerações passadas. No entanto, ela traduz o preconceito naturalizado e enraizado socialmente contra as pessoas de cor preta.

⁸¹ Entrevista [03 out. 2019]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistado: Antoninho Vicentinho de Oliveira. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. (1:00:58). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

enquadrada”, segundo o conceito usado pelo sociólogo Pollak⁸². Representa a memória que permanece já há várias décadas, que é repetida até a atualidade, aquela que o grupo enxerga como ideal e reproduz de forma a se reafirmar com sua crença e atividades no entorno em que se encontra.

Com o intuito de obter contato com esta memória, foram realizadas entrevistas com membros do grupo. Os depoimentos orais foram importantes. Tanto em questões relacionadas ao início das atividades da Companhia, como em sua continuidade e sentidos para o grupo. Devido à preocupação de reduzir qualquer “violência simbólica”⁸³ sobre os depoentes, cuidados foram tomados desde a escolha das pessoas interrogadas, da linguagem utilizada nas perguntas, até a relação de escuta ativa e metódica de forma a estimular a colaboração dos envolvidos, cujos perfis foram sistematizados no Quadro 2, a seguir, denotando graus de escolaridades diferenciadas bem como de profissões.

Quadro 1: Características dos depoentes das entrevistas orais

Nome	Data de nascimento/ Idade	Escolaridade	Profissão	Função na festa
Antoninho Vicentinho de Oliveira (Toninho Leiteiro)	21/04/1936 85 anos	Até a 5ª série	Agricultor	Mestre (embaixador); Festeiro de 1961 a 2015
Rosmaly Santa de Oliveira Barbosa	29/03/1959 62 anos	Curso de nível técnico	Educadora Social	Filha de Toninho e ajudante ativa na cozinha e preparo dos alimentos para a festa
Alcides João Roela	21/03/1957 64 anos	2ª série (3º ano) primário	Serviços Gerais	Folião (violão e contra-mestre) de 2006 – 2010 nessa Companhia
Aparecido Donizeti Ireno	01/03/1965 56 anos	7ª série (8º ano primário)	Agricultor	Voluntário no abate de animais dias antes para a festa e no dia, junto com sua esposa, no preparo de alimentos.
Pedro Henrique Gonçalves	20/08/1997 23 anos	Ensino superior (cursando engenharia agrônoma)	Vidraceiro	Mestre (embaixador)

Fonte: Quadro produzido pela autora para organizar as informações básicas sobre os depoentes selecionados para as entrevistas orais.

⁸² POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 2, 1989.

⁸³ BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: _____. **A miséria do mundo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 693-713.

De acordo com a memória do grupo e também por meio de dados históricos, os ritos então prosseguiram com recorrência. Nas décadas posteriores a 1960, a história política do município ganha proximidade às atividades da Companhia e à festa em si. Um fato novo que contribuiu para tal aproximação foi Toninho Leiteiro ter sido eleito vereador do município em 1983. Ele exerceu dois mandatos, de 1983-1988, quando foi presidente da câmara, e de 2001-2004, ano em que chegou a ser segundo secretário. Seu filho, David Aparecido de Oliveira, também foi eleito vereador de 1997-2000, de 2005-2008, de 2009-2012 e de 2017-2020⁸⁴, conforme exposto no Quadro I.

Quadro 2: Dados políticos da família Oliveira (Leiteiro)⁸⁵

Nome	Data de nascimento	Escolaridade	Profissão	Mandatos vereador e partido político
Antoninho Vicentinho de Oliveira (Toninho Leiteiro)	21/04/1936 85 anos	Até a 5ª série	Agricultor	1983-1988 - PMDB 2001-2004 – PRP
David Aparecido de Oliveira (filho de Toninho Leiteiro)	25/05/1962 59 anos	Gestão Pública	Agricultor	1992-1996 - PDC 1997-2000 - PRP 2005-2008 - PRP 2009-2012 - PHS 2017-2020 - PR

Fonte: Quadro elaborado pela autora para esta dissertação baseado nos dados do site: <https://www.camaracandidomota.sp.gov.br/>; e em entrevistas com os envolvidos.

Essa relação do líder da Companhia “Estrela do Oriente” e de seu filho com a política local, ilustra como os mesmos são figuras conhecidas no município devido ao envolvimento com o futebol amador, mas principalmente devido às festividades e aos ritos da Companhia de Reis, da qual estão à frente. Essa notoriedade os fortaleceu diante do eleitorado municipal, que, participante dessa manifestação cultural religiosa, optou por candidatos com atividades ligadas à crença que lhes representa na comunidade. Ambos desempenham papéis e contatos com a comunidade em vários segmentos, os aproximando da política.

⁸⁴Dados disponíveis em: <<https://www.camaracandidomota.sp.gov.br/>>. Acesso em 10 de set. de 2020.

⁸⁵Dados colhidos no site da Câmara dos Vereadores de Cândido Mota/SP: <https://www.camaracandidomota.sp.gov.br/> e confirmados com os filhos do senhor Toninho Leiteiro, via celular devido a pandemia de Covid -19, Rosmaly e David. Acesso ao site em 10 de setembro de 2020.

No primeiro ano em que foi eleito vereador (1983), também foi produzida uma reportagem sobre a Companhia “Estrela do Oriente” e a Festa de Reis no jornal impresso da cidade. Inclusive, este é o marco inicial de nosso recorte nessa pesquisa. A partir desse contato com a câmara municipal por meio da figura de Toninho Leiteiro, as reportagens em jornais sobre a Festa de Reis, referentes à manifestação cultural dos membros da Companhia e de seus devotos, passam a aumentar. Diante desse volume maior de fontes, localizamos nossa investigação acerca da natureza imaterial das manifestações aos Santos Reis. A Companhia conseguiu mais espaço nas mídias, verbas da prefeitura e notoriedade, com um de seus membros ocupando uma cadeira na Câmara no legislativo da cidade. Foram várias edições dessas festas retratadas nos jornais impressos da cidade.

As festas religiosas dessa natureza, como é possível de se constatar, não estão subordinadas ao catolicismo oficial. No entanto, existe um liame com a instituição que aceita as atividades de fé dos devotos; o grupo propulsor das mesmas desenvolve ações próprias de organização e fé, o que não os separa, nem os exclui da Igreja. Os festejos religiosos acabam sendo exemplos de manifestações religiosas populares em forma de visões, crenças e devoção em alguma entidade ou santo, do que atividades oficiais do catolicismo. De forma independente, os sujeitos se organizam em manifestações religiosas que lhes representam um sentido. Em algumas situações, são reafirmadas em conexões entre o terreno e o celestial, onde alguém ocupa a posição de mediador. Nesse caso, da Companhia “Estrela do Oriente”, o senhor Toninho Leiteiro exerce essa função com a visão que afirmou ter tido no início da década de 1960 e que compartilhou com o grupo de devotos em Santos Reis. Todo o trabalho realizado em oferta aos Três Santos – em forma de música, dança, rezas, giros pelas casas e a festa em 6 de janeiro – se fortalece devido a essa necessidade de corresponder à relação terrena com os santos nos céus, dotados de poderes sobrenaturais capazes de atender aos pedidos dos fiéis devotos em exercício ativo da fé.

Thiago Tavares⁸⁶ nos ajuda a pensar nessa questão acerca da religiosidade católica popular e da presença do santo. Na visão de mundo dos devotos, a figura do santo é extremamente sagrada, capaz de mobilizar e agrupar pessoas com fins parecidos diante

⁸⁶ TAVARES, Thiago R. A religião vivida: expressões populares de religiosidade. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 10, n.2, p. 35-47, jul-dez/2013.

desse ser considerado supremo, numa relação emocional entre o grupo e a divindade cultuada, respeitada, temida e amada.

Na prática popular da religiosidade católica o elemento central é o santo. Sendo que a concepção popular sobre os santos vai além da noção pregada pela Igreja. Existindo também diversas formas de cultuá-los, existindo cultos domésticos ou públicos. Os domésticos são os mais simples e tem como elemento estrutural a relação direta e pessoal entre o devoto e o santo. Os cultos públicos envolvem um grande número de pessoas tendo como exemplo as romarias e as festas dos santos.⁸⁷

Nas festas dessa natureza, há, frequentemente, a presença do santo de devoção daquele grupo num culto público. No caso do objeto dessa pesquisa, três santos, os Três Santos Reis Magos, Gaspar, Balthazar e Belchior (ou Melchior). Os santos são tratados com intimidade, num elo familiar na relação com os devotos. A bandeira⁸⁸ com a imagem dos mesmos num tecido é o símbolo que mais expressa a figura dos Três Santos Reis para os devotos e ela é tratada por eles com especial cuidado e devoção.

[...] estão presentes na terra através de suas imagens, que equivalem à própria pessoa do santo. É como se a imagem estivesse viva (Oliveira, 1983). Na experiência popular se busca uma figura humana capaz de ouvir seus apelos e resolver seus problemas (Passos, 2002). Por isso a relação pessoal entre o fiel e a imagem do santo, com ela se conversa, se enfeita, acendem-se velas e são agradecidos os milagres alcançados. A imagem sai à rua, participa de procissões, recebe e faz visitas. A imagem do santo tem um lugar de evidência no culto popular.⁸⁹

Assim como algumas figuras bíblicas, como os patriarcas do antigo testamento, os Três Magos também são considerados santos pela Igreja e não apenas pelos devotos que promovem essas manifestações. Todo o ritual perante os Três Santos está presente na religiosidade popular católica dos devotos, envolvidos das Festas de Santos Reis em Cândido Mota. É comum o diálogo direto entre fiéis com os santos por meio de orações, pedidos e promessas.

Os santos são como companheiros dos seus devotos em todos os momentos da vida. Uma ocasião especial de ligação entre a religião e a vida – principalmente nas zonas rurais – é a festa do santo, que representa o culto coletivo no espaço público (Zaluar, 1983). A religiosidade popular tem por essência a prioridade da vida coletiva e a festa envolve toda a comunidade. Cabe ao festeiro ou a

⁸⁷ *Ibidem*, 2013, p. 45.

⁸⁸ Mais à frente retomaremos a análise desse símbolo.

⁸⁹ *Ibidem*, 2013, p. 37.

comissão de devotos, mobilizar a comunidade para a preparação da festa do santo.⁹⁰

Essa mobilização descrita por Tavares realmente se concretiza no festejo aos Santos Reis anualmente. Todo um trabalho acaba sendo realizado pelo grupo para que a festa⁹¹ aos Santos Reis aconteça. O envolvimento da comunidade com o festejo é visível na cidade durante o período de 25 de dezembro a 6 de janeiro: os foliões são vistos pelas ruas do município fazendo cantorias nas casas de fiéis, assim como na zona rural. Além do mais, estão frequentemente presentes nas redes sociais dos munícipes, como Facebook, Instagram e sites informativos e jornalísticos da cidade e região.

Dessa forma, e diante desses elementos apontados, as manifestações religiosas da Companhia de Reis “Estrela do Oriente”, em Cândido Mota/SP, passam pelo catolicismo oficial com suas doutrinas, regras, sacerdotes e fiéis, considerando que as pessoas frequentam as duas esferas de religião: os ritos oficiais do catolicismo e as manifestações populares religiosas. No entanto, é na religiosidade católica popular que nosso recorte está representado.

1.4 A Manifestação Religiosa e a festa nos anuários municipais

Na imprensa local escrita, a Festa de Reis é representada desde a década de 1970, mas de maneiras diferentes ao longo dos anos. Isso ocorre em mais de um jornal e em algumas edições destes. No levantamento realizado nos anuários localizados na biblioteca municipal⁹², foram encontrados aspectos dessa manifestação religiosa cultural representados de maneiras distintas. Foi possível verificar notícias, publicidades associadas ao tema e textos reflexivos na sessão de variedades.

No jornal *Voz de Cândido Mota*, foram publicadas notícias datadas de 1972, 1973, 1983 e 1984, além de propagandas e textos aleatórios da área de variedades na década de 1970. Depois, no jornal *CM Notícias*, apareceram notícias datadas de 1998; e no *O Diário do Vale*, notícias são publicadas referentes aos anos de 2002, 2006, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2015/16 (edição com últimos dias de dezembro de 2015 e primeiros dias de janeiro de 2016), 2016.

⁹⁰ *Ibidem*, 2013, p. 42.

⁹¹ Trataremos das características específicas da festa de Santos Reis no capítulo 3.

⁹² Biblioteca Municipal: Lucilene Gurgel Yera se encontra à Rua Fadlo Jabur, 487, Cândido Mota/SP.

A presença da temática dessa manifestação cultural no jornal em determinados períodos de tempos apenas, e não em outros, não resulta de algo natural, mas, conforme a historiadora Tânia Regina de Luca adverte, há um conjunto de características de um contexto que corroboram para o que foi selecionado ou não para uma publicação⁹³. Num olhar sobre esses elementos, é possível uma análise sobre o contexto, palco das publicações.

Antes do ingresso do senhor Toninho Leiteiro à câmara dos vereadores, a temática “Santos Reis” foi registrada nos periódicos municipais de forma genérica, sem alusão à Companhia “Estrela do Oriente” ou mesmo à Companhia da família Godinho. Na década de 1970, essa manifestação cultural foi abordada de outra maneira no jornal *Voz de Cândido Mota*, diferente da forma que ocorreu nas décadas subsequentes. A memória de alusão aos Três Santos Reis já existia entre os munícipes – nesse caso, representada nas publicidades locais de final de ano de comerciantes e consumidores, no meio de reportagens mais gerais –, porém sem o registro específico das Companhias da cidade, apenas com alguns nomes de organizadores dos rituais. Na imagem a seguir, uma propaganda de um negócio local, associando a temática do Natal com os Três Santos Reis na década de 1970.

Imagem 6: Publicidade local nos periódicos envolvendo a história dos Santos Reis



Fonte: EDIÇÃO ESPECIAL DE NATAL, *Voz de Cândido Mota*, Cândido Mota, 24 dez. 1971.

⁹³ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153.

Na imagem, a figura dos Três Reis Santos está vinculada à publicidade de um escritório local de contabilidade. Esses signos foram utilizados como instrumento para a empresa se aproximar de seus clientes e alcançar novo público por meio da memória presente na comunidade local. Memória essa que já se arrasta de forma dinâmica de outros tempos e de outros locais do mundo. Por meio dessa publicação, que parece uma simples mensagem de fim de ano, é possível perceber intenções que vão além de simples felicitações. As crenças culturais e religiosas presentes na região foram projetadas no anúncio, seja pela empresa, por ideia de publicitários da mesma ou do jornal para fortalecer o vínculo entre as partes e gerar um capital simbólico positivo à empresa aos olhos do público do jornal. Outro dado não menos importante no anúncio diz respeito ao nome do proprietário dessa empresa contábil, Lorival José de Almeida, na ocasião prefeito da cidade.

O vínculo entre política e manifestação religiosa se apresenta, portanto, no periódico da cidade numa publicidade de final de ano. O prefeito associou seu nome e sua empresa à memória de devoção aos Santos Reis Magos. Tal ato demonstra a crença religiosa e cultural em questão como representativa da identidade de grande parte da população da cidade, fato que evidencia a pertinência de ser publicada nessa situação.

Outras publicações publicitárias foram realizadas na década de 1970 também associadas aos Três Santos Reis. Elas estiveram concentradas nos anos de 1972⁹⁴, 1973, 1974 e 1978⁹⁵. Além da publicidade, o tema também esteve em setores de variedades do jornal⁹⁶, com textos reflexivos relacionados à “Luz” para o novo ano, à “Estrela Guia”, ao “Natal”, e algumas reportagens sobre a ocorrência da festa na cidade.

Quanto aos textos gerais reflexivos sobre o tema, mencionados nessa pesquisa, um exemplo de publicação foi de 23 de dezembro de 1972, cujo título foi “O que os Reis viram em Belém”⁹⁷. Em alusão à Estrela Guia e aos Três Santos Reis, o tema foi tratado no referido texto de forma a levantar hipóteses científicas para aquilo que os Reis teriam visto no céu naquela época. Descartam a possibilidade de ser um meteoro, pois ele ficaria

⁹⁴ Propaganda da empresa de Assis ASSIMAQ, com a mesma foto dos Três Santos Reis utilizada pela empresa de contabilidade ETCASC. ASSIMAQ era uma empresa que vendia máquinas de escrever manuais e elétricas, calculadores, móveis para escritórios. *Voz de Cândido Mota*, dez.1972.

⁹⁵ Toda uma folha do jornal com uma mensagem de natal, uma foto de Lourival José de Almeida e imagens de Papai Noel, velas, e os Três Santos Reis em camelos a caminho do encontro com o Menino Jesus. Nessa data Lourival já não era mais o prefeito. *Voz de Cândido Mota*, dez 1978

⁹⁶ Texto; O que os Reis viram em Belém, recontando a história da Estrela Guia e levantando hipóteses se poderia ter sido um cometa ou não, deixando a indagação sem resposta. *Voz de Cândido Mota*, dez. 1972.

⁹⁷ *Voz de Cândido Mota*, 23 de dez. 1972.

apenas por segundos no céu; depois, cogitam hipóteses de cometa, mas deixam sem resposta o que poderiam ter visto naquela época. O texto traz à tona a reflexão sobre a tradição que vem de séculos e mescla o conhecimento científico com a crença religiosa, deixando o tema em evidência e sob reflexões para que cada leitor tivesse suas conclusões conforme sua visão e crença.

A primeira notícia em formato reportagem sobre o tema foi no ano de 1972. Portanto, além de aparecer no jornal representada pela publicidade e pelos textos de fim de ano do periódico, a manifestação religiosa aos Santos Reis apareceu como notícia nessa década.

Imagem 7: Reportagem sobre a manifestação cultural e religiosa da Festa de Reis em Cândido Mota/SP

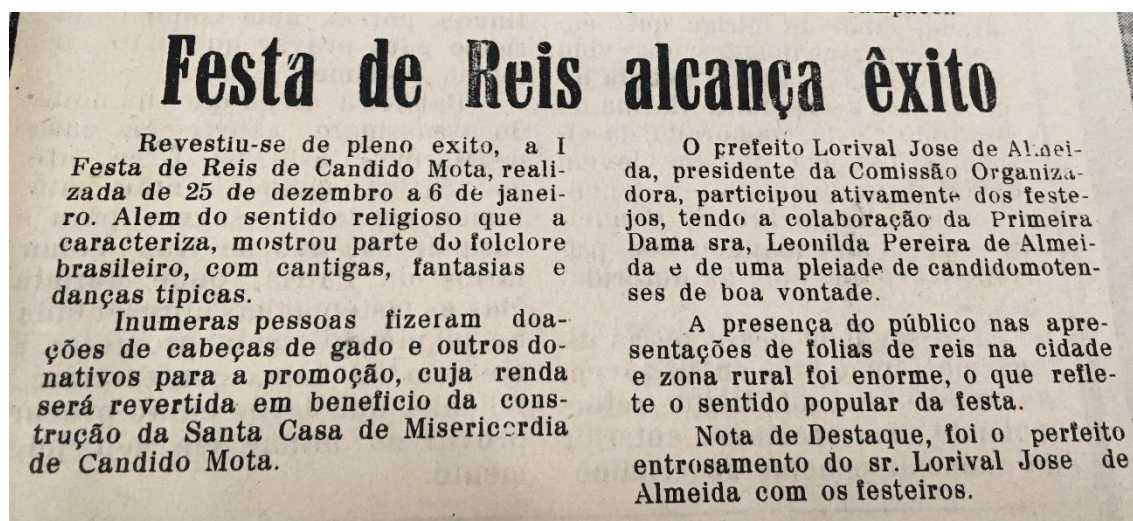


Fonte: *Voz de Cândido Mota*, Cândido Mota, 17 dez. 1972.

A reportagem traz alguns dados sobre a Festa de Reis na cidade. Apesar do título da notícia se referir ao festejo como se fosse ocorrer pela primeira vez “C. Mota promove I Festa de Reis”, no corpo da notícia fica claro que a festa já ocorria anteriormente. O que ocorre de novo e inaugural nessa edição é a forma de organização. A festa, organizada inicialmente em dezembro de 1972 e ocorrida em janeiro de 1973, foi idealizada em forma de quermesse e a renda obtida seria revertida à construção da Santa Casa no município. A organização foi presidida pelo prefeito da época, Lorival José de Almeida, que também era presidente do Lions Clube. Assim como na publicidade, na reportagem o tema está associado ao prefeito e, igualmente, à política. No recorte ao lado, nota-se o vínculo do prefeito também para com esse jornal, tendo em vista o encarte da “Revista de Cândido Mota”, de 32 páginas, nessa edição do jornal, tratando do “surto de progresso registrado nos últimos quatro anos pela administração do sr. Lorival José de Almeida”. Quanto às Companhias, são citadas na reportagem sem nomes específicos, apenas em números. Na matéria foi mencionado que cinco Companhias percorreriam o município durante dez dias até a ocorrência da festa.

Em 1973, outra notícia foi publicada, já com o desfecho da festa:

Imagem 8: Reportagem pós Festa de Reis



Fonte: Voz de Cândido Mota, Cândido Mota, 7 jan. 1973.

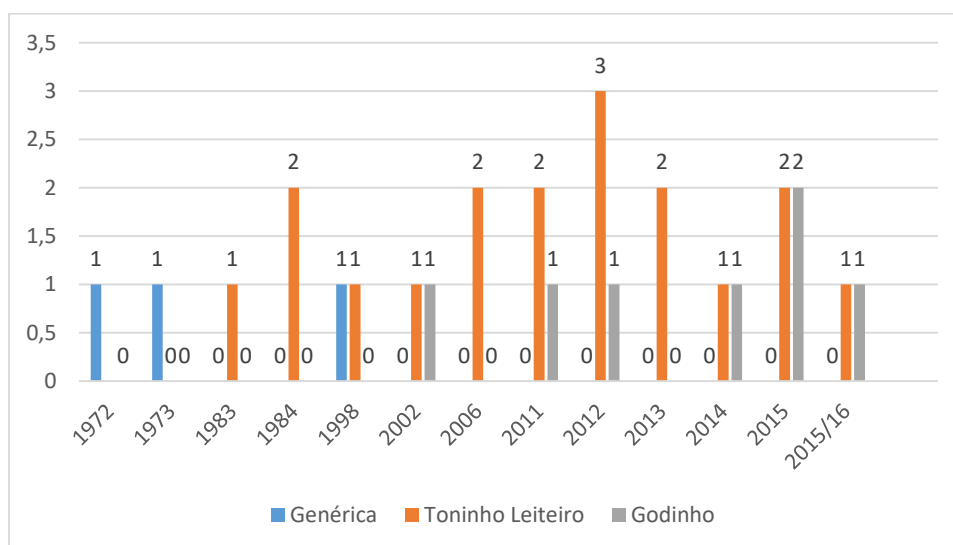
A festa foi retratada como sucesso de público e atividades, com a afirmação de que alcançou “êxito”. Seu caráter religioso e folclórico foi ressaltado, assim como as doações dos fiéis e a condução dos recursos para a construção da Santa Casa da

Misericórdia⁹⁸ do município. Mais uma vez, é notável a conexão entre o prefeito, o jornal *Voz de Cândido Mota* e a manifestação aos Santos Reis. Enquanto Lorival José de Almeida foi prefeito do município, a manifestação aos Santos Reis esteve em evidência nos anuários da cidade. O trabalho de descrição sobre as publicações nos leva a analisar o contexto das mesmas de forma a perceber como a manifestação aos Santos Reis fazia parte do universo da comunidade, inclusive na vida do chefe do executivo, o senhor Lorival José de Almeida.

O mesmo ocorre, depois, com Toninho Leiteiro eleito vereador. O tema da manifestação aos Reis é retratado no jornal local vinculado à figura dele enquanto vereador e festeiro da Companhia Estrela do Oriente.

Para a melhor visualização da distribuição dessas notícias ao longo do tempo vejamos o gráfico a seguir:

Gráfico 1: Festa de Reis (1972-2015). Cobertura da Imprensa de Cândido Mota⁹⁹



Fonte: Gráfico produzido pela autora, com base nas notícias dos periódicos da cidade, sobre o tema Folia de Reis.

⁹⁸ Depois de inúmeras promoções da comunidade, a Santa Casa de Misericórdia de Cândido Mota foi inaugurada em 7 de outubro de 1981. Lorival José de Almeida foi seu primeiro provedor. Conferir mais informações em <<http://www.santacasacandidomota.com.br/index.php/institucional/estatuto-social>>. Acesso em 22 de mar. 2021.

⁹⁹ Neste gráfico estão dispostas, de forma separada, as notícias genéricas sobre o tema, as notícias sobre a Companhia de Reis de Toninho Leiteiro, e as notícias sobre a Companhia de Reis da família Godinho.

Visualiza-se por meio da representação do gráfico que, na década de 1970, as publicações sobre o tema são gerais, sem menção ao nome das Companhias¹⁰⁰. A partir de 1983, a notícia retrata o nome da Companhia de Reis “Estrela do Oriente” e de seus membros. Outro ponto é que a Companhia de Toninho Leiteiro esteve com maior frequência nos noticiários dos jornais da cidade, em detrimento da Companhia da família Godinho. Pode corroborar para a explicação dessa diferença, então, o fato da proximidade do senhor Toninho Leiteiro e de seu filho, David Aparecido de Oliveira, com a imprensa local ao longo das décadas, assim como ocorreu com Lorival José de Almeida, quando prefeito na década de 1970, que trouxe de diversas formas a temática de Reis para a publicidade do jornal *Voz de Cândido Mota*. Tome nota que os vereadores, Toninho Leiteiro foi eleito por dois mandatos: 1983-1988 e 2001-2004; e David Aparecido Leiteiro por quatro mandatos: 1997-2000, 2005-2008, 2009-2012 e 2017-2020. Visualiza-se nesse cenário, também, que a relação dos jornais, principalmente de *O Diário do Vale*, é próxima com o poder executivo e legislativo local.

Entretanto, no intervalo de 1985 a 1997, a temática esteve ausente em publicações de jornais. A partir do momento em que o jornal *CM Notícias* (depois intitulado *O Diário do Vale*) passou a circular na cidade, houve uma tendência ao retorno do tema do festejo no noticiário impresso. Tal propensão se fortaleceu a partir de 2011, pois o assunto passou a ser retratado nessa mídia local de forma anual e ininterrupta.

Assim, a manifestação religiosa se articula com a política local. Nos anuários da cidade encontram-se diversas reportagens cujo conteúdo das notícias possui ligação entre política e religião, mais especificamente entre ações da Câmara Municipal por intermédio do vereador Toninho Leiteiro ao longo de seus mandatos, em relação à Festa de Reis. Na matéria do dia 18 de dezembro de 1983, intitulada: *Secretário confirma dupla para a Festa de Reis*, o deputado Pacheco Chaves, secretário da Cultura do Estado, reafirmou a vinda da dupla sertaneja Eridio e Irineu¹⁰¹ para a festa de Santos Reis de 1984, a realizar-se na Água do Almoço. Isso foi divulgado pelo, então vereador, Toninho Leiteiro à população por meio do jornal *Voz de Cândido Mota*.

¹⁰⁰ As campanhas publicitárias que compartilharam o tema no jornal não estão representadas nesse gráfico.

¹⁰¹ Dupla sertaneja mineira de irmãos que teve o sucesso consagrado com a música: O menino e a rosa. Gravada em 1982. Informação disponível em: <https://www.recantocaipira.com.br/duplas/iridio_irineu/iridio_irineu.html>. Acesso em 01 de nov. 2019.

Imagem 9: Reportagem sobre uma atração musical na Festa de Reis de 1984



Fonte: *Voz de Cândido Mota*, 18 de dez. 1983.

Essa notícia confirma novamente o vínculo entre o poder público municipal e o festejo aos Santos Reis. Também traz à tona o caráter de entretenimento da festa, tendo em vista as poucas atrações existentes em cidades pequenas para divertimento e lazer da população. Somado a outros elementos já mencionados, o entretenimento da festa também é uma característica da manifestação cultural que pode ser identificada nas folhas dos jornais locais. Ou seja, a importância que a população e a folha em questão davam ao caráter de recreação da Festa de Santos Reis, postura que expressa a perspectiva desses agentes diante do evento.

Na sequência, em 8 de janeiro de 1984, o mesmo jornal, *Voz de Cândido Mota*, traz uma cobertura da festa com três fotos do local de sua ocorrência, Água do Almoço, e a notícia: *A tradição viva da Festa de Santo Reis*.

Imagem 10: Reportagem sobre a festa ocorrida em 1984

Cândido Mota, 08 de janeiro de 1.984 **VOZ DE CÂNDIDO MOTA**



10 mil quilos de alimentos servidos gratuitamente a mais de 5 mil pessoas.

Resistindo a inúmeras influências da sociedade moderna e ao crescente êxodo rural, a tradição das comemorações do Dia de Reis ainda persiste, principalmente nas comunidades rurais, como na Agua do Almoço, em Cândido Mota, onde essa festa é realizada há mais de quarenta anos, reunindo um público numeroso e atraindo as populações de toda região. Famílias residentes nos sítios, fazendas, bairros rurais e das "águas" que circundam o município de Cândido Mota, se mobilizaram durante vários dias, para os preparativos dessa festa, que aconteceu ontem, na Agua do Almoço, e é apontada como uma das mais tradicionais na região de Assis.

Organizada há mais de vinte anos por Antonio Vicentinho de Oliveira, a Festa de Reis da Agua do Almoço reuniu esse ano, mais de cinco mil pessoas, que consumiram ontem, das 10 às 18 horas, cerca de 10 mil quilos de alimentos, servidos gratuitamente a todos os participantes, conforme a tradição. "Tudo que conseguimos foi doado pelo povo que mora nos sítios da redondeza", explicou Antonio Vicentinho. "Depois que todos estiverem servidos, o restante da comida, principalmente a carne, deverá ser enviado as instituições assistenciais".

Comandando pessoalmente o encontro de quatro companhias de Reis, Vicentinho disse que "isso é uma herança deixada pelo pai, que morreu há vinte anos, mas que



Vicentinho comandou pessoalmente o encontro de 4 Bandeiras.



Mais de 5 mil pessoas em confraternização das 10 às 18 horas de ontem.

é o principal responsável por essa festa naquele bairro rural há mais de quarenta anos". O organizador acredita que essa tradição, embora seja uma das poucas cultivadas hoje em dia pela população rural, nunca desaparecerá, por vários motivos. Primeiro porque se trata de uma manifestação religiosa e isso já é o bastante para muita gente manter vivo esse costume. Segundo, porque ao contrário de antigamente hoje existe muitas crianças acompanhando as Bandeiras do Divino, aprendendo e assimilando a tradição.

"Essas crianças que hoje participam da Folia de Reis, serão os futuros condutores da Bandeira", disse Vicentinho. "E o público das festas de reis são fiéis a tradição", acrescentou o organizador, referindo-se a inúmeras famílias que escolhem essa data como uma das poucas vezes que justificam a saída de casa.

CONFRATERNIZAÇÃO

Alheios ao espírito religioso, que caracteriza o acontecimento, milhares de pessoas vêm na Festa de Reis uma das raras oportunidades de confraternização e reencontros entre compadrio e vizinhos mais distantes. A presença maciça da população jovem foi percebida na festa de Reis realizada ontem, contrariando as previsões de "abandono de tradição" e consolidando o espírito de confraternização que perdurou ontem até às 18 horas naquele bairro.

João Batista Laiatela, um dos responsáveis pela cozinha, na Agua do Almoço, vem preparando a comida dos visitantes em Festas de Reis há mais de 40 anos. Desde quarta-feira, à frente de uma equipe de aproximadamente cinquenta cozinheiras e auxiliares, Laiatela comentou ontem sua satisfação em participar desse acontecimento, "que agora começou começou a ser entendido até pelos moços, que nunca se interessaram pela Festa de Reis".

A tradição viva da Festa de Santo Reis

Fonte: A TRADIÇÃO VIVA DA FESTA DE SANTO REIS. Voz de Cândido Mota, Cândido Mota, n. 646, p. 01 e 08 jan. 1984.

As duas notícias são datadas do período correspondente ao primeiro mandato de Toninho Leiteiro. A notícia versou, com antecedência, sobre a ocorrência do festejo numa espécie de chamada ao evento, em 18 de dezembro de 1983, e depois fez uma cobertura, inclusive com fotos, da ocorrência da festa, no dia 6 de janeiro de 1984, numa matéria de 8 de janeiro do mesmo ano. O fato de a notícia ter continuidade em um outro dia demonstra a importância que a temática recebeu pelos agentes envolvidos nas

publicações. Tânia Regina de Luca cita a questão da continuidade da notícia como um elemento a ser analisado nas publicações de um periódico.¹⁰²

Numa consulta aos anuários desse jornal, verifica-se que a última publicação no formato de reportagem sobre o festejo havia sido publicada em 7 de janeiro de 1973. Portanto, um aspecto a se levar em conta nessa análise acerca do rito, no decorrer do desenvolvimento do município, diz respeito à interligação da Companhia de Reis com o poder público municipal e com a imprensa local, na figura do jornal impresso dentro do período de envolvimento de Toninho Leiteiro com a política. Essa aproximação nos anos de 1983 a 1984 foi positiva para fortalecer a manifestação religiosa aos Santos Reis.

A seguir, trecho da publicação de 1983:

“Esse acontecimento organizado pela família Vicentinho de Oliveira, já é tradicional na região, pois é promovido há 40 anos. Em 84, segundo o presidente da Camara [sic], deverá marcar época, pois terá abrilhantação de uma das maiores duplas do folclore brasileiro, especialmente convidada para o evento”.¹⁰³

Em 1984, o foco da notícia deslocou-se para a resistência da festa em face às mudanças da sociedade moderna:

Resistindo a inúmeras influências da sociedade moderna e ao crescente êxodo rural, a tradição das comemorações do Dia de Reis ainda persiste, principalmente nas comunidades rurais, como na Água do Almoço, em Cândido Mota, onde essa festa é realizada a mais de quarenta anos reunindo um público numeroso e atraindo as populações de toda a região.¹⁰⁴

Nos excertos das reportagens, notamos aquilo que Chartier¹⁰⁵ chama de “representação” de algo por alguém. Partindo desta perspectiva, percebemos, no jornal, os ritos da Companhia – representados pela equipe do periódico aliada ao poder público – como um evento importante, “tradicional”, de mais de 40 anos. Capaz de reunir milhares

¹⁰² LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153

¹⁰³ VEREADORES ELOGIAM VICENTINHO. **Voz de Cândido Mota**, Cândido Mota, n.(não consta) , p. 03, 18 dez. 1983.

¹⁰⁴ A TRADIÇÃO VIVA DA FESTA DE SANTO REIS. **Voz de Cândido Mota**, Cândido Mota, n. 646, p. 01 e 03, 08 jan. 1984.

¹⁰⁵ CHARTIER, Roger. Apresentação: In: **A História Cultural**: Entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

de pessoas, dotado não apenas de uma função religiosa, mas de entretenimento com a presença de uma dupla sertaneja. A família dos organizadores foi citada, assim como políticos que contribuíram para a vinda da dupla de cantores. O intuito foi propagar o evento antes mesmo que ele acontecesse para garantir a vinda de um grande público. As relações de convívio e poder, no tempo e no espaço, acabam sendo representadas no periódico de acordo com o contexto de redes de interação do período abordado.

Depois da festa, a representação foi redigida como uma manifestação de sucesso na cidade, com continuidade ao longo dos anos, apesar da vida da comunidade ter se tornado mais urbana. Seu caráter de tradição foi reforçado, assim como sua função de reunir pessoas em suas atividades. É possível perceber, nessa fonte, a relação da Companhia “Estrela do Oriente” com o mundo social, no caso, a cidade. E, também, os vínculos entre a Companhia e seus devotos com o poder público, além da imprensa local.

Ao se referir a Festa de Reis como forma de continuar “resistindo a influências da sociedade moderna e ao crescente êxodo rural, a tradição das comemorações do Dia de Reis ainda persiste”, o jornal *Voz de Cândido Mota* demonstra a percepção acerca das transformações da sociedade e a preocupação de como estas podem interferir na continuidade do festejo.

Pensar em mudanças na sociedade nos leva a dialogar com Hobsbawm¹⁰⁶ sobre seu conceito de “invenção das tradições”, remetendo-o à discussão para verificação se é aplicável a essa festa.

Contudo, espera-se que [a “invenção” de tradições] ocorra com mais frequência: quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas” tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta.¹⁰⁷

Devido aos avanços da tecnologia, à ocorrência do êxodo rural e à conversão de municípios para outras religiões, o festejo enfrentou impactos em sua tradição relativamente recente. No entanto, isso não afetou o ritual a ponto de debilitá-lo, mas

¹⁰⁶ HOBBSAWM, Eric. Introdução. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 9-21

¹⁰⁷ Ibidem, 2006, p. 12-13.

concretizou a necessidade de “invenção de tradições” para suprir sua função social de propagador de fé e devoção cristã. Pelo menos isso é perceptível, especificamente nesse caso em estudo.

Mesmo residindo na área urbana, entremeio de tecnologia e mudanças dos tempos, os devotos continuam a manter as atividades da bandeira dos Santos Reis e a festa no dia 6 de janeiro, que, por sinal, continua a ser realizada na área rural. Houve, neste caso, por parte dos sujeitos envolvidos na realização do festejo e na participação dos demais fiéis, a capacidade de adaptação e flexibilidade frente às mudanças que ocorreram nas últimas décadas em nível municipal, estadual e federal. Os costumes acompanham as gerações, e estes, como o próprio Hobsbawm discorre, são mais flexíveis, diferentes das tradições, que – em algumas situações – chegam a ser substituídas por novas (as “inventadas”) numa tentativa de manter aquilo exercido na sociedade pelo grupo anterior, que cessou devido às transformações que enfrentou no tempo.

As reflexões de Candau¹⁰⁸ cabem mais nessa análise acerca das mudanças na sociedade e, em parte, nas atividades da Companhia de Reis do que o conceito de “invenção das tradições” de Hobsbawm. Nesse caso, as transformações ocorridas não foram um fim para o rito, às suas atividades e à festa, se considerarmos que tiveram continuidade. Não houve a necessidade de invenção de novas tradições para o enfrentamento dessas transformações e atendimento das convenções sustentadas pela manifestação na comunidade. O que ocorreu foi um indício de recomeço, ou melhor, uma adaptação às mudanças de vida da população e dos devotos em específico.

Ao trazer reflexões às páginas do jornal *Voz de Cândido Mota* sobre a resistência da manifestação cultural em continuar existindo no tempo, o periódico deixa explícita sua interpretação dos fatos. O tema foi selecionado, ordenado e estruturado para ser narrado numa reportagem e chegar ao público com esta reflexão. A memória da comunidade e a continuidade dos ritos ficam em evidência apesar dos contratempos e obstáculos encontrados diante da tecnologia. Sustentando essa visão, estão agentes políticos da cidade, além dos editores e proprietários do jornal. Suas motivações para isso podem estar ligadas à criação que receberam de seus familiares e da identidade que a manifestação lhes representa, assim como por questões de fortalecimento desses agentes diante da comunidade.

¹⁰⁸ CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 137-197.

No periódico *O Diário do Vale*, essa postura de publicações se intensificou sobre o tema nas décadas de 2000 e 2010. A seguir duas manchetes desse jornal sobre a manifestação aos Santos Reis.

Imagem 11: Manchete sobre os 50 anos de Toninho Leiteiro à frente da Folia de Reis

O DIÁRIO DO VALE
Região Oeste do Estado de São Paulo, 6ª feira, 07 de Janeiro de 2011

Toninho Leiteiro completa 50 anos à frente da Festa de Reis da Pirapitinga

Marta Pereira
Cândido Mota

Em meio a milhares de pessoas que prestigiaram mais uma edição da Festa de Reis realizada nesta quinta-feira, dia 6, seu Antoninho Vicentinho de Oliveira, conhecido popularmente como Toninho Leiteiro, completou suas 'bodas de ouro' na realização do evento que ele vem realizando desde 1961, ou seja, há 50 anos.

"Para mim é uma grande satisfação estar comemorando o Dia de Santos Reis junto com essas pessoas que sempre nos ajudaram. A festa não é minha e nunca foi, mas sim do povo, pois é ele que contribui através de doações de prendas para que seja possível preparar este almoço maravilhoso por mais um ano", disse Toninho.

Ele ressaltou ainda, que realizar a festa é um grande prazer, pois começou após a morte de seu pai, falecido em 1958. FOLIA DE REIS *Página 3*

Prefeitura de CM divulga aprovados em Processo Seletivo na área da Educação

Cursinho pré-vestibular do campus da Unesp de Assis recebe inscrições

Marta Pereira
Assis

Os interessados em se inscrever no cursinho pré-vestibular 1ª Opção, oferecido pelo campus da Unesp de Assis têm até o dia 31 de janeiro para fazê-la, exclusivamente através do site www.assis.unesp.br. Será recolhida também de 1º a 8 de fevereiro na faculdade uma taxa de inscrição no valor de R\$ 5, utilizados para custear o processo seletivo.

São oferecidas 170 vagas que são destinadas a jovens e adultos que não possuem condições econômicas de custear um cursinho pré-vestibular.

Fonte: TONINHO LEITEIRO COMPLETA 50 ANOS À FRENTE DA FESTA DE REIS DA PIRAPITINGA. *O Diário do Vale*. Cândido Mota, n. 3.427, p.01 e 03, 07 jan. 2011.

Imagem 12: Notícia interna do jornal referente aos 50 anos de Toninho Leiteiro à frente da Folia de Reis



Fonte: TONINHO LEITEIRO COMPLETA 50 ANOS À FRENTE DA FESTA DE REIS DA
PIRAPITINGA. O Diário do Vale. Cândido Mota, n. 3.427, p.01 e 03, 07 jan. 2011.

Podemos visualizar a temática da manifestação aos Santos Reis nas manchetes das capas dos periódicos, desde uma materialidade mais simples, em preto e branco, até edições mais recentes, com matéria-prima de melhor qualidade e fotografias coloridas.

Imagem 13: Manchete que cita tradição da Festa de Reis em C. Mota

O DIÁRIO DO VALE
O jornal que tem, de fato, a cara da região
Região Oeste do Estado de São Paulo, 3ª feira, 08 de Janeiro de 2013
CM NOTÍCIAS
Diretora Executiva - Rogéria de Gênova Doná • Editor Chefe - José Augusto Doná • Ano XVIII • Nº 3914 • R\$ 1,50
PABX: (18) 3341 2535 SITE: www.odiodovale.com.br E-MAIL: cmnoticias@uol.com.br

Com 5 mil religiosos, 'Festa de Reis' mantém tradição em CM

Da Redação
Região

A edição deste ano da festa das Bandeiras de Folia de Reis reuniu cerca de 5 mil religiosos na Água do Pirapitinga, em Cândido Mota no domingo, dia 6. Na oportunidade, estiveram presentes o prefeito Zacharias Jabur, o vice, Antonio Carlos Bonini de Paiva, a presidente da Câmara Municipal, Inês Pimentel, além dos secretários David Aparecido de Oliveira (Obras), Valdir Sena Marques (Fazenda), Dorival Paes (Gabinete), vereador Carlos Gordo, além dos feiões de várias cidades da região e também do Paraná. Segundo Sebastião Borges dos Reis, o Tião, secretário de Folclore e Cultura do município, e um dos organizadores da festa, a tradição foi mantida, pela grande presença de feiões e pelo tradicional almoço oferecido todos os anos. CULTURA **Página 7**

Colégio Santa Clara
eoc Sistema de Ensino
Educação que forma vencedores

TRAN OROCABANA
Transportes e Funerárias
Sondagem de Solo
Estaqueamento
Perfuratriz
Relevo de Fundação
Locação de Franchia
(18) 3341 5482 / (18) 3341 2701
Rua Francisco José de Toledo
nº 525 - Cândido Mota/SP

FARMA NOSSA
Aqui você tem Amigos
DISK ENTREGA
C.MOTA
3341-15
ASSIS
3321-14

LOTÉRIAS
INFORMA
MEGA-SENA
15 - 16 - 34 - 42 - 4
QUINA
15 - 16 - 41 - 46
LOTOMANIA
04 - 06 - 17 - 32
36 - 42 - 47 - 54
60 - 63 - 69 - 72
87 - 90 - 93 - 94
3341-430
Rua Cel. Valêncio Carr
Buch
Sa
(R. Cel. Valêncio Carr) nº 200 - Fd
Rede

Conti
Zero Grau.
Tomou, gelou.

Mercado Agrícola
Coopermota
Cotação do dia 07 de Janeiro
SOJA R\$ 63,00/saca
Até o fechamento desta edição, o pregão na Bolsa de Chicago havia sofrido alta de 17 pontos. O Bushel estava valendo US\$ 14,04.
MILHO R\$ 27,00/saca
TRIGO R\$ 38,00/saca
Desde 1959 ao

Festa de CM contou com a presença das tradicionais Bandeiras de Reis

Como nos anos anteriores, o almoço contou com grande participação de público

Fonte: COM 5 MIL RELIGIOSOS 'FESTA DE REIS' MANTÉM TRADIÇÃO EM CM. O

Diário do Vale. Cândido Mota, n. 3.914, p.01. 08 jan. 2013.

Essa dinâmica técnica presente nas publicações manifesta-se aliada a um destaque maior dado à essa temática. Tem relação com o papel que a manifestação cultural desempenha no município ao longo das décadas. Sendo destaque a década de 2010, em que o vínculo dos festeiros só veio a se estreitar ainda mais com a equipe editorial do periódico *O Diário do Vale*, com a prefeitura e a Câmara dos vereadores da cidade. Por meio desses dados técnicos encontrados nos periódicos, podemos buscar a compreensão

acerca da posição dada à manifestação aos Santos Reis por alguns grupos do município ao longo das décadas investigadas. Também é possível perceber as características dos envolvidos na festa e nos ritos. Seu cotidiano, a relação existente entre as festas e a população – além do espaço que esta ocupou diante das autoridades e da mídia local –, e a importância dada a essa manifestação religiosa na vida cultural municipal. Além da preocupação com a representação da tradição, tanto nas publicações dos jornais como nas falas dos foliões e devotos.

No intuito de investigar essas características, além dos jornais, outras fontes foram levantadas, como dados do IBGE sobre a questão da população rural e urbana da cidade. A população do campo sempre esteve à frente da manifestação e, com o êxodo rural, algumas adaptações foram necessárias às atividades das Companhias de Reis na manifestação cultural e religiosa desempenhada.

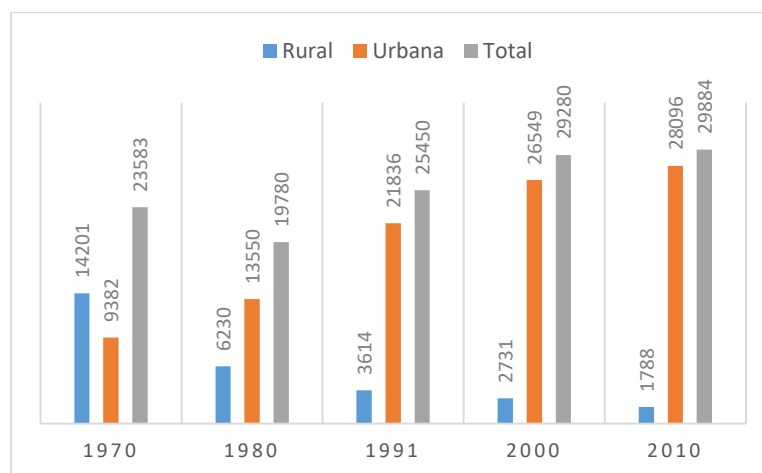
1.5. Situação de domicílio: rural e urbano

Ao longo do tempo, considerando a trajetória do festejo de Reis no município, a situação de domicílio da população em relação ao campo e a área urbana precisa ser levada em conta. Por muito tempo, a festa e os ritos foram praticamente na área rural. Os foliões eram dos sítios, as casas em que se faziam os giros eram quase todas no campo e a festa do dia 6 de janeiro acontecia na área rural. Esse caráter rural sofreu algumas modificações devido às mudanças na organização de vida das pessoas, notadamente em meados da década de 1970. Por exemplo, no ano de 1975 aconteceu uma geada extremamente forte na região. A cultura agrícola principal, o café, foi fortemente afetada, causando transformações no tipo de mão-de-obra da cidade e ocasionando um êxodo rural que despontará nos números da pesquisa do censo do IBGE de 1980. Em 1970, num total de 23.583 habitantes, 14.201 pessoas residiam no campo, e 9.382 residiam na área urbana. Já em 1980, há uma inversão de números: 6.230 indivíduos declaram viver no campo e 13.550 declaram viver na área urbana, totalizando 19.780 habitantes. O número total de habitantes também está menor devido ao movimento de êxodo para outras cidades e para a capital.¹⁰⁹

109 “Segundo Martine e Camargo (1984), o cenário da distribuição espacial da população brasileira a partir dos anos 60 foi movido por forças centrífugas, com a expansão populacional (migrações inter-regionais) rumo às áreas de fronteiras, e por forças centrípetas, com a migração rural-urbana em direção às grandes cidades do Sudeste, particularmente para a Região Metropolitana de São Paulo.” BAENINGER, Rosana.

O número de habitantes com domicílios no campo vai ser ainda menor no início da década de 1990. No censo de 1991, num total de 25.450 habitantes, 3.614 residiam na área rural e 21.836 na área urbana. A mesma tendência se concretizou na década de 2000. Dos 29.280 habitantes registrados no censo de 2000, 2.731 residiam na área rural e 26.549 na área urbana. Na pesquisa do ano de 2010, dos 29.884 habitantes registrados, apenas 1.788 residiam na área rural, em detrimento dos 28.096 que residiam na área urbana.

Gráfico 2: População residente por situação de domicílio em Cândido Mota/SP



Fonte: Gráfico 3: Produzido pela autora para esta pesquisa com base nos censos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010 do IBGE.

Essa mudança de domicílio da população na área rural ou na área urbana afetou diretamente as práticas da Companhia de Reis, como observa o senhor João Alcides Roela:

ALINE: E a questão de sítio, de morar no sítio, morar na cidade. O senhor vê bastante diferença nisso? Mais gente morava no sítio antes ou não? Quando o senhor começou a participar da folia de reis, o senhor acha que tinha mais casas nos sítios?

JOÃO ALCIDES: Hoje não tem mais. Hoje você vai no sítio, vai achar uma casa na distância de dois mil metros uma da outra, dois quilômetros, né? Então está longe uma da outra. A gente canta dez casas no sítio, vai o dia inteiro. E na cidade não, na cidade canta até 40 casa num dia.¹¹⁰

São Paulo e suas migrações no final do século 20. São Paulo em Perspectiva. vol.19 no.3. São Paulo, jul/set. 2005.

¹¹⁰Entrevista [19 set. 2019]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistado: Antonio alcides Roela. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. 00:43:50). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

As práticas da Companhia tiveram que passar por algumas adaptações¹¹¹ para se adequar às novas condições encontradas no município. No depoimento do senhor Alcides Roela, é possível identificar a reestruturação da questão da logística dos giros percorridos pelos foliões a partir do êxodo rural. As inúmeras residências visitadas há décadas na área rural passaram a estar localizadas na área urbana, o que acarretou a permanência do grupo por mais dias da jornada na área urbana. Assim, a questão de transferência de grande parte das residências do campo para a área urbana do município, constitui um dos fatores que devem ser levados em conta quanto à análise da Companhia de Reis na trajetória do município.

Entretanto, por outro lado, precisamos observar que, em cidades pequenas, mesmo com o êxodo rural e com a população em condição urbana, as características da vida no campo permanecem com as pessoas em diversos aspectos: em suas profissões, em sua cultura e em sua identidade. Essas cidades desempenham papel semelhante ao do espaço rural, com hábitos, costumes, valores e tradições dessa representação social de vida.¹¹² “Observa-se a reprodução de valores e práticas característicos do mundo rural, como o vínculo identitário com o lugar, as tradições, os hábitos alimentares, dentre outros fortemente presentes no cotidiano local.”¹¹³

Além dos aspectos apontados, tem-se a forma como lidam com o mundo social e como produzem representação social no espaço e no tempo. “Representação social que, sem dúvida, gera fatos sociais, faz emergir identidades sociais, mobiliza e organiza socialmente pessoas e grupos sociais em torno de reivindicações específicas e ressignifica a história das sociedades”.¹¹⁴ Essa identidade, nesse caso, está atrelada à ideia de patrimônio cultural, que é o eixo do nosso objeto de estudo.

Ainda existe a questão da sociabilidade fortemente ligada à “pessoalização” nas cidades pequenas em que “(...) os indivíduos vivem em um ambiente social com um alto grau de proximidade com seus contatos. (...) a partir de relações essencialmente

¹¹¹ A respeito dessas mudanças no funcionamento das atividades da Companhia trataremos no capítulo 3.

¹¹² MELO & SOARES. Cidades Médias E Pequenas: Reflexões Sobre Os Desafios No Estudo Dessas Realidades Socioespaciais. In: LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel. (Orgs.) **Cidades médias e pequenas**: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010, p-237.

¹¹³ Ibidem, 2010, p. 238.

¹¹⁴ WANDERLEY, Maria N. **Urbanização e ruralidade**: relações entre a pequena cidade e o mundo rural e estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2016/03/Pequenos-Munic%C3%ADpios_Nazareth-1.pdf>. Acesso em: 26 out. 2020.

interpessoais.”¹¹⁵ As manifestações religiosas e culturais aos Santos Reis são realizadas nessa atmosfera de pessoalidade no município de Cândido Mota.

Os sujeitos reconhecem e são reconhecidos pelos outros em decorrência de sua marca pessoal, de seu nome, de suas atitudes. Tudo é amplamente dominado pela coletividade e a pessoalidade. As festas, as rezas, o lazer, as estórias, as conversas são compartilhadas com todos.¹¹⁶

A dimensão da vida local é bastante particular, sem a impessoalidade existente nas cidades grandes. Essa característica é uma das peculiaridades dos ritos e da festa da Companhia de Reis em específico que estamos investigando. Sua organização se dá em meio à pessoalidade: “O conhecimento íntimo e a proximidade entre as pessoas, nas pequenas cidades, se estendem às diversas dimensões da vida local, referências para a localização de endereços nas cidades, nas atividades comerciais e nas relações políticas.”¹¹⁷ Isso se confirma nos depoimentos orais, que possibilitam a identificação de menção aos nomes próprios, aos vínculos pessoais e às memórias coletivas nas narrativas.

No próximo capítulo, que diz respeito à investigação das dimensões da manifestação cultural da Companhia de Santos Reis, vamos adentrar ainda mais na memória desse grupo.

¹¹⁵ MELO & SOARES. Cidades Médias E Pequenas: Reflexões Sobre Os Desafios No Estudo Dessas Realidades Socioespaciais. In: LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel. (Orgs.) **Cidades médias e pequenas**: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010. p. 246.

¹¹⁶ Ibidem, 2010, p. 246.

¹¹⁷ Ibidem, 2010, p. 246.

CAPÍTULO 2 – TRADIÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NAS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS AOS TRÊS REIS MAGOS

Nesse capítulo serão trabalhadas a tradição, a memória e a identidade presentes na Companhia Paulista “Estrela do Oriente”, com a intenção de traçar uma reflexão acerca de sua natureza de bem cultural imaterial. Tomaremos como início a análise da condição de tradição dessa manifestação religiosa, tanto em termos regionais, como gerais.

2.1 A tradição da Festa de Reis ao longo do tempo

As atividades, ritos e celebrações que fazem parte desse festejo são compostos pela tradição religiosa advinda da citação bíblica dos Três Magos e pela peregrinação realizada por fiéis na Idade Média aos seus restos mortais, que estão na Alemanha. De acordo com as referências históricas apresentadas por um estudo sobre essa temática, o Dossiê de Minas¹¹⁸, essas manifestações brasileiras apresentam traços da cultura ibérica, especialmente de Portugal, herdadas do período colonial, quando os portugueses, principalmente os jesuítas da Companhia de Jesus, traziam consigo a fé cristã e o culto às entidades consideradas santas, como o caso dos Três Magos, e os propunham aos colonos portugueses, aos indígenas e aos negros que levaram adiante nos séculos seguintes. Jaqueline Antônio também analisou nessa perspectiva, como já vimos anteriormente. A tradição ocidental de cultuar santos e festejar, presente na instituição do cristianismo e nas religiosidades, teria se desenvolvido a partir do contato com o oriente, depois fortalecido pelos processos de colonização e catequização.

A raiz dessa manifestação cultural é ainda mais antiga e remonta à Roma Antiga. As Folias de Reis trazem consigo os símbolos das festas populares da antiguidade clássica. Antigas manifestações sagradas ou profanas, para divertimento ou para cultuar divindades, dotadas de danças, músicas, indumentária, rituais e instrumentos musicais, influenciaram festas desde a Folia de Reis ao carnaval. Com a conquista da Península Ibérica pelo Império Romano, essas comemorações ecoaram por todo o império, e as

¹¹⁸ IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016

festividades locais passaram a incorporar elementos vinculados aos cultos romanos. A Igreja Católica manteve o calendário de festividades profanas, vinculando-as às práticas sagradas do catolicismo. Era uma espécie de estratégia para reforçar princípios da doutrina católica por meio do nascimento de Cristo, da visita dos Reis Magos ao menino Jesus, do pentecostes e dos primeiros mártires da Igreja. Os dias 25 de dezembro e 6 de janeiro foram fixados como datas oficiais no século IV d. C., quando o catolicismo religioso oficial do império e o calendário cristão foram unificados.¹¹⁹

O processo de adaptação das festas e dos ritos pagãos ao catolicismo se intensificou na Idade Média. A religiosidade foi ganhando formas diversificadas de representação por meio de cantorias, danças, encenações e músicas, dando aos festejos dedicados aos santos católicos um caráter secular. Depois, com a expansão marítima, com a presença do catolicismo em terras conquistadas e com o fortalecimento das monarquias ibéricas, a fé cristã se materializou por meio do culto e festejos dedicados aos santos.¹²⁰

Com o passar do tempo, os festejos ficaram cada vez mais próximos do cotidiano da população, transformando-se em um momento de celebração da vida, de rompimento do ritmo cotidiano, de evasão do tempo terreno e de interação social. Delineadas desde o século XVIII, intensificadas no século XIX e XX, e presentes ainda hoje, as festas dedicadas aos santos revelam, portanto, a perpetuação das tradições e a existência de fundamentos de respeito à fé e à fraternidade comunitária.¹²¹

Numa pesquisa sobre o encontro de bandeiras no Triângulo Mineiro, Márcio Bonesso¹²² também foi em busca da origem dessa manifestação cultural. Constatou que pesquisadores, jornalistas e foliões em geral reconhecem como local de origem para a Folia de Reis a Península Ibérica, na maioria dos casos, Portugal. Ele adverte sobre o desencontro de datas que diferem entre si, ora localizando-a no século XVI, ora no século XVIII.¹²³

¹¹⁹ Ibidem, 2016. p. 19-20.

¹²⁰ Ibidem, 2016. p. 21.

¹²¹ Ibidem, 2016. p. 22.

¹²² BONESSO, Marcio. **Encontro de bandeiras**: as folias de reis em festa no Triângulo Mineiro. Uberlândia: EDUFU, 2012.

¹²³ Ibidem, 2012. p. 17-19. Bonesso cita: VIEIRA, S.M. **Folia de Reis**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1989; e TINHORÃO, J.R. **As festas no Brasil Colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000. A folia de Reis teria surgido no século XVI com os cancioneiros ibéricos numa dança de movimento rápido, e ambos trazem em suas pesquisas que isto aparece na obra de Gil Vicente na época. Já a afirmação de surgimento do século XVIII foi feita pelo presidente da Associação de Falias de Reis da região. A Folia teria surgido na Espanha, teria sido levada para Portugal no século XVIII e em seguida trazida para o Brasil. Bonesso cita também: LOBO, Chico. Viola sagrada. **Revista Viola Caipira**, Belo Horizonte, n.3, p. 29, set/out. 2003. A folia de Reis para esse autor teria aparecido no século XVIII no Brasil.

Se por um lado o conceito de “invenção das tradições”¹²⁴ não se aplica à tradição local da Festa de Reis da Companhia “Estrela do Oriente” em Cândido Mota/SP, como já salientamos no capítulo 1, por outro lado, este mesmo conceito está atrelado ao surgimento da tradição da Festa de Reis e à sua sobrevivência ao longo do tempo, no que tange à tradição em nível macro, em sua origem na Idade Média na Europa. A Instituição Católica fez uso das festas pagãs da antiguidade clássica. Associados, o cristianismo e o paganismo foram elementos que compuseram a formação dessa tradição e de seus desdobramentos e variações ao longo do tempo e do espaço.

Inicialmente havia o interesse da Igreja Católica no fortalecimento da doutrina católica em torno do nascimento de Cristo, apropriando-se das datas de festividades profanas da época para essa consolidação do cristianismo. Com o tempo, a religiosidade popular também se organiza em torno dos significados cristãos, das datas das festividades, das danças, músicas, performances e ritos; ganham corpo, então, manifestações como a Festa de Reis. A tradição permanece no século XXI, embora tenha sido construída nos primórdios da doutrina do cristianismo por interesse tanto da Igreja Católica em se consolidar, quanto do Império Romano associado à Igreja Católica, numa tentativa de resistir à desintegração política. Essa permanência ocorre com variações de região para região. Conserva-se o que interessa do passado e o que confere identidade ao grupo que a coloca em prática.

De acordo com outra obra de Hobsbawm, na atualidade vivemos em “tempos fraturados”¹²⁵. A cultura se desenvolve como uma prática dinâmica e não congelada, conforme necessidades, sentidos e interesse dos envolvidos em sua propagação e prática. A tradição sofre rupturas nesses tempos velozes desde o início do século XX e passa a estar diante da cultura de massa desses novos tempos, a mercadológica. Surge, então, a problemática em torno da cultura e sua função de representar elementos que fraturam ou agregam vínculos aos indivíduos e às comunidades.

Nessa discussão podemos analisar a manifestação religiosa aos Santos Reis como uma atividade cultural que agrega pessoas, lhes confere sentido e identidade às suas vidas. Dentre tantas mudanças na sociedade capitalista, ela também é uma manifestação que sofre mudanças, se adapta, mas resiste e mantém em exercício práticas ligadas ao passado,

¹²⁴ HOBBSAWM, Eric. Introdução. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 9-21.

¹²⁵ HOBBSAWM, Eric. **Tempos Fraturados: Cultura e Sociedade no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

à tradição. Portanto, a tradição e a cultura popular na atualidade também passam por essa dinâmica descrita por Hobsbawm. No entanto, representam os grupos de forma particular, não como simples homogeneização, mas com práticas de assimilação do novo e fortalecimento do que já existia.¹²⁶

2.2 Folclore e Patrimônio na manifestação aos Reis

Ainda com o objetivo de traçar uma análise sobre a dimensão patrimonial da Festa de Reis, dois conceitos precisam ser investigados de forma etimológica no que tange aos debates e às definições sobre os mesmos ao longo do tempo: folclore e patrimônio.

Na atualidade, folclore diz respeito a todas as manifestações culturais populares de um povo e representa a identidade desse grupo. A palavra é originária de 1846, quando o arqueólogo inglês, William John Thoms, a usou pela primeira vez na revista *The Athenaeum* para se referir aos costumes e às lendas de tempos antigos. Os termos em inglês “*folk*” e “*lore*” significam, respectivamente, “povo” e “conhecimento”.¹²⁷

Na Era Vargas, o movimento folclórico tenta se institucionalizar e definir seu campo de atuação com objetos de pesquisa. Mais especificamente durante a implementação do regime de exceção, denominado Estado Novo, havia a busca por uma política que engendrasses modernização e tradição, com o intuito de se forjar uma nacionalidade brasileira centralizadora.¹²⁸ Em termos de modernização, o caminho escolhido pelos dirigentes políticos para sua implantação foi o apelo à intelectualidade da época, mais especificamente aos egressos do movimento modernista de 1922. A figura chave para conseguir esse feito foi Gustavo Capanema. Na posição de ministro da Educação e Saúde por 11 anos, ele, por meio de contatos amistosos com intelectuais de diferentes áreas das artes, conseguiu reunir uma equipe de trabalho na política composta por grandes nomes, como Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. Mesmo

¹²⁶ HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 7.

¹²⁷ FRADE, C. **Folclore**. 2.ed. São Paulo: Global, 1997. (Coleção Para entender, vol. 3)

¹²⁸ BEZERRA, Danilo. Os carnavais do Rio de Janeiro entre 1934 e 1937 e o movimento folclorista: dimensões do debate. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 8, n. 2, p. 52-66, jul/dez. 2012.
GONÇALVES, Janice. Defender o patrimônio tradicional: a atuação dos folcloristas catarinenses entre 1948 e 1958. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 8, n. 2, p. 4-25, jul/dez. 2012.

em meio ao autoritarismo do regime, permaneceram por anos em cargos de confiança, o que muitas vezes gerou desconforto para os mesmos.¹²⁹

Em artigos à revista *Patrimônio e Memória*, Gonçalves e Bezerra¹³⁰ trazem cada qual a seu modo, porém em concordância, um aparato de considerações e discussões acerca da trajetória teórica do termo folclore em nosso país no século XX. Para os autores, o intuito do Estado Novo era perpetuar uma identidade nacional, que objetivava sufocar as identidades regionais e locais. No entanto, surge um debate ao longo das décadas. Mário de Andrade, apesar de fazer parte do governo, defendia um estudo etnográfico e antropológico das diversas formas culturais do país como a música, a dança e os costumes, valorizando características quase perdidas, que ele queria recuperar.

Algumas organizações e eventos de destaque para o debate sobre o tema folclore, mesmo após o falecimento de Mário de Andrade em 1945, foram: a criação, em 1947, da Comissão Nacional do Folclore, composta por intelectuais do país, com o objetivo vindo de Amadeu Amaral e Mário de Andrade, que dizia respeito a construção de pesquisas folclóricas coletivas e científicas. A Carta do Folclore brasileiro foi aprovada em 1951, no Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore. A Campanha de defesa do Folclore Brasileiro deu-se em 1958. De forma gradual, as características genuínas do povo foram sendo consideradas manifestações culturais brasileiras e classificadas como integrantes do folclore do país. Por exemplo, é o caso do carnaval, mesmo que não houvesse consenso entre os folcloristas sobre a sua inserção naquele campo.

Manifestações como a Festa de Reis, hoje são consideradas como parte da cultura popular brasileira e partes constituintes, com suas especificidades do folclore nacional, graças aos debates travados pelos folcloristas nas décadas de 1940 a 1960, citados anteriormente. Por algumas décadas do século XX, a manifestação religiosa cultural foi abordada descritivamente pelo viés folclórico, por nomes como Luís da Câmara Cascudo, Américo Pellegrini Filho, Carlos Rodrigues Brandão, Zaíde Maciel de Castro e Aracy do Prado Couto em cadernos de folclore. Entretanto, o conceito de patrimônio histórico e cultural tem ganhado cada vez mais espaço na atualidade para representar esse tipo de

¹²⁹ BOMENY, H. Infidelidades eletivas: intelectuais e política. In: BOMENY, H. (Org.) **Constelação Capanema**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 11-36.

¹³⁰ BEZERRA, Danilo. Os carnavais do Rio de Janeiro entre 1934 e 1937 e o movimento folclorista: dimensões do debate. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 8, n. 2, p. 52-66, jul/dez. 2012.
GONÇALVES, Janice. Defender o patrimônio tradicional: a atuação dos folcloristas catarinenses entre 1948 e 1958. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 8, n. 2, p. 4-25, jul/dez. 2012.

manifestação cultural popular, deslocando o eixo do debate para os bens culturais imateriais.

Para analisar a possibilidade da manifestação aos Santos Reis ser um patrimônio, recorreremos primeiro a Françoise Choay¹³¹, que nos esclarece acerca da trajetória e significado deste termo, que começou a ganhar corpo há muito tempo, na Antiguidade Clássica. Foi pensado na Roma Antiga para se referir aos bens do *pater* (pai), o patriarca da família. Adiante, na Idade Média, a Igreja Católica surge como proprietária de grandes patrimônios na época. Já na Idade Moderna, essa noção de patrimônio começa a mudar e ganhar formas próximas ao significado que o conceito terá no início Idade Contemporânea. A partir da Revolução Francesa, então, surge a ideia de preservação. Outros grupos passam a ser inclusos nos critérios para decidir o que é patrimônio, tornando-se realmente público. Até então sempre tendo em vista bens materiais, tangíveis.

A salvaguarda de bens imateriais de valor histórico e cultural no Brasil se fortaleceu a partir dos anos 2000. Em termos gerais, principalmente a partir de 2003 com a realização da “Convenção do Patrimônio Imaterial” pela Unesco. Teve seus primeiros encaminhamentos após a Segunda Guerra Mundial, quando grupos de países de terceiro mundo, muitas vezes não letrados, passaram a reivindicar uma ampliação do que seria considerado patrimônio para além do que é de pedra e cal. A ONU e a Unesco entram nesse debate a favor desses povos e, em 1982, aconteceu uma Conferência no México, em que foi elaborada a Carta do México, incorporada pela Unesco. Nela foi inserido o conceito de Patrimônio Imaterial. No Brasil, a abertura no sentido da valorização do patrimônio imaterial aconteceu com a Constituição de 1988. Em 1998, foi criado o Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial (GTPI) e, em 2000, com fins de valorização e reconhecimento aos bens imateriais, houve o Decreto no. 3551. Foram criados, então, quatro Livros de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial: dos Saberes; das Formas de Expressão; das Celebrações e dos Lugares.

Diante dessa discussão, observa-se que a manifestação aos Santos Reis possui características que a aproximam da questão da patrimonialização. Ela é colocada em prática por um grupo de pessoas há muitos anos, representando algo para esses sujeitos. E eles usam de recursos para sua preservação ao longo do tempo. No entanto, não é tão simples assim a patrimonialização de um bem cultural de natureza imaterial, como

¹³¹ CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 2000.

veremos isso mais adiante. Traremos agora da memória e da identidade presentes na manifestação.

2.3 Memória e identidade do grupo que compõe a Companhia

Independentemente dessas questões, a narrativa cultural de Santos Reis é um caso específico de muitos outros inseridos num debate amplo sobre cultura. Por meio de investigações, como a de Antônio¹³², por exemplo, constata-se a dinamização presente nos costumes e crenças dessa manifestação cultural ao longo do tempo, mas que não alteram sua natureza.

Nessa discussão, Thompson¹³³ faz apontamentos justamente sobre essa mudança nos costumes na esfera cultural. Ele nos ajuda a analisar a dinamização presente na cultura desde o século XVIII com as mudanças sociais decorrentes das revoluções iluministas. Desde então, os costumes não sugerem permanência, mas um fluxo contínuo de adaptações conforme interesse, necessidade e até mesmo promoção de coesão ou conflito no meio social. Ao longo dos séculos, a manifestação católica aos Santos Reis sofreu tais modificações. Burke¹³⁴ também contribui para esse debate acerca da existência de uma cultura dinâmica, fazendo ponderações acerca da passagem de costumes de uma geração a outra, pois as mudanças contemporâneas não permitem que as novas gerações recebam de forma igual aquilo vivido pelas anteriores.

Sandra Pelegrini reconhece um vínculo cultural entre a memória das pessoas com essas representações simbólicas que vêm se formando ao longo dos tempos: “[...] as “representações imagéticas e simbólicas circulam nas entranhas das memórias dos sujeitos sociais, em meio a sentimentos e vivências que resistem ao ocaso e se mantêm devotadas a sustentar vínculos.”¹³⁵

Por exemplo, na constituição da figura dos Três Reis Magos aqui estudados, as cores que os representam na visão dos devotos associam-se a cada personagem do

¹³² ANTONIO, Jacqueline R. **Entre Alegorias e Simbolismos**: a representação dos Reis Magos no retábulo jesuíta no patrimônio de Nova Almeida (Espírito Santo). 141f. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2016.

¹³³ THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**: estudo sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia Das Letras, 1988.

¹³⁴ BURKE, Peter. **Variedades de História cultural**. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

¹³⁵ PELEGRINI, Sandra. O Patrimônio Cultural e a Materialização das Memórias Individuais e Coletivas. **Patrimônio e Memória**. v.3, n.1, p. 87-100, maio 2007. p. 91.

presépio. Sua escolha está ligada a algum elemento dessas figuras, seja o presente ofertado ao Menino Jesus, como é o caso dos Três Magos, seja o manto que Maria vestia na cor azul, do branco que representa José, e do preto, que representa o mal, no caso Herodes. Tal crença negativa associada à cor preta já vem de muito tempo e ainda se mantém na representação das cores dos Santos Reis.

Esses elementos antigos relacionados às cores e aos seus significados permanecem presentes dentre os símbolos do grupo de Cândido Mota para reafirmar as crenças de seus devotos, expressas em seus livretos divulgados aos fiéis:

As cinco cores dos Santos Reis:

Folia de Reis é sinônimo de fé e alegria. Os enfeites e instrumentos, a roupa estampada e colorida dos Palhaços, os arranjos das flores (na Bandeira) transmitem essa fé e alegria.

São cinco as cores dos Santos Reis: branca, azul, vermelha, verde e amarela.

Branca, representando São José.

Azul, a Virgem Maria.

Vermelha, simboliza o Rei Baltazar (incenso).

Verde, simboliza o Rei Gaspar (mirra).

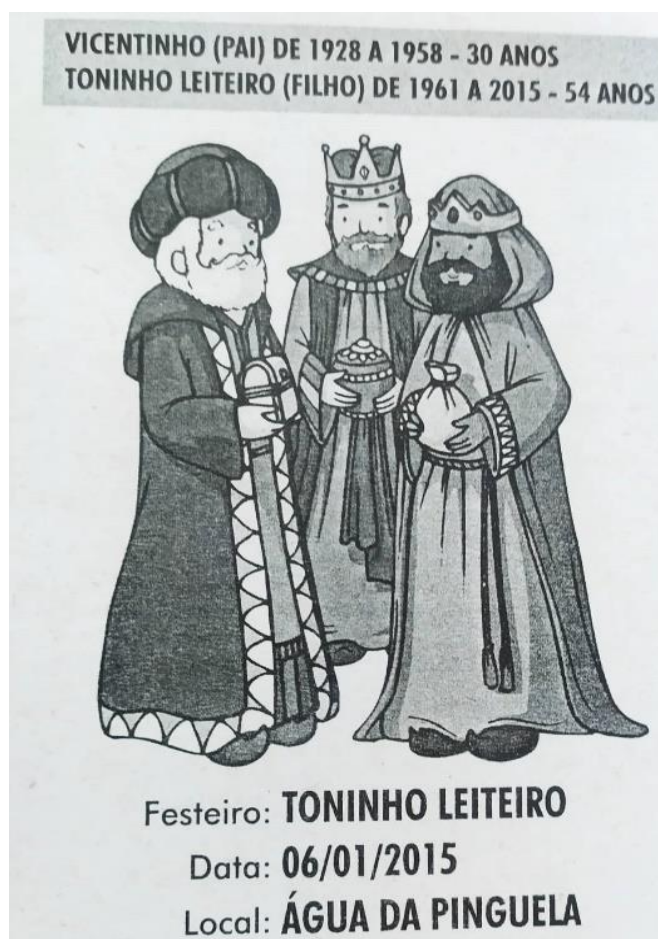
Amarela, simboliza o Rei Melchior (ouro).

A cor preta não existe na Folia de Reis, pois representa Herodes, o rei malvado que desejava matar Jesus Menino.¹³⁶

Foi o que ocorreu em 2015 com a publicação de um folheto de três páginas produzido pela família dos festeiros da Companhia “Estrela do Oriente”. Em preto e branco, trazia a imagem dos Três Magos na capa, com roupas adornadas e presentes nas mãos a serem ofertados ao menino Jesus. Um mais velho, um mais jovem e um negro.

¹³⁶ Livreto impresso pela família do senhor Toninho Leiteiro em 2017, e entregue aos devotos nas visitas as residências. Capa colorida, folhas internas em preto e branco, 24 páginas. O trecho em destaque está nas p.10).

Imagem 14: Capa do livreto confeccionado pela família de Toninho Leiteiro para a festa de 2015



Fonte: Folheto disponibilizado pela integrante da Companhia, Rosmaly Santa de Oliveira.

Dentro do folheto, uma mensagem de agradecimento da família Leiteiro aos fiéis que lhes recebiam nas casas. Uma espécie de oração:

“Abri as portas o Salvador!
“É de paz que ele vem falar”!

A você à sua casa, que nos receberam com tanta fé e tanto carinho.
Deixamos as Bênçãos dos Santos Reis, Baltazar, Melchior e Gaspar,
E o convite que eles nos fazem;
“Vimos a Estrela de Belém! Vamos adorar o Salvador”!
Em cada igreja católica se deixa encontrar,
Espera cada um de nós na Santa Missa ou no Culto Dominical,
E tem a palavra de Deus para nos comunicar.
Está sempre no sacrário, no Cálix bento e na Hóstia Consagrada, para ser
adorado e venerado.
E está sempre no irmão ou na irmã mais pobre para ser amada.
Nossa senhora as Glória, a sua mãe bendita e São José, o pai adotivo,
Vamos esta fé bonita viver e divulgar!
Essa é a lição de nós os missionários populares
das companhias de Reis, que há 54 anos deixamos e queremos deixar,
Com os votos de paz amor para ficar,

Abraços e Bênçãos desta nossa Companhia de Reis.

Família Leiteiro¹³⁷

E, em seguida, a seguinte informação:

Você sabia?

Nossa Igreja tem o nome de católica porque é reunida por isso com fiéis dos quatro cantos da Terra, representados pela família judia do Menino Jesus e mais três Reis Magos, vindos de três cantos da Terra. O encontro dos quatro significa que a salvação é para todo mundo, é católica.¹³⁸

Com o intuito de compreender a mensagem do livreto em questão, faz-se necessária a realização de uma análise do todo, assim como bem nos alerta em suas pesquisas de métodos de análise sobre uma imagem, Martine Joly¹³⁹. Esse documento é composto não apenas por uma imagem, mas também por textos complementares, tanto na capa, como internamente. O intuito da produção, em relação ao receptor, foi o de transmitir uma mensagem bem clara, bem explicada. Isso nos leva a pensar em quem seriam esses receptores, pessoas de todos os tipos da cidade que receberam a Companhia em suas casas naquele final do ano de 2014 e início do ano de 2015. Pessoas de perfil religioso, a considerar as passagens bíblicas ali compiladas. Em muitos casos, pessoas simples, mais velhas, sem alto grau de escolaridade, mas ligadas às crenças e aos ritos dessa manifestação aos Três Santos Reis. O livreto traz uma linguagem textual simples, e a imagem de capa reforça as crenças dos devotos nos Três Reis, que se apresentam ornamentados com trajes e coroas, portando os presentes que levariam ao menino Jesus.

Ainda nessa análise, constata-se que os trechos trazem crenças que sustentam as atividades da Companhia por tantos anos. O grupo de foliões acredita nesses elementos que divulgam, e buscam evangelizar as pessoas que lhes recebem nas residências, seja no campo ou na área urbana. Num constante olhar do presente em relação ao passado, o grupo reforça sua identidade ao repetir, de forma oral, escrita e musical, os elementos religiosos que alicerçam os seus ritos e a sua fé. Os dizeres da capa com datas específicas da Companhia “Estrela do Oriente”, nomes de seus festeiros de décadas, de geração em

¹³⁷ Livreto impresso pela família do senhor Toninho Leiteiro em 2015, e entregue aos devotos nas visitas as residências. Capa e folhas internas em preto e branco, encarte com duas folhas, três páginas mais a capa. O trecho em destaque está na p.1).

¹³⁸ Livreto impresso pela família do senhor Toninho Leiteiro em 2015, e entregue aos devotos nas visitas as residências. Capa e folhas internas em preto e branco, encarte com duas folhas, três páginas mais a capa. O trecho em destaque está na p.1).

¹³⁹ JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1996.

geração, procuram evidenciar a condição de tradição e permanência dos ritos ao longo do tempo na cidade. Outro elemento divulgado no folheto de 2015 para reforçar a tradição da Companhia, se refere aos restos mortais dos Três Magos. Uma pequena ilustração da urna com os ossos dos mesmos, conservados na Catedral de Colônia, na Alemanha, foi colocada no impresso. Por último, o terço de Santos Reis e seus dizeres.

Como já vimos, ao analisar universos culturais e sociais como esse, Hobsbawm¹⁴⁰ trabalha com os conceitos de “tradição” e “invenção das tradições”. Ele repensa muitas situações de tradição, afirmando que elementos recentes são colocados como antigos e tradicionais para regular posições sociais, costumes e a organização social. Dessa forma, a “invenção” acontece num processo de ritualização e formalização por referir-se ao passado, mesmo que pela imposição da repetição. Ao pensarmos no caso da tradição de culto aos Magos de tempos longínquos, desde a Idade Média, ela foi “inventada” para fomentar a fé de um povo que estava inserido nos moldes cristãos de sociedade. Mais adiante, esse mesmo culto aos Magos prosseguiu em Portugal e em sua colônia na América, pois constituía elementos favoráveis ao fortalecimento de um estado-nação cristão. A população se apropriou dessa tradição de fé e desenvolveu as manifestações religiosas para os Magos, dotadas de cantos, ritos, roupas, símbolos e festa. Trata-se, portanto, de tradição vinda de gerações passadas e adaptada diante das mudanças contemporâneas com as quais se depara num processo dinâmico.

Na pós-modernidade, alguns pesquisadores discutem acerca das identidades fixas, cujas trajetórias passam por mudanças devido às transformações mais amplas que ocorreram na sociedade. Manifestações culturais como a Festa de Reis estão localizadas no contexto dessa discussão. Será que na pós-modernidade está acontecendo uma crise de identidade, um enfraquecimento contínuo e uma fragmentação das paisagens culturais? Stuart Hall¹⁴¹ apresenta uma nova dimensão argumentativa para esta questão, discorrendo sobre a transformação da modernidade, em que os indivíduos também são pós a qualquer concepção fixa de identidade desde o iluminismo. Falar das identidades unificadas, que passam a ser deslocadas, fragmentadas, é uma exposição simplista. Assim, em contrapartida à homogeneização cultural causada pela globalização, estaria ressurgindo a etnia, o nacionalismo e outras formas de particularidades no final do século

¹⁴⁰ HOBBSAWM, Eric. Introdução. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 9-21.

¹⁴¹ HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 7.

XX e início do XXI. Algo inesperado, pois nem o iluminismo, nem o liberalismo e muito menos o marxismo previam tal resultado, uma vez que acreditavam que a dimensão cultural local daria espaço gradativo às identidades mais universalistas; no entanto, não foi isso que aconteceu.

A produção de um folheto pelos sujeitos da manifestação cultural em questão aponta nessa direção descrita por Hall. O esforço para manter vivas as características da Festa de Reis no pulsar inicial do século XXI se delineia numa tentativa de resistência frente às culturas universalistas e às padronizações, que se estendem pelo mundo afora na forma de modas e tendências momentâneas. Divulgar os ritos à comunidade significa, para os membros da Companhia, a manutenção dos elementos principais que compõem a identidade do grupo, mesmo que haja alterações de algumas das práticas devido à dinamização da época em que vivemos. Nesse trecho da entrevista com seu Alcides João Roela, podemos notar a flexibilidade e a dinâmica em que os foliões estão inseridos. Sabendo exercer as atividades comuns, as companhias conseguem participar de mais de uma dessas instituições informais privadas.

JOÃO ALCIDES: Ah, agora conforme a gente está lá em Tarumã, eu estou escrito lá em Tarumã, né? Vamos supor, se eu quiser vir, largar lá em Tarumã, eu dou baixa lá no meu trabalho, lá. Eu já falo com quem vai coordenar a bandeira, o festeiro que está coordenando a bandeira, eu falo para ele e a gente dispensa o trabalho, né? E vai para outra bandeira. Sempre quando a gente chega e pede, tem vaga, porque a gente toca e canta, né?¹⁴²

A identidade do grupo é representada num ritual realizado para se chegar à festa do dia 6 de janeiro. Mesmo com essa rotatividade entre os membros que realizam a cantoria entre as companhias, esses ritos são feitos anualmente conforme os costumes preservados. Num outro livreto de 24 páginas da mesma natureza, publicado em 2017, que foi também produzido e distribuído aos fiéis pela família de Toninho Leiteiro, é possível ter contato com algumas das crenças do grupo que forma a Companhia “Estrela do Oriente”, além das informações sobre os sentidos e significados dos ritos para eles. Tal livreto está composto pelos elementos que os sujeitos, praticantes da Festa de Reis em Cândido Mota, consideram importantes de serem preservados, divulgados e colocados em prática.

¹⁴²Entrevista [19 set. 2019]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistado: João Alcides Roela. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. 00:43:50). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

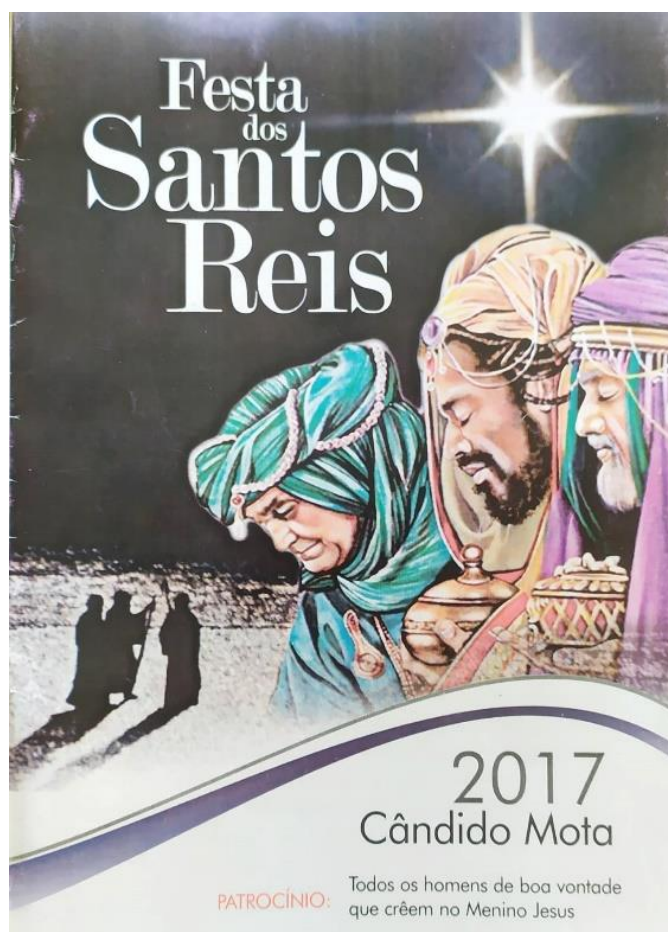
Tais atividades culturais de um grupo como esse, acabam por exercer a faculdade original da cultura que, segundo Arendt¹⁴³, seria de prender a atenção e comover os indivíduos participantes. Enquanto que, na sociedade de massas, há exclusivamente a necessidade de entretenimento e consumismo efêmero, nas manifestações culturais da natureza da festa aos Santos Reis, o que ocorre é uma durabilidade ao longo do tempo, sem a necessidade da funcionalidade, mas a existência por se tratar de um processo inerente à identidade de um grupo. Seria um “Lar terreno”¹⁴⁴, onde as coisas fabricadas resistem ao processo vital consumidor das pessoas que o habitam, sobrevivendo assim a elas.

A palavra “cultura”, que é um conceito de origem romana, origina-se de “colere” (cultivar, habitar, tomar conta, criar, preservar). Arendt nos leva a pensar nesse “carinhoso cuidado” que o homem toma com algumas das atividades que exerce e que estão ligadas ao seu espírito. Numa manifestação de cunho cultural como essa aos Magos, os sujeitos envolvidos estão dotados de crenças e atos que lhes trazem sentido à vida, que lhes regam a alma. Portanto estão providos de cultura.

¹⁴³ ARENDT, Hannah. A crise da cultura: sua importância social e política. In: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 248-281.

¹⁴⁴ Ibidem, 1979.

Imagem 15: Capa do livreto confeccionado pela família de Toninho Leiteiro para a festa de 2017



Fonte: Folheto disponibilizado pelo membro da Companhia, Gustavo de Oliveira, que possui o mesmo como um de seus pertences.

Para o livreto de 2017, foi elaborado um projeto gráfico colorido, com maior inserção de conteúdo. Tanto o livreto de 2015, quanto o de 2017 foram impressos em uma gráfica da cidade, com fundos doados por Rosmaly Santa de Oliveira Barbosa, filha do festeiro Toninho Leiteiro e membro da Companhia. Em entrevista¹⁴⁵ concedida a esta pesquisa, ela afirmou que recebeu uma graça e por isso quis fazer a doação. Foi uma intenção não foi divulgada na época da publicação. No rodapé da capa estão os seguintes dizeres: 2017, Cândido Mota. PATROCÍNIO: Todos os homens de boa vontade que

¹⁴⁵ Entrevista [03 out. 2019]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistada: Rosmaly Santa de Oliveira Barbosa. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. (0:40:36). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

creem no Menino Jesus. A frase de efeito vem composta por aquilo que Chartier¹⁴⁶ chama de “representação”. Este conceito nos ajuda a compreender as diversas relações que os indivíduos e os grupos mantêm com o mundo social. O livreto traz consigo símbolos envoltos às imagens e às palavras que procuram estabelecer e divulgar a crença do grupo no seio da comunidade. O conteúdo das frases trata da fé e da crença dos devotos em Jesus, e, de forma indireta, aos Três Reis Magos, pois o termo “Menino” remete ao episódio do nascimento de Jesus e da visita desses personagens a ele. A representação que os devotos fizeram de si e de sua crença, num documento desta natureza, contribuiu para a exposição dessa manifestação cultural no mundo social, de forma que ela seja reconhecida por quem a veja e agregue àqueles que se identifiquem com a mesma. Neste ponto, está a força da representação, que transmite valores e formas para que o grupo, que a produziu, passe adiante. Nesse caso, é a fé e a devoção de uma manifestação religiosa católica de caráter folclórico devido às danças, às músicas e aos instrumentos presentes em suas práticas. Vejamos o depoimento de Pedro Henrique Gonçalves, de 23 anos de idade:

ALINE: Como foi seu primeiro contato com a Folia de Reis? E como você começou a participar diretamente?

PEDRO: O meu primeiro contato com a Folia de Reis foi no ano de 2010, né? Até então, eu nunca tive um conhecimento sobre a tradição, sobre essa cultura religiosa. E aí eu ingressei através de um amigo né? Que esse amigo já havia completado um ano que ele já participava, e aí ele me mostrou e eu fiquei interessado, né? Me deixou curioso, então eu fui com ele para conhecer, né? Como funcionava esse movimento. E no início, quando eu fui falar com os gerentes da bandeira, né? Que na época eram seu Rubens Burgareli e o saudoso Tião Borges, mais conhecido como Tião Peroba, eu fiquei um pouco apreensivo, né? Porque eu não entendia de nada ainda e não sabia como funcionava, enfim, aí então me deram a função de “bastião”, que, no caso, é o palhaço da bandeira, o guardião da bandeira. E eu trabalhei o ano todo conhecendo sobre aquela função e, para saber mais, para me aprofundar mais naquela tradição, eu era iniciante ali, ainda. No segundo ano, chegou o mês de dezembro, a época de jornada da bandeira, que a bandeira sai para fazer sua caminhada. Aí eu passei a observar um pouco mais sobre a cantoria, porque, até então, eu não conhecia sobre a cantoria, mas eu já cantava desde criança com meu irmão e tal. E a gente sempre foi muito ligado à música, a gente sempre gostou de música, sempre gostou de estar em volta das rodas de música, das cantorias, das violadas, entendeu? A gente participou de Projeto Guri quando criança, e então a gente sempre esteve no meio disso, e então eu comecei a observar mais a cantoria, observar os tons de vozes que o pessoal fazia, o coral ali, então, ao todo. E aí, no segundo ano, eu comecei a fazer o gritinho da cantoria, que é aquele bem fininho que a gente faz no final da resposta. E então eu passei pra esse gritinho, comecei a ajudar ali na cantoria,

¹⁴⁶ CHARTIER, Roger. Apresentação. In: **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

na frente. Eu sei que, no terceiro ano, eu já estava cantando de contrato e tala, que são posições também ali do coral da cantoria. E aí, no terceiro ano, eu já estava participando ali do contrato, tala, fazia as posições quase todas ali da roda de músicos, certo? E aí, já no terceiro ano, eu comecei a cantar de embaixador na frente. Então os mestres que haviam na bandeira já começaram a me soltar ali na frente, porque eu já tinha pego amizade, já tinha pego um bom conhecimento ali sobre cantoria.¹⁴⁷

Ele relata sua experiência na Companhia desde o primeiro contato, em que não conhecia os ritos, mas se interessou, aprendeu e hoje é um dos mestres. Aos treze anos de idade, passou a receber orientações sobre os ritos e a organização da manifestação religiosa popular em questão, conheceu a memória do grupo, as tradições que chegaram de forma oral até o presente, absorveu tudo isso a seu próprio modo e passou a desempenhar um papel importante nas jornadas. A identificação com os festejos foi forte, pois gostava de música e sentiu sua identidade representada naqueles ritos, que foi aprendendo de forma gradual.

A representação produzida pelo grupo, elaborada com certos fins, como nos lembra Chartier¹⁴⁸ acerca das finalidades de qualquer representação, surtiu efeitos ao atrair novos agentes para a continuidade dos ritos. A memória propagada por esse mesmo grupo chegou até o menino e o convenceu a fazer parte da mesma junto ao grupo, como forma de realização e identidade. Candau¹⁴⁹ quando fala do desmonte das grandes memórias organizadoras, salienta a existência das memórias dos pequenos grupos, fraturadas, que, junto a outras memórias também pequenas, resistem por meio de adaptações, releituras e dinamismo, chegando até as novas gerações. Assim, são ressignificadas e a tradição é levada adiante.

Dentro dessas representações, na capa deste segundo livreto está o título: *Festa de Santos Reis*; ao centro, uma ilustração dos Três Magos, sendo um deles mais velho e um outro jovem, ambos da raça branca. O terceiro é da raça negra. Representados com roupas coloridas, cada um num tom de cor: verde, laranja e roxo. Estão com enfeites nas roupas, além de portarem em suas mãos os presentes que serão ofertados ao menino Jesus. Os três estão ilustrados com os olhos fechados, como se estivessem em oração ou adoração

¹⁴⁷ Entrevista [26 ago. 2020]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistado: Pedro Henrique Gonçalves. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. (1:30:05). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

¹⁴⁸ CHARTIER, Roger. Apresentação. In: **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

¹⁴⁹ CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 137-197.

a Jesus. Ao fundo, um céu escuro, da noite, com uma estrela brilhante, representando a Estrela do Oriente, que os teria guiado até o local onde o menino Jesus estava com seus pais, Maria e José. Os mesmos magos são representados novamente, ao fundo, num segundo plano, com sombras de seus corpos caminhando durante a noite em direção à estrela. Toda essa exposição nos leva à percepção da imagem em seu caráter descritivo, cujo semiólogo, Roland Barthes, chamava de denotativo¹⁵⁰.

Por se tratar de um livreto, o papel é o suporte dessa representação produzida para o grupo de foliões. O suporte, junto aos outros elementos, como o ângulo e o plano da imagem, que já foram descritos, além das cores, do enquadramento e da diagramação, constituem a mensagem “plástica” da representação, de acordo com Joly.¹⁵¹ Esta seria a parte técnica, análise bem próxima ao conceito de “denotação” de Barthes, mais ligada à descrição da condição primária da representação e de sua função, também primária.

Quanto ao conteúdo exposto de crença do grupo, que se quer reforçar e passar adiante para a comunidade, tem a função de despertar, no receptor, o interesse ou a reafirmação daquela manifestação cultural de cunho religioso por meio de imagens, passagens bíblicas, explicações de ritos e símbolos. Tratar-se-ia da mensagem “icônica”, e diz respeito à motivação da produção dessa mensagem; aquilo que vai além do que os olhos podem ver, que é o intuito da produção.

A terceira mensagem contida no documento, por sua vez, seria a “linguística”, que está atrelada a determinantes presentes na imagem, além de textos de apoio, que atuam numa espécie de âncora à mensagem que a imagem está representando. Seria tudo aquilo que contribui para a assimilação do conteúdo. No caso em questão, a capa, com a imagem dos três Reis Magos em oração e com olhos fechados, reflete a visão de fé que se projeta para o grupo sobre esta manifestação cultural religiosa da qual fazem parte e estão a divulgar. Os símbolos estão também em destaque, a exemplo da Estrela Guia, cujo nome da Companhia faz alusão. Também está enfática a tradição que cerca a manifestação, sendo aquela crença advinda da Bíblia Sagrada, contendo os excertos bíblicos de séculos atrás. Por fim, o ornamento dos Reis (posteriormente tornados santos), representando a posição deles no Oriente por meio de vestes com joias e ouro, reafirmando a história contada sobre sua condição e trajetória.

¹⁵⁰ BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**: nota sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

¹⁵¹ JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Trad. de Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1996.

Numa análise conotativa, busca-se a compreensão acerca do conteúdo deste material produzido pela Companhia “Estrela do Oriente”. Para isso, esquadrinha-se o seu sentido intrínseco; de acordo com o semiólogo Barthes e a partir de conceitos da análise de Joly, que também segue a linha da semiótica, o livreto foi observado sob três mensagens: plásticas, icônicas e linguísticas. Nesse olhar sobre o todo, percebe-se o uso de recursos variados para se chegar ao receptor com a mensagem que se quer divulgar, neste caso, a crença dos integrantes da Companhia pautada em tradição bíblica religiosa.

A crença veio de um tempo distante, mas permanece dentro do grupo de devotos e de foliões na atualidade. Para gerar uma reflexão sobre essa questão de transmissão de crenças religiosas de pais para filhos, Dupront¹⁵² aponta que as lembranças religiosas têm forte impulso para transmissão de crenças, mais que as lembranças comuns. No entanto, não são transmitidas de forma exata e estática e, sim, de forma orgânica a se refazer conforme cada época e cada geração. A crença no menino Jesus e nos Três Magos foi transmitida ao longo do tempo dentre as gerações e, nesse trajeto, sofreu mudanças, adaptações e rearranjos. A prova disso é a diversidade de práticas em comemoração à visita dos Três Magos a Jesus. Existem diferentes Companhias de Reis nas diferentes regiões do Brasil, com diversificação de atividades e ritos entre elas.

Ainda nesse diálogo referente ao que é transmitido de pais para filhos, Sirinelli problematiza a questão da geração dentro da análise histórica sobre um objeto de pesquisa. “[...] a história ritmada pelas gerações é uma “história em sanfona”, dilatando-se ou encolhendo-se ao sabor da frequência dos fatos inauguradores.”¹⁵³

O movimento acontece dentro das práticas passadas de uma geração a outra.

[...] é preciso defender, no final das contas, a geração concebida como uma *escala móvel do tempo*. O que limita, certamente, suas virtudes de “periodização”. Mas uma vez admitidos esses limites, a noção de geração, em vez de se dissolver como não-objeto de história, permanece fecunda para a análise histórica e, notadamente, para as respirações do tempo.¹⁵⁴

¹⁵² DUPRONT, Alphonse. A religião: Antropologia religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988. p. 83-105.

¹⁵³ SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

¹⁵⁴ Ibidem, 1996.

A geração acaba por ser uma peça importante no funcionamento do tempo, pois traz consigo as continuidades e as rupturas das tradições e dos costumes dos grupos humanos, que se sucedem na história. A geração de Toninho Leiteiro prosseguiu com os ritos da Companhia criada pela geração de seu pai, e, hoje, uma terceira geração lhe auxilia na divulgação desses ritos de forma escrita, numa troca de saberes, num movimento pautado nas características de cada época histórica.

Além de material impresso, os foliões fazem bastante uso das redes sociais para divulgação dos festejos e de suas atividades anuais. A vida social está num processo de mudanças tão dinâmico, que abismos estão se formando de uma geração a outra, com drásticas rupturas. A busca pela tradição acaba sendo uma forma de frear essa perda de referência no grupo.

Sobre a confecção desse material impresso, Toninho Leiteiro e família divulgaram no próprio livreto a motivação para produzi-lo:

Para esta festa julguei oportuna a impressão deste texto e a realização da exposição Passado e Presente da Festa dos Santos Reis, contribuindo para futuras pesquisas e resgatando, também, a cultura religiosa de nossa gente. O meu melhor agradecimento a todos que colaboram para a concretização deste evento, esperando encontrá-los, no próximo dia 06 de janeiro de 2017, na Água da Pinguela em Cândido Mota/SP.¹⁵⁵

A posição dele e do grupo demonstra preocupação para com a preservação dos sentidos da festa. A iniciativa de redigir um manual explicativo representa a tentativa de manutenção dos ritos, em papel, tendo como caminho para isso a organização das atividades e de seus significados. Ao entregar esse folheto aos devotos, os líderes da Companhia semearam as características que dão identidade ao grupo e que não podem ser perdidas no tempo. Desta forma, recuperaram no texto sua própria história de fundação, da origem religiosa do festejo de séculos atrás e das atividades realizadas anualmente pelos sujeitos envolvidos.

Podemos destacar o trecho acerca do que foi escrito sobre o sentido da Folia:

¹⁵⁵ Livreto impresso pela família do senhor Toninho Leiteiro em 2017, e entregue aos devotos nas visitas às residências. Capa colorida, folhas internas em preto e branco, 24 páginas. O trecho em destaque está na p.1.

É uma cultura popular, de caráter religioso, do folclore brasileiro. Retrata a devoção e o respeito de um povo, que tem fé e adoração aos Santos Reis, ao Menino Jesus, a São Jose e à Virgem Maria. [...]

Tratam-se de palavras dotadas de memória. Neste livreto, estão selecionados aspectos do festejo que o grupo considera fundamentais para a estruturação, sentido e prática do ritual. Elementos que lhes representam significado e valor. As definições e explicações divulgadas nesse impresso simbolizam a forma como o grupo gostaria de ser visto pelo outro. Como nos alerta Pollak¹⁵⁶, em uma conferência que realizou no Brasil em 1987, o que está em jogo na organização da memória é a identidade do grupo. A forma pela qual a memória é estruturada, reconstruída e divulgada, é importante para a organização social da vida. Nesse sentido, a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade.

Os sujeitos envolvidos na realização dos rituais da Festa de Reis da Companhia “Estrela do Oriente” tiveram a iniciativa de organizar num livreto características de um ritual que realizam há décadas, cujo conteúdo vem de muito tempo, remontando ao período colonial da Idade Moderna, mas tendo sua construção efetiva na Idade Média. Entretanto, os fatos rememorados no ritual teriam acontecido no final da Idade Antiga, com o nascimento de Jesus Cristo e a visita dos, então, Magos à criança recém-nascida. Investigar esse processo de construção de ritos e fé ao longo da história contribui para as análises acerca dessas manifestações de religiosidade popular.

O grupo expõe a visão que tem de si e de outros segmentos sobre a Folia da seguinte forma:

Para os foliões, os devotos dos Reis Magos e o povo simples, a Folia de Reis é segmento da religião. É devoção, crença, alegria e festa de confraternização. Para os intelectuais é folclore. Para a Igreja Católica, é uma cerimônia aceita, destinada a festejar os Santos Reis e o Menino Jesus.¹⁵⁷

E demonstram consciência sobre o caráter de manifestação religiosa do festejo:

A Folia de Reis, também chamada de Companhia de Santos Reis não é religião, mas, sim, uma manifestação religiosa que se pode denominar de catolicismo

¹⁵⁶ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. (Conferência realizada no Brasil em 1987, foi publicada pela primeira vez em 1989, essa edição é de 1992).

¹⁵⁷ Livreto impresso pela família do senhor Toninho Leiteiro em 2017, e entregue aos devotos nas visitas as residências. Capa colorida, folhas internas em preto e branco, 24 páginas. O trecho em destaque está na p. 4).

popular, cujo objetivo principal é louvar, adorar, homenagear a Virgem e Bem Aventurada Maria Santíssima, São José Carpinteiro e os Magos do Oriente, renovando a fé e a alegria entre os homens.¹⁵⁸

A religião é um dos elementos que formam a identidade desse grupo. Além de Pollak¹⁵⁹, Le Goff¹⁶⁰ também discorre sobre isso. Existe uma relação íntima entre memória e identidade. Juntas, memória e identidade representam a visão do grupo sobre si, e esse processo está inserido também dentro do campo da política, das relações sociais e da história. A fonte escrita em questão, funciona de modo a construir a identidade do grupo, ressaltando elementos que os indivíduos conseguem enxergar num coletivo.

A adoração aos Três Magos, dentre os membros da Companhia “Estrela do Oriente” acontece pautada em crenças, como vimos, as quais fazem questão de explicar, seja nos livretos impressos que entregam à população, seja por meio de depoimentos orais coletados em entrevistas. Cada objeto diz respeito a um símbolo com significado, e cada atividade realizada no rito representa um elemento da devoção aos Magos e a Jesus. Nessa perspectiva, realizam essa manifestação religiosa popular porque faz parte da identidade do grupo. Confere articulação entre as pessoas envolvidas e significado às suas trajetórias de vida, independentemente das gerações, como veremos a seguir.

2.4. A articulação entre diferentes gerações

A tradição de ritos aos Santos Reis ocorre no século XXI de forma articulada por meio da atuação de foliões antigos e novos, com familiares dos fundadores da Companhia e, também, com indivíduos que estabeleceram vínculos com a mesma recentemente. Essas gerações diferentes, cada qual com sua visão de mundo e formação, somada às características da pós-modernidade, levam o festejo a passar por alterações em sua forma de ser realizado. Além disso, a tradição passa a ser recontada de formas diferentes, a ser

¹⁵⁸ Livreto impresso pela família do senhor Toninho Leiteiro em 2017, e entregue aos devotos nas visitas às residências. Capa colorida, folhas internas em preto e branco, 24 páginas. O trecho em destaque está na p. 5).

¹⁵⁹ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. (Conferência realizada no Brasil em 1987, foi publicada pela primeira vez em 1989, essa edição é de 1992).

¹⁶⁰ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2 ed. Campinas: EdUNICAMP, 1992.

repassada de um grupo a outro no passar das décadas, até representar a comunidade no momento atual, em que a manifestação é concretizada nas jornadas e na festa de arremate.

Diante das consequências da globalização, que repercutem em padronização de hábitos e costumes, crenças e práticas culturais na sociedade, a manifestação cultural aos Santos Reis externada pela Companhia “Estrela do Oriente” resiste e se refaz. Isso ocorre por meio da renovação de foliões, do uso de tecnologia a seu favor e do envolvimento da comunidade local em seus ritos como forma de representação de devoção e identidade. A tradição recontada, ao invés de se desintegrar, se renova. É reafirmada por novos sujeitos, de maneira a revitalizar as práticas culturais representativas que lhes faz sentido.

Em entrevista oral, ao ser questionado sobre o significado histórico e religioso da Folia de Reis, um jovem folião fez o seguinte relato:

ALINE: Qual o significado histórico e religioso da Folia de Reis?

PEDRO: A cultura da Folia de Reis começou com toda uma história por trás. Ela começou assim quando os magos do oriente estudavam a astrologia, a constelação, então eles acreditavam através dos pergaminhos que do céu viria um sinal divino que mostrasse pra eles quando Jesus viria pro mundo, quando ele iria nascer. Então eles acreditavam nisso aí, e bateram firme nessa tecla. Então Deus mandou para eles um sinal que foi a estrela, a chamada de estrela do oriente, né? Estrela da guia que mostrou pra eles o caminho até Belém, onde Jesus havia nascido. Então, tendo eles aquele sinal, eles viajaram por muitos dias à procura de Jesus, e até que chegaram em Belém onde a estrela surgia para eles ali. Chegando em Belém, eles foram conversar com o rei do lugar que era Herodes, né? Mas Herodes não aceitava que nasceria outro rei, porque os Reis Magos chegaram dizendo que nasceria o rei, que ele era daquela cidade, que um por sinal divino eles viera procurar. E Herodes disse que ele não sabia de nada, não tinha conhecimento de um outro rei, mas que, se os magos encontrassem esse rei, era para eles voltarem para avisar o Herodes, porque ele também queria conhecer. Só que aí os Magos começaram a maliciar, eles começaram a sentir maldade no coração de Herodes e viram que ele não queria encontrar Jesus para adorá-lo, parabenizá-lo. Não, ele queria matar o menino, porque ele não aceitava que houvesse outro rei no lugar dele. Ele queria ser o único rei do lugar. Então foi aí que os Três Reis seguiram viagem, saíram do castelo de Herodes, e, logo que eles saíram, Herodes acionou os capangas dele, os guardas, e mandou sacrificar todas as crianças até dois anos, né? É porque ele não queria nenhum rei na cidade dele. Então os três reis foram depressa, né? Seguiram os seus caminhos e encontraram, então, a estrela da guia, a estrela do oriente mostrou para eles novamente, porque ela havia sumido quando ela chegou em Belém. Aí eles foram conversar com o Herodes, aí depois ela voltou e, quando ela voltou, eles encontram o lugar que Jesus tava, que era... Ele tava numa lapinha, né? Num celeiro, o único lugar que José e Maria conseguiram pra que Maria tivesse Jesus, aí então eles estavam numa manjedoura. Então os Três Reis chegaram cheios de alegria, né? Todos contentes para visitar Jesus e traziam nos seus cofres ouro, incenso e mirra, né? Para presentear o menino, e Jesus ali com seus pais em volta, pastores, animais, né? A chegada dos Três Reis, ela foi muito festiva, porque, além deles trazerem os presentes para adorar o menino, para presentear aquela família, a família de Nazaré, eles foram os primeiros, foram quem descobriram, e ficaram muito felizes por estarem certos das suas escrituras, ficaram muitos contentes, então eles, como eles ficaram sabendo que Herodes tinha mandado matar todas as crianças do povoado que tivessem até dois anos de idade, como Herodes

mandou matar, então os Três Reis avisaram José e Maria para que eles saíssem daquele lugar e fossem para outro lugar, entendeu? Então os Três Reis tiveram uma grande importância, porque eles ajudaram a Jesus, José e Maria a escapar de Belém e despistar os guardas, os capangas de Herodes, entendeu? E até na história diz que depois os guardas de Herodes se converteram, né? Eles viram para onde eles estavam indo, que os Três Reis estavam encobertoando, né? A trajetória deles, José e Maria para fugir de Belém, então eles se converteram, eles acreditaram que Jesus era o salvador, Messias, né? Então eles ajudaram também, enfim, se a gente for contar detalhe por detalhe é bem extenso, sabe? Porque tem bastante coisa que o pessoal passa pra gente, coisa nova que o pessoal passa sobre alguns acontecimentos que tinham quando Jesus nasceu, o que que eles fizeram pra conseguir escapar e tal, entendeu? Mas enfim, aí os Três Reis depois de disfarçarem lá, que, para eles conseguirem atravessar a cidade, eles voltaram para suas terras, fizeram uma grande festa, né? Pelo que conta a nossa história, pelo que eu aprendi, eles fizeram uma grande festa, celebrando a vinda de Jesus, né? A chegada do Menino Jesus no mundo, do Salvador, e daí surgiu então a Festa de Reis, certo? Então a gente comemora, né? A chegada do menino Jesus e a descoberta dos Três Reis Magos ao nascimento de Jesus, né?¹⁶¹

O folião de apenas 23 anos de idade, há dez anos fazendo parte das ações da Companhia, fez esse relato extenso sobre a história religiosa da manifestação cultural. Ele, que até os 13 anos de idade não conhecia o funcionamento e significado desse festejo¹⁶², recebeu os ensinamentos sobre a origem da Festa de Reis dos foliões mais antigos.

Constata-se que gerações diferentes da mesma comunidade acabam por se articular para a realização da manifestação cultural, que acaba por representar afinidade de gostos e crenças entre elas. Essa passagem é contada a todos e por todos e torna-se parte da memória do grupo. Devido às suas características, trata-se de uma “memória enquadrada”, segundo o conceito usado pelo sociólogo Pollak¹⁶³. Representa a memória que vem sendo repetida até a atualidade, aquela que o grupo enxerga como ideal e reproduz de forma a reafirmar a sua crença e as suas atividades no entorno em que se encontra.

O vocabulário atual e despojado do depoente com dizeres como: “bateram firme nessa tecla” ou “maliciaram”, em contraste com o teor da história narrada por ele, que remonta aos acontecimentos bíblicos, como o nascimento de Jesus Cristo e a visita dos

¹⁶¹ Entrevista [26 ago. 2020]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistado: Pedro Henrique Gonçalves. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. (1:30:05). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

¹⁶² Ver p-81 e p-82, informações e análise sobre o primeiro contato do folião Pedro com a Companhia Estrela do Oriente.

¹⁶³ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 2, 1989.

Três Reis a Jesus, são elementos evidentes dessa conexão de gerações, que se adaptam e se articulam em prol da continuidade da manifestação religiosa. A fala funciona como uma anúncio social, pois mesmo com palavras próprias de sua geração, o sujeito reafirma elementos presentes na estrutura social antiga do grupo do qual faz parte. Bakhtin, ao tratar de linguagem, valoriza a fala e sua natureza social, e a condiciona à existência da sociedade¹⁶⁴. Nesse depoimento, a fala está exercendo a característica social, corroborando numa entrevista oral para a reafirmação da memória de um grupo, e consolidando o teor de crença desse grupo, mesmo com uso de um vocabulário variável entre as gerações.

Esse tipo de manifestação religiosa cultural, como a Festa de Santos Reis, é considerada uma representação da diversidade cultural de acordo com Sandra Pelegrini. Então, aí reside a importância de jovens e anciãos estarem integrados para que essa herança cultural se sustente e prossiga sendo sinal de inclusão social e representatividade.

Cumpramos lembrar que apesar da globalização tender a homogeneizar as culturas, a valorização das práticas populares tradicionais se impõe na contemporaneidade, pois estão imbricadas as noções de pluralidade, a inclusão social e ao exercício da cidadania (PELEGRINI, 2007). Logo, projetos que visem à integração entre jovens e anciãos detentores de conhecimentos e técnicas ancestrais devem constituir o ponto de partida para criação das condições propícias à transmissão dos conhecimentos e da herança cultural dos povos, e ainda, para a sustentabilidade e manutenção de seus bens culturais.¹⁶⁵

A articulação entre as gerações acontece em constante movimento e resulta em rupturas de hábitos também. Vejamos um depoimento sobre as rupturas:

ALINE: O que você considera que mudou ao longo do tempo nos ritos e na festa?
PEDRO: Eu considero que mudou bastante ao longo do tempo foi o meio de transporte, né? Há relatos, os antigos me dizem, os veteranos aí, que, antigamente, o pessoal pra realizar a jornada da festa, eles utilizavam, assim, de meios de transportes da época que eram carroça, carro de boi, a cavalo, muitas vezes iam a pé fazer a jornada, né? As suas romarias. Então era bem mais complicado, né? Hoje em dia a gente já pode contar com ônibus, com uma van, uma perua, então a gente já tem o meio de transporte bem avançado, antigamente eles tinham que viajar quilômetros a pé, pau de arara, trator, para poder então levar os seus suprimentos e o pessoal que... é... os foliões também, entendeu? Então esse é um dos pontos que mudou muito ao longo dos anos. Outra coisa também é que, antigamente, na questão dos instrumentos da Companhia, era

¹⁶⁴ BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4 ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

¹⁶⁵ PELEGRINI, Sandra. A Salvaguarda e a Sustentabilidade do Patrimônio Imaterial Brasileiro: Impasses e Jurisprudências. In: FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. C. A.; RAMBELLI, G. (orgs.). **Patrimônio Cultural e Ambiental: questões legais e conceituais**. São Paulo: Annablume; FAPESP, Campinas: Nepam, 2009. p. 99-118.

muito mais difícil, né? Pra conseguir. Hoje a gente tem privilégio de ter instrumentos bons, viola, violão, pandeiro, instrumento que você quiser você tem aí, vamos dizer assim, na mão, né? Antigamente, para um folião tocar uma caixa, ele tinha que produzir a caixa dele, né? Então ia lá, cortava um pedaço de lata, dobrava ela, um pedaço de couro de bode e colocava na lata e virava uma caixa. Cortava dois pedaços de cabo de vassoura e viravam então as baquetas. Então daí você tira que evoluiu muito nessa questão também e outros diversos pontos que foram mudando, que a tradição foi evoluindo. A aceitação também das pessoas que começaram a entender melhor o intuito, o objetivo da festa, até mesmo na Igreja foi entrando de uma forma mais ampla na mente das pessoas a respeito da nossa tradição, da nossa cultura, do que a gente gosta, né? Antigamente só quem conhecia, né? Mesmo, quem tinha convívio para entender o que era a folia de Reis, caso contrário era só uma baderna, uma bagunça e tal, então, graças a Deus, hoje em dia o pessoal entende bem do que se trata.¹⁶⁶

É inegável que a tecnologia trouxe facilidades ao longo dos anos. Hábitos que constituíam a manifestação religiosa e cultural do grupo sofreram alterações significativas, como o uso de meios de transportes específicos nas jornadas e os instrumentos musicais utilizados. Esses elementos faziam parte dos ritos repetidamente por muitos anos e estavam presentes no funcionamento dos giros. Eles deixam de fazer parte da jornada dos foliões devido ao surgimento e substituição por novos equipamentos facilitadores. Toda essa alteração tem impacto na prática da manifestação religiosa na atualidade, mas, nas lembranças dos membros mais antigos, os hábitos não são esquecidos e são constantemente resgatados nas histórias. O instrumento produzido de forma improvisada, assim como o meio de transporte rústico, em forma de carroça e outros, fazem parte da memória dos foliões e devotos. Conforme essas características vão sendo modificadas, as novas gerações vão tendo contato com novos objetos e costumes práticos. No entanto, a memória acerca do passo a passo dos ritos e do significado do festejo é cultivada. O depoente em questão, por exemplo, não viveu a realidade narrada por ele, mas alguém lhe contou essa história que ele repete e, mais uma vez, estamos diante da memória enquadrada, que não pode mudar de direção e de imagem brutalmente, senão sob risco de tensões difíceis de dominar, de cisões e mesmo de seu desaparecimento se os aderentes não puderem mais se reconhecer na nova imagem¹⁶⁷. O enquadramento da memória acaba sendo um dos componentes importantes para a permanência do tecido social e das estruturas institucionais de uma sociedade.

¹⁶⁶ Entrevista [26 ago. 2020]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistado: Pedro Henrique Gonçalves. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. (1:30:05). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

¹⁶⁷ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, vol. 2, 1989.

A memória coletiva, que é repetida, representa sentido para esse grupo e acaba por representar um monumento¹⁶⁸ para seus membros. A história bíblica narrada por todos, assim como as características de ontem e de hoje relatadas, são narrativas eleitas pelos indivíduos como registros importantes do que se quer lembrar e ter representatividade diante da sociedade.

Dessa forma, a memória do grupo “Estrela do Oriente” é enquadrada e coletiva. Perpassa por décadas e gerações, articulando expressões culturais a serem desempenhadas anualmente. Dotadas de características religiosas e profanas, as atividades desenvolvidas pela Companhia articulam a comunidade, e esse ponto aproxima tal manifestação de ser classificada como um patrimônio cultural imaterial.

Em busca da legitimação social¹⁶⁹, os membros da Companhia, sejam eles os mais antigos ou os mais jovens, repetem os ritos, as histórias e os símbolos; e essa verdade acaba por se perpetuar como a identidade do grupo frente à sociedade como um todo. Ocorre, por meio da manifestação cultural religiosa aos Santos Reis, uma consolidação identitária, onde os pares se reconhecem, se juntam e executam a atividade que lhes confere significado à vida. Gabriela Marques Gonçalves, ao se dedicar à Festa de Reis de Juiz de Fora/MG, traz à discussão a questão de como os integrantes da manifestação se apresentam como “nós”, se diferenciando, assim, dos demais indivíduos e grupos que não participam do rito. “Assim eles se colocam enquanto detentores de um conhecimento do sagrado que não é compartilhado pelo restante da sociedade e a transmissão dessa mensagem se apresenta enquanto uma das funções do grupo.”¹⁷⁰

Trata-se, portanto, da questão da identidade representativa dos grupos das Companhias de Reis por meio dos saberes e celebrações que possuem e realizam. Tomemos as fotografias analisadas nesse trabalho e publicadas na rede social Facebook como exemplo de representação do grupo. Elas foram postadas pelo folião Pedro Henrique Gonçalves, que criou uma página em janeiro de 2018 para a Companhia “Estrela do Oriente”, vinculada à sua conta pessoal. Nesse espaço, posta diversas fotos da manifestação desde então. O título da página está da seguinte forma: “Cia. de Santos

¹⁶⁸ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2 ed. Campinas: EdUNICAMP, 1992.

¹⁶⁹ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

¹⁷⁰ MARQUES GONÇALVES, Gabriela. **Cultura Popular e Comunicação**: A Folia de Reis em bairros populares de Juiz de Fora. 2014. 118 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2014. p. 43.

Reis Toninho Leiteiro/ Cândido Mota-sp”¹⁷¹, e ela possui 1.129 seguidores¹⁷². Indagado sobre qual a intenção de criar tal espaço midiático, o folião respondeu: “O intuito de criar foi para apresentar para os devotos nossa cultura, mostrar um pouco de nossa jornada, e registrar também esses momentos”. Na sequência, uma fotografia colhida na referida página virtual:

Imagem 16: Folião, Pedro Henrique Gonçalves, registra selfie com demais integrantes da Companhia Estrela do Oriente



Fonte: Página da Companhia na rede social Facebook. Fotografia postada em 01/01/2018

Com auxílio das reflexões de Pedro Telles da Silveira, pode-se perceber que é notável como a internet tem sido utilizada na atualidade para a produção de conteúdo próprio pelos indivíduos, para comunicação e divulgação desse conteúdo. Todo um “material digital” tem sido depositado num espaço on-line, que acaba sendo um suporte para a memória e à formação de identidades de pessoas e grupos. Necessidades pessoais alcançam, assim, a esfera pública, tornando a memória uma representação ao público.¹⁷³

¹⁷¹ Entrevista [26 ago. 2020]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistado: Pedro Henrique Gonçalves. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. (1:30:05). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

¹⁷² Última verificação realizada em 20/02/2021

¹⁷³ SILVEIRA, Pedro Telles da. **Da história instantânea ao arquivo infinito: arquivo, memória e mídias eletrônicas a partir do Center for History and New Media (George Mason University, EUA)**. *FACES DA HISTÓRIA*, Assis-SP, v.3, nº1, p. 24-42, jan.-jun., 2016.

O folião, Pedro Henrique, ao tomar essa iniciativa de criação de um espaço online para o grupo do qual faz parte e de alimentar esse espaço com material representativo da manifestação que realizam aos Santos Reis, participa desse novo caráter adquirido pela internet, especialmente na segunda década do século XXI. Na fotografia, a selfie que registrou traz a manifestação religiosa da qual é integrante, indicando a dimensão tecnológica e de costumes que mudam e que se flexibilizam conforme necessidades do tempo.¹⁷⁴

Ainda citando Pedro Telles da Silveira, há menção do conceito “memória prostética”, de Alison Landsberg, para identificar na internet e nas mídias virtuais como “as pessoas são convidadas a assumir memórias de um passado que elas não viveram.”¹⁷⁵ Uma espécie de memória prótese para a própria vida. Nesse momento, algumas pessoas, ao terem contato com características culturais, agora representadas em mídias sociais, as incorporam em sua identidade. A cultura representada em mídias, seja por fotos, vídeos ou textos, chega ao conhecimento de mais pessoas, colocando a representação, então exposta, a serviço da divulgação da mesma pelas mãos de um de seus integrantes e da incorporação de seus elementos por mais pessoas que venham a se identificar com ela. Ou seja, “[...] nas últimas décadas o arquivo tem sido visto não apenas como um espaço de armazenamento – o lugar onde as coisas morrem – mas também como um espaço de criação – o lugar onde as coisas estão à espera de serem reencontradas.”¹⁷⁶

É neste cenário que a cultura particularista de um grupo acaba por ter contato com recursos que pertencem à cultura de massas, como as redes sociais. E passa, a partir daí, por dinâmicas que podem lhe desintegrar. No entanto, o que se vê é uma cultura que se adapta, que usa de toda uma dinâmica e flexibilização para se manter viva e se fortalecer frente à homogeneização da globalização.

As fronteiras entre produtor e receptor midiático são borradas conforme o mesmo usuário destes arquivos pode ser visitante ou contribuinte. Nesse sentido, eles também servem para amplificar, por sua própria atuação, a presença midiática dos eventos aos quais se referem. Eles acabam tanto por ser guardiões quanto produtores de memória.¹⁷⁷

¹⁷⁴ THOMPSON, Edward P. Introdução. In: **Costumes em Comum**: estudo sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia Das Letras, 1988.

¹⁷⁵ SILVEIRA, Pedro Telles da. *Op. Cit.*, 2016, p. 31.

¹⁷⁶ *Ibidem*, 2016, p. 34.

¹⁷⁷ *Ibidem*, 2016, p. 39.

São os indivíduos e não as instituições que tomam frente nesse processo de exposição das manifestações culturais nas mídias. Na percepção do autor “[...] eles também servem para amplificar, por sua própria atuação, a presença midiática dos eventos aos quais se referem. Eles acabam tanto por ser guardiões quanto produtores de memória.”¹⁷⁸

O processo de replicação das manifestações religiosas e culturais à comunidade em geral envolve, como vimos, as diferentes gerações, cada uma a seu modo. As atividades que realizam são pautadas em tradições, sempre com o mesmo significado religioso, no entanto, com adaptações na sua realização prática. Ocorrendo de acordo com o meio social em que vivem, numa dinâmica que transforma seus ritos em específicos de um grupo e de fundamental representatividade para o mesmo, sendo, dessa forma, em sua natureza, de bem cultural imaterial deste, mesmo que ainda isso não tenha sido reconhecido oficialmente pelos órgãos responsáveis como patrimônio cultural imaterial.

Assim, as características e os laços identitários, que unem esses fiéis em torno da manifestação religiosa, sinalizam para os caminhos da patrimonialização desses festejos como parte integrante do patrimônio imaterial do país, a exemplo do que ocorreu em Minas Gerais.

No próximo e último capítulo, trataremos da dinâmica existente em torno da manifestação, levando os ritos da Companhia a serem exercidos pelos foliões e devotos com continuidades e discontinuidades dentro do cenário da globalização e da pós-modernidade.

¹⁷⁸ *Ibide m*, 2016, p. 39.

CAPÍTULO 3 – A DIMENSÃO PATRIMONIAL DA FOLIA DE REIS NOS TEMPOS ATUAIS: o que dizer?

3.1 A singularidade da manifestação da Companhia Estrela do Oriente

Pensar a singularidade da Companhia “Estrela do Oriente” em tempos de hibridismo cultural, ou seja, de culturas que se misturam a todo momento e se desdobram em novas, encontrar o singular é algo relevante. A Companhia reúne conhecimentos, práticas e modos de vida no ambiente social que lhe torna portadora de uma forma de organização social, representando inúmeras pessoas.

Desde a sua cantoria em sete vozes, até o culto aos seus símbolos – bandeira, presépio e indumentária –, esta Companhia apresenta “práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas;”¹⁷⁹. São expressões, saberes e atividades que deixam os indivíduos praticantes com caracteres identitários diferenciados dos demais grupos sociais do século XXI, ou seja, únicos, singulares. Uma vez perdidas essas práticas e símbolos, o grupo perderá também sua identidade viva e se desintegrará em meio à sociedade globalizada. Sandra Pelegrini faz reflexões acerca da relação das culturas de caráter particularista com as exigências do mercado e da era globalizada:

Paradoxalmente, enquanto esses produtos agregam valor à medida que são identificados como “culturas autênticas” e que as comunidades mantenham sua “cosmologia” própria, a urgência do mercado globalizado torna mais vulnerável a transmissão dos conhecimentos locais, susceptíveis às mudanças necessárias para a expansão das atividades econômicas das comunidades que são alvos de projetos de sustentabilidade econômica.¹⁸⁰

A manutenção dos elementos culturais e da transmissão para novas gerações esbarram em dificuldades impostas pela cultura de massas e do lucro. Então, surge em decorrência a necessidade de salvaguardar tais elementos culturais por meio de registro como patrimônio cultural. Mesmo diante dessas dificuldades, as representações da

¹⁷⁹ Tais características dizem respeito aos bens culturais de natureza imaterial. Para maiores informações acesse <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>> Acesso em 20 fev. 2021.

¹⁸⁰ PELEGRINI, Sandra. A Salvaguarda e a Sustentabilidade do Patrimônio Imaterial Brasileiro: Impasses e Jurisprudências. In: FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. C. A.; RAMBELLI, G. (orgs.). **Patrimônio Cultural e Ambiental: questões legais e conceituais**. São Paulo: Annablume; FAPESP, Campinas: Nepam, 2009.

Companhia de Reis “Estrela do Oriente”, dotadas de memória e religiosidade popular, mantém essa manifestação religiosa em funcionamento como um bem cultural da sociedade. Sua organização é formada por algumas especificidades e, também, por características comuns a outras Companhias de Folia de Reis. Vamos analisar esses elementos.

3.1.1 Os símbolos, os sujeitos e os rituais do grupo

Dentre todos os símbolos de adoração aos Três Santos Reis Magos, a bandeira é o mais representativo deles. Na crença do grupo da Companhia “Estrela do Oriente”, os Magos teriam ganhado um presente da Virgem Maria, o seu manto azul. Junto ao presente, ela pediu que fossem divulgando, no caminho de volta, a boa nova do nascimento do salvador. No trajeto, quando abriram o manto, estaria uma imagem deles próprios ajoelhados aos pés de Jesus, adorando-o e ofertando seus presentes. Essa imagem está presente em quase todas as Companhias de Santos Reis. Trata-se de um estandarte de pano pintado, preso numa haste de bambu ou madeira para que os devotos possam segurá-la. De acordo com o livreto explicativo de 2017, a bandeira é muito significativa para a Companhia e representa a Estrela Guia. É ela que segue à frente do grupo nas abordagens nas residências, como a estrela que guiou os Magos.

Imagem 17: Toninho Leiteiro com a Bandeira da Companhia Estrela do Oriente



Fonte: Fotografia registrada, pela autora desta dissertação, na residência do senhor Toninho Leiteiro em 03/10/2019.

Essa fotografia, assim como qualquer outra, quando colocada num contexto cultural, retrata mais do que parece. Os detalhes dão testemunhos significativos do que se quer compreender pela investigação¹⁸¹. O ambiente doméstico da foto configura mais que um simples local onde se guarda um objeto. Nessa residência fica o símbolo de grande representação da manifestação religiosa e cultural aos Santos Reis desempenhada pela Companhia. Pode parecer uma composição de ambiente para a entrevista visando a construção de uma memória de si e do grupo, voltadas à festa. Mas não. Trata-se mesmo do cotidiano vivido pelo senhor Toninho Leiteiro em sua vida, bem como das visitas constantes, rezas e simplicidade em torno da bandeira e dos demais elementos da manifestação. A visão sobre tal fotografia muda a partir do momento que relacionamos à bandeira ao mundo social vivido por esse senhor e pelos demais devotos aos Santos Reis. O mundo de fé e devoção, cujos símbolos são como alicerces.

¹⁸¹ BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

A bandeira segue com muitas flores e enfeites, além de fotos de alguns devotos que fazem promessas, dificultando a visualização da imagem pintada dos Três Magos no tecido central. No livreto de 2017 estão alguns versos sobre:

- 1
Vejam aqui a nossa Bandeira
Com treis pessoa tão padroeira
- 2
E toda coberta de flor
Nela está a família de Nazaré
Nossa Senhora e São José
E o Menino Salvador
- 3
A Bandeira de Santos Reis é sagrada
Por Deus é abençoada
Nosso Pai onipotente
Ela é toda glorificada
E traz a imagem gravada
Dos treis Reis do oriente
- 4
Nos lares por onde passa,
Pra aqueles que tem boa fé
Ela agradece o acolhimento
De Deus de Nazaré
- 5
Quando a Bandeira vai chegando
E os devotos já estão esperando
E a recebe de coração
Em vosso lar em que canta
Desce a luz do Espírito Santo
E ali deixa sua benção¹⁸²

A representatividade da bandeira é discutida na tese de Daniel Bitter¹⁸³, que explora a função de intermediária cósmica representada. Aponta que, aquele pedaço de pano naquela haste de madeira, seria para o devoto não um objeto comum, mas a própria divindade cultuada.

¹⁸² Livreto impresso pela família do senhor Toninho Leiteiro em 2017, e entregue aos devotos nas visitas as residências. Capa colorida, folhas internas em preto e branco, 24 páginas. O trecho em destaque está nas p. 8-9).

¹⁸³ BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara**: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis. 2008. 191 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Rio de Janeiro: UFRJ / IFCS / Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2008.

A intensa profusão de imagens, esculturas, bandeiras, altares, relicários, coroas e registros no mundo católico e no domínio das manifestações religiosas populares leva à constatação de que o lugar destes objetos na vida de numerosas sociedades não é um fato trivial.¹⁸⁴

Em entrevistas realizadas para essa pesquisa, os foliões da Companhia investigada relataram que os fiéis recebem a bandeira em suas casas como se fossem os próprios Santos Reis. Se dirigem a ela com respeito e devoção, beijando-a e segurando-a, enquanto os foliões cantam seus ritos. Depois a levam para os cômodos da casa, como um contato de bênçãos entre o sagrado e a moradia.

A bandeira representa, para os foliões e para os devotos das casas, a presença do menino Jesus e dos Três Reis Santos. Não se trata de um simples objeto ornamentado e, sim de um objeto sagrado, dotado de elementos sobrenaturais que pode ser o caminho para a cura de uma doença, para o fim de uma dificuldade. Trata-se de uma ligação do sagrado com o humano.

A bandeira da Companhia “Estrela do Oriente” é a mesma desde o início. Ao limpar a haste dela no ano de 2018, a filha de Toninho Leiteiro, Rosmaly Oliveira, e um primo, Djalma Tusco, perceberam um detalhe que pode mudar alguns dados da história de fundação da Companhia. Até então, acreditava-se que a Companhia era de 1928. No entanto, ao retirar alguns enfeites da haste, estava cravada na madeira a data de 1923. Tudo indica, portanto, que a Companhia seja mais antiga do que se acreditava com base em relatos dos participantes mais antigos. Inclusive para Toninho Leiteiro foi uma surpresa. Mesmo assim, em entrevista, Toninho Leiteiro manteve a data de 1928 em seu relato de origem da Companhia na cidade. Tal acontecimento é prova de como são inúmeros os fatores que corroboram para o caráter dinâmico da manifestação religiosa aos Santos Reis, neste caso, uma informação ligada à origem da Companhia e à maneira com a qual o grupo lida com essas flexibilidades constantes, sem perder de vista os elementos centrais da história de fé e devoção que desempenham por várias décadas na cidade.

¹⁸⁴ Ibidem, 2008, p. 105.

Imagem 18: Haste da bandeira da Companhia Estrela do Oriente



Fonte: Fotografia registrada pela autora desta dissertação, na residência do senhor Toninho Leiteiro em 03/10/2019

Neste caso, além de trazer consigo elementos sagrados para os devotos da Companhia “Estrela do Oriente”, a bandeira pertencente ao grupo contém também indícios históricos relevantes para a história e à identidade deles. Este símbolo traz consigo a tradição desenvolvida na Europa, permanecendo no grupo “Estrela do Oriente” como um dos pilares da manifestação na atualidade. Sem a bandeira, a jornada não acontece, nem a cantoria e muito menos a festa. Tal elemento é crucial para toda a manifestação e no que tange à identidade dos sujeitos participantes dos ritos e do festejo.

A bandeira, ligada às pessoas que coletivamente a manipulam, materializa vínculos fundamentais, pondo o sistema do rito em movimento e permitindo a emergência de novas ideias e sentidos.¹⁸⁵ Esse bem cultural material acaba por desembocar num sistema de saberes, crenças e ritos que possuem características de bens culturais imateriais para a comunidade.

Outro símbolo imprescindível da Festa de Reis é o presépio, também chamado de Lapinha, que consiste numa montagem da cena da adoração dos Magos do Oriente ao menino Jesus na manjedoura, em Belém. Com peças em gesso, resina, palha ou demais materiais, os personagens são dispostos num ambiente de forma a celebrar aquele momento considerado sagrado. É uma espécie de maquete sagrada, que possui caráter religioso de tradição e é montado em lares, igrejas e praças anualmente. Muitas famílias realizam a celebração da ceia de Natal ao seu redor na noite de 24 de dezembro. Quanto

¹⁸⁵ *Ibidem*, 2008.

aos ritos da Folia de Reis, muitas famílias montam seus presépios para esperar a chegada da Companhia.

Imagem 19: Imagens de santos e do Menino Jesus na casa de Toninho Leiteiro



Fonte: Fotografia registrada pela autora desta dissertação, na residência do senhor Toninho Leiteiro em 03/10/2019.

Mesmo em datas não correspondentes ao período natalino, como a em que foi feita a entrevista com senhor Toninho Leiteiro e o registro de fotos em outubro de 2019, mantém-se a imagem do menino Jesus exposta em sua casa. O presépio não estava posto, mas o menino Jesus sim, numa manjedoura, junto às demais imagens de santos, que estavam exatamente no local onde a bandeira estava guardada. Além da bandeira da Companhia havia outra, de outro grupo que parou com as atividades. Deixaram-na com o senhor Toninho Leiteiro para que, de alguma forma, ela se mantivesse em atividade junto à dele. Alguns dos foliões da Companhia “Estrela do Oriente” saem com essa outra bandeira. Dois grupos vão realizando a jornada, cada um por um caminho, e depois, no dia 6 de janeiro, elas se encontram na festa junto com a bandeira da Companhia da Família Godinho, que também realiza os ritos e a jornada nos distritos Frutal do Campo e Santo Antônio do Paranapanema, além do patrimônio de São Benedito e áreas rurais de Cândido Mota.

Olhar para os símbolos que são por tanto tempo representativos aos devotos, como a bandeira e o presépio, nos coloca diante da discussão de Hall¹⁸⁶ sobre a identidade. Na pós-modernidade, essas identidades coletivas pontuais, como a manifestação aos Reis Santos, têm sobrevivido. Esses elementos ligados à cultura e à religião continuam fazendo sentido a certos grupos, como esse da Companhia “Estrela do Oriente”, e os agregando. Essa é uma das características mais notáveis da prática em pleno século XXI.

Em contato direto com estes símbolos estão os sujeitos envolvidos. Muitos são os devotos, mas destes sujeitos, os foliões são os mais ativos, uma vez que são os participantes diretos das Folias de Reis. Eles ocupam diferentes funções e desempenham diferentes atividades. Estão em número bastante variado, entre 10 a 20 pessoas, sem contar os palhaços. Geralmente usam uniformes, seja camisa personalizada ou o que é mais comum, um lenço no pescoço.

Imagem 20: Foliões da Companhia Estrela do Oriente



Fonte: Fotografia da rede social do grupo (Facebook) – Postada em 01/01/2018).

Na fotografia, a mistura de gerações fica evidente e faz-se importante salientar nessa análise, que, embora praticando juntos a mesma atividade, cada geração recebe e externa essa manifestação cultural religiosa com características próprias de seu contexto de vida. De forma dinâmica, a tradição se delineia entre o grupo, articulando essas pessoas

¹⁸⁶ HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

numa atividade em comum que lhes traz identidade, mesmo com elementos diferentes, adaptativos e flexíveis de um indivíduo para o outro, de uma geração para a outra. Embora as diferenças, essas gerações se unem em prol de um objetivo maior, que é preservar e dar continuidade à manifestação religiosa que lhes confere sentido de vida e identidade¹⁸⁷.

Os foliões estão dispostos nas funções de *festeiro*, ou seja, o líder da manifestação; no caso da Companhia “Estrela do Oriente”, Toninho Leiteiro; *bandeireiro*, o portador da bandeira; *gerente*, o responsável pela administração das doações e da festa; *cantores e instrumentistas*, responsáveis pela cantoria e reza nas jornadas e na festa final; e *palhaços*, incumbidos de dançar, intermediar um contato com os donos das casas visitadas e pedir oferendas. Também há um grupo de pessoas que trabalha na lida com animais e no preparo dos alimentos para a festa.

Na divulgação desta fotografia na rede social Facebook, o grupo expôs uma representação de si ao público. O público receptor, ao olhar para a mesma, está em meio a um paradoxo em sua leitura.¹⁸⁸ Ora pode lê-la como natural, ora pode enxergá-la como dotada de um propósito. O grupo fotografado com seus instrumentos, lenços e símbolos está ali com o intuito de ilustrar toda uma comunidade que segue a manifestação religiosa por tanto tempo, movida pela fé, tradição e representatividade identitária. Divulgar a foto dos foliões é fortalecer o grupo diante do público, assim como conquistar a atenção e a participação de mais indivíduos que se identifiquem com a manifestação expressa aos Santos Reis.

Os foliões, em sua maioria, participam uniformizados nas jornadas:

¹⁸⁷ Ibidem, 2006

¹⁸⁸ JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. Trad. de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996.

Imagem 21: Slogan da camiseta usada pelo grupo em alguns anos¹⁸⁹



Fonte: Fotografia de rede social do grupo (Facebook) – Postada em 23/12/2016.

Imagem 22: Folião de costas com lenço uniforme da Companhia em 2019



Fonte: Fotografia de rede social do grupo (Facebook) – Postada em 04/01/2019.

¹⁸⁹ Utilizada nas edições da festa de 2016, 2017 e 2018.

No lenço da imagem podemos verificar que a Companhia “Estrela do Oriente” já adotou, em parte, a nova data encontrada na haste da bandeira (1923) como ano de fundação, pois vem estampado no adereço os seguintes dizeres: *97 anos de tradição*. A data, que por muito tempo foi lembrada por eles como a da origem da bandeira do grupo (1928), foi deixada para trás por alguns dos foliões organizadores, mas não para o senhor Toninho Leiteiro, que manteve a data de 1928 em suas memórias acerca da Companhia. Isso sugere que há ainda um impasse dentre os foliões sobre esta data de origem da Bandeira deles.

Tanto no logotipo da camisa, como no lenço, imagens estão estampadas. Não conforme simples ilustrações de uma história remota narrada na Bíblia, mas em consonância com as representações de uma crença que vem de longo tempo e tenta se manter. Ou seja, o trajeto dos Três Reis Magos até Jesus, inclusive a camelo, e depois o encontro e adoração deles a Jesus Cristo. Com auxílio de Peter Burke¹⁹⁰, levantamos os seguintes questionamentos diante dessas ilustrações: qual sua dimensão social? Para quem seu significado está sendo dirigido?

As respostas que encontramos nos levam até a comunidade, os devotos e os não devotos. Por onde passam, os foliões estão inseridos em ambientes diversos, em contextos onde encontram fiéis fervorosos e em dimensões sociais em que se deparam com indivíduos sem crenças ou sem entusiasmo pela crença que receberam durante a vida por gerações mais velhas. As imagens vívidas sobre a visita dos Três Reis Magos ao menino Jesus têm a função de ampliar essa crença e torná-la evidente por meio da ilustração. Burke afirma que, desde o século XIV, a imagem passa a ganhar essa importância dentro do Cristianismo como propagadora de crença e fé, pois os sentimentos são melhor despertados por coisas vistas do que ouvidas. Além de desempenhar, também, o papel de consolo aos doentes e causar temor aos que conspiram contra a crença.

À frente do grupo segue o alferes ou bandeireiro, que é responsável por conduzir a bandeira até as casas. Toma a dianteira do grupo que o segue para realização dos ritos de cantoria nas residências.

¹⁹⁰ BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

Imagem 23: Bandeira à frente, seguida de foliões¹⁹¹



Fonte: Fotografia de rede social do grupo (Facebook) – Postada em 08/01/2019.

A fotografia em questão também foi divulgada pelos administradores da Companhia na rede social Facebook. Por registrar a atividade do bandeireiro e do grupo na área rural, confere à manifestação religiosa sua condição primeira no município, a de acontecer essencialmente na área rural. Tal elemento da foto pode passar como simples circunstância, mas remete ao receptor os sentimentos e a nostalgia, revigorando seu contato com a atividade. Num retrato, cada detalhe tem uma função ou diz algo. Nesse caso, o elemento rural da foto age como símbolo em associação inconsciente no receptor, podendo fortalecer vínculos antigos com a manifestação religiosa e torná-la ativa mesmo em circunstâncias urbanas ou de mudanças. Burke¹⁹² aponta esse tipo de análise como a psicanálise dentro da iconografia. Joly¹⁹³ também nos alerta para a questão paradoxal da imagem, onde parece corriqueira e natural, mas, por outro lado, também nos dá a sensação de influência e ativação de algo em nós. O mais inocente retrato possui intenções e razões de ser que geram reações.

O caminhar em fila, com a bandeira à frente e os músicos e palhaços na sequência, faz viva essa fotografia. Ela expõe o rito em movimento e lhe garante vida.

¹⁹¹ O grupo está chegando numa residência na área rural para realizar os ritos. Ao fundo uma van que os transporta nas atividades.

¹⁹² *Ibidem*, 2004.

¹⁹³ JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996.

Além dos símbolos e dos sujeitos, as práticas também são elementos essenciais como determinantes da singularidade das manifestações da Companhia “Estrela do Oriente”. Na cantoria, encontram-se os sujeitos da manifestação trabalhando num sistema de sete vozes. Num curso ministrado em Cândido Mota pelo mestre de Folia de Reis da cidade de Palmital, Mário Reis Júnior, em abril de 2018, foi realizada uma explicação aos que ali participavam da aula sobre as vozes da cantoria de Reis:

MÁRIO REIS: O estilo de cantoria de nossa região é de sete vozes, é original. Difícil de se encontrar no Brasil. A primeira voz é a do mestre ou embaixador, em seguida vem o contramestre que faz a segunda voz. As respostas são realizadas pelo contrato que exerce uma voz grave, pelo tala, pelo contratala, pelo contratinho e, por último, pelo fileirinho, que desempenha um grito que encobre todas as vozes.¹⁹⁴

Em entrevista realizada com o folião contramestre, João Alcides Roela, em setembro de 2019, ele também expõe as atuações dos foliões músicos:

JOÃO ALCIDES: As vozes tem: O embaixador é o primeiro. Contramestre é segunda voz. Tem tala, contra-tala, tibe e contra-tibe, e tem o fileirinho. Sempre são sete pessoas que coordenam o tanto de gente para tocar a bandeira.¹⁹⁵

Os relatos demonstram seriedade dos depoentes em relação ao tema das vozes da cantoria. A descrição sobre o funcionamento do momento musical do rito é realizada de modo a valorizar a forma de organização das Companhias de Reis de Cândido Mota e região. Ao reconhecerem esses ritos como importantes para serem transmitidos a outras gerações de forma coletiva, inclusive por meio de um curso, os foliões acabam por tratar seus próprios valores, como analisa Pelegrini¹⁹⁶, como herança cultural.

A cantoria é bastante singular na Companhia “Estrela do Oriente”, assim como em cidades vizinhas que cultivam as manifestações religiosa e cultural até a atualidade,

¹⁹⁴ O cartaz de propaganda do curso trazia os seguintes dizeres: “1ª Oficina – Projeto Novos Foliões: - Roda de Conversa; - Performance da Cia; - Crenças e Tradição; Cândido Mota/SP 28/04/18 – 14hs às 18hs. Traz a vivência da cia de reis para todos. Inscrições Gratuitas na Biblioteca Municipal. Rua: Ângelo Pípolo, 415, de 16 a 24/04/18”. Conferir: FABRI, Aline. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ANÁLISE DO CURSO DO PROJETO “NOVOS FOLIÕES” ACERCA DOS SABERES DA FOLIA DE REIS EM CÂNDIDO MOTA/SP no site: <https://jornenshist.wixsite.com/jehuenp2019/anais-da-xiii-jeh>

¹⁹⁵ Entrevista [19 set. 2019]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistado: João Alcides Roela. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. 00:43:50). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

¹⁹⁶ PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Os bens intangíveis e as políticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil: histórias, narrativas e memórias**. IFCH /Unicamp, 2007. p. 503-5013.

como é o caso de Palmital¹⁹⁷ e de Florínea¹⁹⁸. Além das vozes, os foliões fazem uso de instrumentos musicais diversos, sendo os mais comuns: viola, cavaquinho, tambor, pandeiro e reco-reco. Diferentes gerações se juntam na realização dessa atividade dos ritos da Folia. Essa é uma característica que fortalece a manifestação dessas cidades da região diante dos tempos atuais, que são regidos, como afirma Hannah Arendt, por padronização, cultura de massa e consumismo.¹⁹⁹

Outro grupo de sujeitos de extrema importância simbólica para o ritual da Companhia de Reis “Estrela do Oriente” são os palhaços, que também são conhecidos por “Bastiões”. Representam os guardiões do menino Jesus e da Bandeira dos Santos Reis. Usam roupas floridas, as fardas, confeccionadas num tecido conhecido como chita. Usam máscaras de couro, de barba grande, que escondem todo o rosto, deixando apenas os olhos à mostra. Levam consigo facões de madeira, que usam pendurados na roupa ou em mãos para fazer coreografias no momento da música.

Os membros da Companhia explicam, num impresso que fizeram em 2017²⁰⁰, a história dos palhaços na Folia. Herodes teria determinado que seus soldados, Capitão e Coronel, seguissem os Três Reis Magos para encontrar Jesus e o degolar. Para não serem reconhecidos, eles teriam se vestido com roupas coloridas e máscaras. No entanto, ao encontrarem o menino Jesus numa manjedoura, numa situação de tamanha humildade, eles teriam sido tocados pelo Espírito Santo. Tiraram as máscaras e beijaram o menino Jesus, adorando-o. Deixaram, então, de ser guardas de Herodes e tornaram-se guardas de Jesus, retratados na Bandeira de Santos Reis. Sempre que a Companhia encontra o presépio montado nas casas em que visita, os palhaços tiram as máscaras para adorar o menino Jesus.

Alguns devotos não simpatizam com os palhaços, entendendo que são personagens do mal. No entanto, o pessoal da Companhia procura sempre esclarecer que

¹⁹⁷ Nota-se isso devido à presença de um mestre (embaixador) da cidade de Palmital estando à frente de um curso sobre a manifestação aos Santos Reis em Cândido Mota. Nesse curso ele realiza afirmações sobre as peculiaridades dessa cantoria de sete vozes e da presença da mesma na cidade de Palmital e de Cândido Mota.

¹⁹⁸ GOULART, Rafaela Sales. **Sentidos da Folia de Reis de Florínea (SP): memória, identidade e patrimônio** (1993-2013) Assis, 2016. 242 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2016.

¹⁹⁹ ARENDT, Hannah. A crise da cultura: sua importância social e política. In: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 248-281.

²⁰⁰ Esses impressos (livretos) foram explorados no capítulo 2.

eles não representam o mal. Pelo contrário, representam o bem, são guardiões do menino Jesus, de acordo com suas crenças.

Imagem 24: Palhaços da Festa de Reis em Cândido Mota, na Água da Pinguela – 2019



Fonte: Fotografia de rede social do grupo (Facebook) – Postada em 13/01/2019.

O palhaço chama a atenção do público em geral e, principalmente, das crianças, que são possíveis futuros foliões. Pedro Henrique Victorasso aponta a representatividade dos palhaços diante das crianças em sua dissertação da seguinte maneira: “entende-se que o fardado e suas danças detêm um caráter lúdico ao incentivar, por meio das coreografias, a interação com o público e despertar por vezes o interesse pela participação na Companhia de Reis”²⁰¹. Em Olímpia/SP, os palhaços são chamados de fardados.

Na imagem dos palhaços na festa de 2019 em Água da Pinguela, os bastiões da Companhia “Estrela do Oriente” estão com a indumentária completa. Botas ou botinas para fazer barulho durante as danças e batidas de pé, fardas bastante coloridas como alegorias às fardas de soldados de Herodes, facões de madeira simbolizando as armas

²⁰¹ VICTORASSO, Pedro Henrique. **Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes em Olímpia/São Paulo (1964-2014): entre o sagrado e o profano**. 2015. 169 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015. p. 121.

desses soldados e máscaras simbolizando o disfarce para conseguir proteger Jesus, ainda menino, da perseguição de Herodes. Pedro Henrique Victorasso²⁰² classificou a figura dos palhaços como signos repletos de reforços culturais em meio à sociedade e a essa manifestação, que é a Festa de Santos Reis.

Imagem 25: Palhaços retirando as máscaras frente ao presépio de uma residência visitada²⁰³



Fonte: Fotografia de rede social do grupo (Facebook) – Postada em 29/12/2019.

A figura do palhaço chama a atenção num primeiro momento, devido à indumentária diferente, composta por uma espécie de figurino teatral. No entanto, esse personagem vai além desse simples caráter de fantasia. Ele está inserido numa complexidade de objetos simbólicos utilizados para o ritual e seus sentidos. Objetos estes que, de acordo com Brandão²⁰⁴, são ressignificados no mundo moderno, devido aos contextos sociais vividos pelos grupos que os praticam para representar a fé. Eles desempenham funções nos ritos. Funções estas muito semelhantes às dos palhaços da Folia de Reis de Olímpia/SP.

Além de ser o guardião da bandeira, o fardado tem outras funções estabelecidas durante o giro. Ele é o porta-voz do grupo quando se chega a uma casa, momento em que se pergunta ao dono se ele aceita a bandeira e a Companhia em sua residência. Cabe ao palhaço o dever de

²⁰² *Ibidem*, 2015.

²⁰³ Nesta imagem os palhaços encontraram um presépio montado na residência visitada, eles precisaram, então, conforme a crença do grupo, retirar suas máscaras em sinal de respeito.

²⁰⁴ BRANDÃO, Carlos. **Prece e Folia, Festa e Romaria**. Aparecida; São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

comunicar os devotos sobre a data e local em que irá se realizar a festa da Chegada da Bandeira. Por último, e não menos importante, o fardado estabelece um elo de brincadeiras com as crianças e adultos durante as andanças no qual, ao dançar e simular lutas com as espadas, ele profere versos jocosos, divertindo as pessoas que assistem suas performances.²⁰⁵

Alguns membros do grupo, que acompanham a jornada, possuem funções mais burocráticas. São os casos do gerente, que administra a festa, a arrecadação e o preparo da comida, e do escrivão, que cuida de anotar o que é arrecadado e realiza uma prestação de contas ao grupo e à comunidade depois. Brandão²⁰⁶, ao falar do grupo de sujeitos que realizam a folia, os vê organizados numa hierarquia, onde o mestre (embaixador) deve ainda manter seus discípulos “coesos e submissos ao código do ritual”, distribuindo a cada um o trabalho para a realização da Folia.

Na sequência das atividades e ritos vem a festa no dia 6 de janeiro.

3.2. A Festa e os devotos

Algumas Companhias de Reis realizam a festa em dias variados, conforme a necessidade e comodidade, como em um dia de final de semana de janeiro, por exemplo. Esses são os casos das festas de Palmital/SP, de Platina/ SP e de Tarumã/SP. Tal flexibilidade ocorre devido às exigências do mundo moderno, do mercado de trabalho e dos horários comerciais, que dificultam a participação da população na festa. Cândido Mota, no entanto, realiza sua festa sempre no dia 6 de janeiro, o dia dos Santos Reis, seja o dia da semana que for, inclusive segunda-feira. A permanência da festa no dia 6 resiste às demandas dos tempos atuais e mantém a tradição antiga de realização do festejo no dia dos Santos.

A festa organizada pelo grupo ocorre sempre na área rural. Por muitos anos, foi no barracão da igreja da Água do Almoço, depois passou a ser na Água da Pirapitinga e, nos últimos anos, está acontecendo na Água da Pinguela. Todas as localidades citadas são áreas rurais do município de Cândido Mota. Esta questão diz respeito a mais uma

²⁰⁵ VICTORASSO, Pedro Henrique. **Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes em Olímpia/São Paulo (1964-2014): entre o sagrado e o profano**. 2015. 169 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015.

²⁰⁶ BRANDÃO, Carlos. **Prece e Folia, Festa e Romaria**. Aparecida; São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

permanência presente na organização da manifestação aos Santos Reis. Ou seja, a festa continua a ocorrer na área rural.

Acerca do local em que as festas culturais ocorrem, Alini Oliveira e Maria Del Carmen Calvente afirmam:

O lugar da festa, longe de se apresentar como um simples local do evento, irá influenciar sua trajetória e, também, ser influenciado pelas trajetórias dos diferentes elementos que o compõem. Estes se inter-relacionam, se reconfiguram e se estabilizam continuamente.²⁰⁷

Ainda sobre essa questão, Rafaela Goulart tratou da transferência da festa de Reis da cidade de Florínea da área rural para a área urbana em sua dissertação. “A instalação da festa na cidade e a construção da memória da Folia de Reis que passou a pertencer à mesma, são resultados das relações sociais que se estabeleceram ao longo dos giros regionais das bandeiras de Florínea.”²⁰⁸

O espaço físico onde a festa acontece é dotado de elementos sobre ela. Enquanto no caso de Cândido Mota/SP, o festejo continua na área rural e o local representa a continuidade do costume anterior por esse grupo específico. Em Florínea, o espaço da festa mudou de natureza, e a construção de um recinto urbano, o Parque das Tradições, para a mesma, reflete as dinâmicas vividas por esse grupo. O arranjo espacial organizado por cada grupo específico carrega especificidades dessa localidade e dos indivíduos que nela festejam. As expressões de cada comunidade interagem com o ambiente no qual vivem.

Os valores e crenças são expressões que permitem compreender como certos grupos sociais organizam-se no ambiente em que vivem. Assim, os produtos culturais devem sua origem à ação social, ou seja, permanecem ou se modificam em função do dinamismo dos grupos que lhes deram origem²⁰⁹.

Os mesmos autores, em outra passagem de seu texto, complementam sua argumentação ao dizerem o seguinte:

²⁰⁷ CALVENTE&OLIVEIRA. **As múltiplas funções das festas no espaço geográfico**. INTERAÇÕES, Campo Grande, v. 13, n. 1, p. 81-92, jan./jun. 2012.

²⁰⁸ GOULART, Rafaela Sales. **Sentidos da Folia de Reis de Florínea (SP): memória, identidade e patrimônio** (1993-2013). 2016. 242 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2016.

²⁰⁹ CALVENTE&OLIVEIRA. **As múltiplas funções das festas no espaço geográfico**. INTERAÇÕES, Campo Grande, v. 13, n. 1, p. 81-92, jan./jun. 2012. (p-82)

A partir do entendimento das múltiplas funções (lazer, manifestações da cultura, socialização, contribuições financeiras, atrativo turístico) que as festas possuem em suas variadas formas (religiosa, gastronômica, lúdica, cívica etc.), é necessário que se entendam as festas contextualizadas no espaço geográfico e no lugar.²¹⁰

Assim, o espaço geográfico da festa atua com influências na ocorrência da mesma. Esta, por sua vez, torna esse espaço possível de ser visto de forma contextualizada com os elementos da festividade que nele ocorre. A festa da Companhia “Estrela do Oriente” carrega consigo uma singularidade própria ao se manter na área rural por tanto tempo, sem que um espaço urbano tenha sido estabelecido, como é o caso da festa de Florínea. Os devotos continuam a ter que se deslocar para o campo para presenciar os ritos e usufruir dos alimentos, numa dinâmica própria. Como vimos, cada festa desemboca em interações específicas. “E, assim, as festas podem propiciar o enriquecimento cultural por meio do contato entre diferentes realidades: sensações, experiências, ambientes e paisagens, ou seja, uma vivência diferente da habitual”²¹¹.

Ainda nessa discussão, Saraiva²¹² traz outros elementos importantes, além do espaço geográfico do festejo, que cabem à nossa análise. Identifica a confraternização comunitária como uma das funções da festa:

O universo do sagrado e do profano, que desemboca nas festas religiosas, não se caracteriza apenas por prestar homenagens aos santos do catolicismo, mas também por servirem de momentos de confraternização coletiva entre várias famílias e comunidades, trazendo ao grupo unidade e os reunindo em torno de um ritual que reflete o modo como o grupo vê o ambiente no qual está inserido; bem como o seu modo de organizar e traçar as estratégias de permanência do grupo...²¹³

Podemos dialogar com Saraiva também sobre outro ponto a se observar nos festejos de natureza religiosa, que diz respeito ao seu caráter coletivo.

²¹⁰ *Ibidem*, 2012, p. 91.

²¹¹ *Ibidem*, 2012, p. 82.

²¹² SARAIVA, Adriano Lopes. Religiosidade popular e festejos religiosos: aspectos da espacialidade de comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010 - ISSN 1983-2850.

²¹³ *Ibidem*, 2010, p. 6.

[...] esses festejos são exemplificações da história cultural na qual a impregnação do universo cultural do grupo está presente; marcada por atividades coletivas, pela qualidade e quantidade da religiosidade, pela efervescência coletiva, pelas inúmeras representações de crenças e pela celebração em torno da imagem do santo protetor.²¹⁴

Essas características existentes nos festejos religiosos dão formas às manifestações de fé popular e as diferenciam de atividades oficiais da Igreja Católica. O ritual do grupo em ação traz consigo elementos religiosos e sagrados. No entanto, esse grupo realiza a seu modo uma jornada de atividades conforme seus próprios costumes e regras, repassados por gerações e reorganizados de tempos em tempos conforme as necessidades dos novos integrantes. Diferente de uma celebração de missa, onde a Instituição Católica impõe, por meio de regras e doutrinas na figura do padre, o que deve ser feito, assim como o que não é permitido.

Além do caráter religioso, a festa também possui outro elemento representativo da cultura popular, que diz respeito à questão da comida oferecida aos visitantes no dia 6 de janeiro. O almoço servido pela Companhia “Estrela do Oriente” é tipicamente rural, com assados, macarronada e feijão gordo. Representa todo um universo interiorano do estado de São Paulo e, dessa maneira, parte da identidade de seus frequentadores.

Acerca dessa organização da festa da Companhia “Estrela do Oriente”, constata-se que, desde 2015, o senhor Toninho Leiteiro está afastado dos preparativos e da jornada da Folia, pois está com problemas de saúde. Sua filha, Rosmaly Santa de Oliveira Barbosa, cuida da questão burocrática do preparo dos alimentos que serão ofertados aos visitantes do festejo. Parentes e devotos colaboram de forma voluntária nesse trabalho com os alimentos. Em entrevista com o senhor Aparecido Donizete Ireno, sobrinho de Toninho Leiteiro, ele relatou que trabalha dias antes da festa no abate dos animais e, no dia do festejo, no preparo dos alimentos e distribuição ao público que comparece, que por sinal é de milhares de pessoas. Outros parentes e amigos, inclusive de Palmital, tomaram à frente, provisoriamente, da jornada religiosa.

Mesmo afastado das atividades, o senhor Toninho Leiteiro faz questão de estar presente na saída da bandeira no dia 25 de dezembro e na festa do dia 6 de janeiro. A saída da bandeira acontece em sua casa. Esse momento é um dos principais da manifestação do grupo. Junto às visitas nas casas dos devotos, o retorno da bandeira à

²¹⁴ Ibidem, 2010, p. 1.

casa de onde saiu, e, por fim, a festa de arremate, formam elementos fundamentais para a estrutura dos ritos que mantêm a manifestação viva por tantos anos.

Em outras palavras, trata-se de momentos diferenciados no âmbito do mesmo ritual, com destaque para a saída da bandeira da casa do festeiro para as jornadas. O Dossiê de Minas²¹⁵, ao falar sobre as Folias de Reis mineiras, também coloca em destaque esse momento inicial do ritual. Classifica esse ato como um dos “momentos ritualísticos das celebrações” que as folias têm em comum.

Imagem 26: Senhor Toninho Leiteiro presente na Festa de Reis de Cândido Mota na edição de 2019



Fonte: Fotografia de rede social do grupo (Facebook) – Postada em 13/01/2019.

²¹⁵ IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016

Imagem 27: Toninho Leiteiro falando com os devotos ao microfone na Festa de Reis de Cândido Mota na edição de 2019



Fotografia de rede social do grupo (Facebook) – Postada em 13/01/2019.

O grupo alimenta sua história e a celebra em manifestações coletivas como no dia da festa, por exemplo. A figura do senhor Toninho Leiteiro representa a tradição do festejo na cidade, pois assumiu à frente da Companhia “Estrela do Oriente” desde 1961 e, de alguma forma, mantém milhares de pessoas representadas nas atividades religiosas desempenhadas.

Essas fotografias colhidas na rede social do grupo (na internet) contém elementos, como Bauret²¹⁶ afirma, que estão repletos de representações da história do grupo que a registrou e divulgou. Guimarães²¹⁷ enxerga as fotografias carregadas de memória e identidade dentro dos grupos que as produzem. O registro de Toninho Leiteiro na festa, mesmo com um andador para lhe sustentar em pé, reflete como o grupo o respeita e o considera importante para os ritos desempenhados anualmente. O vínculo do grupo com ele é forte e é refletido nessas fotografias que foram divulgadas.

A presença do senhor Toninho Leiteiro na festa é importante aos devotos e para os foliões, num sentimento coletivo de manutenção dos ritos e do festejo. A antropóloga

²¹⁶ BAURET, Gabriel. **A fotografia**: história, estilos, tendências, aplicações. Lisboa: Edições 70, 1992.

²¹⁷ GUIMARAES, Marcella Lopes. **Capítulos de História**: o trabalho com fontes. Curitiba: Aymará Educação, 2012.

Rita Amaral pensa a ocorrência de uma festa, seja ela religiosa ou não, com uma função social.

Com o tempo a consciência coletiva tende a perder suas forças. Logo, são imprescindíveis tanto as cerimônias festivas quanto os rituais religiosos para reavivar os "laços sociais" que correm, sempre, o risco de se desfazerem. Neste sentido, poderíamos imaginar que, quanto mais festas um dado grupo ou sociedade realiza, maiores seriam as forças na direção do rompimento social às quais elas resistem. As festas seriam uma força no sentido contrário ao da dissolução social.²¹⁸

Nos relatos dos foliões e dos devotos é comum a preocupação em relação ao risco de perda dos rituais coletivos da Folia de Reis. Eles não querem que as atividades da Companhia cessem, não apenas por questões religiosas, mas também por questões de costumes, de relações sociais dentro do coletivo. Acerca desse trabalho pela sustentação dos ritos, Rafaela Goulart analisou a realidade da manifestação religiosa aos Santos Reis na cidade de Florínea/SP e constatou: “[...] o patrimônio não foi sustentado por uma ou outra pessoa, mas por todo o grupo que o pratica, mesmo que privilegiando alguns nomes e se unindo às políticas do contexto citadino”²¹⁹. A questão da força coletiva está presente nas Companhias e nas ações de seus integrantes.

Além da coletividade da festa, ela também exerce outras funções. Outro ponto relevante da mesma diz respeito ao caráter de mediação que ela possui. Amaral contribui com esta pesquisa trazendo reflexões sobre esta questão:

Assim, e como a característica básica de toda mediação é ser engendrada pelo mito e conciliar o inconciliável, pode-se dizer que a festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade. Ela busca recuperar a imanência entre criador e criaturas, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. A presença da música, alimentação, dança, mitos e máscaras atesta com veemência esta proposição. A festa é, ainda, mediadora entre os anseios individuais e os coletivos, mito e história [história]²²⁰, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros - por isso mesmo revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis.²²¹

²¹⁸ AMARAL, Rita. As mediações culturais da festa. **Revista Mediações**, Londrina, v. 3, n. 1, p. 13-22, jan./jul. 1998. p. 14.

²¹⁹ GOULART, Rafaela Sales. **Sentidos da Folia de Reis de Florínea (SP): memória, identidade e patrimônio** (1993-2013). 2016. 242 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2016.

²²⁰ Palavra acrescentada pela autora dessa pesquisa, erro de digitação do trecho original.

²²¹ Ibidem, 1998, p. 19.

Os foliões e devotos da Folia de Reis conduzem a festa nesse prisma de mediação. Buscam, por meio dos ritos que desfecham no festejo do dia 6 de janeiro, um elo com o criador na figura do menino Jesus com os Três Reis Santos. Em meio à multidão os ritos são realizados e acompanhados por todos os presentes. Os símbolos são colocados em destaque, como a bandeira e o presépio, por exemplo. Os foliões cantam os versos com melodia sobre o nascimento de Jesus, a visita dos Magos, a fé das pessoas e os poderes de cura e benfeitoria dos Três Santos. A partir das 11 horas da manhã, a comida já começa a ser servida aos visitantes. Os ritos religiosos só têm início horas depois, quando as bandeiras chegam, tanto a da Companhia “Estrela do Oriente”, como uma outra bandeira que está aos cuidados desse mesmo grupo e a bandeira da família e Companhia Godinho. As Companhias se revezam no ato de cantar até chegarem ao presépio, que é o momento máximo da festa. Os devotos vão se envolvendo na oração coletiva com seus pedidos individuais e promessas, e a festa exerce essa ligação do individual com o coletivo, criando uma identidade de costumes e práticas entre os frequentadores.

Imagem 28: Momento de cantoria e oração na Festa de Reis de Cândido Mota na edição de 2019



Fonte: Fotografia de rede social do grupo (Facebook) – Postada em 13/01/2019.

Os foliões, como podemos ver nessa fotografia, trazem o centro das atenções dos fiéis para a cantoria durante um determinado momento da festa. Com seus instrumentos, conduzidos pelo mestre (embaixador), eles recitam os versos espontâneos referentes ao período natalino e à visita dos Três Santos Reis, Gaspar, Balthazar e Melchior, ao menino Jesus. Também fazem versos sobre curas e bênçãos dos três magos sobre os fiéis. Como observa Brandão²²², os foliões são especialistas populares que trabalham com as tradições. Eles são responsáveis por esse movimento de elo entre a tradição e a comunidade, numa espécie de releitura dos ritos e crenças de acordo com o contexto social dos dias em que vivem no presente. Em seguida, tem-se algumas colocações de Gabriela Marques Gonçalves sobre a festa e seus papéis:

No caso da Folia de Reis, a festa que tem uma mensagem de cunho religioso e uma característica artística devido a música e à dança carrega também o “estar junto” entre os foliões e destes com os moradores. São nesses espaços que podem ser compreendidos o processo comunicativo e cultural de uma determinada comunidade e, portanto, a construção das identidades desses grupos, já que as festas são representações coletivas de uma realidade coletiva, ou seja, da própria forma de pensar e agir desses sujeitos.²²³

Desta forma, sendo uma produção simbólica de um grupo social, a festa gera complexas redes de relações e informações entre as pessoas e traz sentido para uma comunidade, agregando sujeitos e formando a identidade dos mesmos. Essa identidade não é imutável, pois se dá no contato com o outro.²²⁴ O momento de canto da Companhia “Estrela do Oriente”, registrado na fotografia, representa um elemento central para o grupo, a adoração aos Santos Reis e ao menino Jesus por meio da música, dos versos recitados e dos instrumentos tocados. As pessoas ao redor dos cantores representam a fé dos que acompanham os ritos do início ao fim no dia da festa.

No que tange à parte administrativa da festa, que diz respeito aos alimentos servidos à população, o folheto feito pelo grupo de foliões em 2017²²⁵ traz algumas informações. Em 2016, a festa ocorreu na Água da Pinguela e foram servidas mais 7 mil

²²² BRANDÃO, Carlos. **Prece e Folia, Festa e Romaria**. Aparecida; São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

²²³ MARQUES GONÇALVES, Gabriela. *Cultura popular e Comunicação: A Folia de Reis em bairros populares de Juiz de Fora*. 2014. 118 p. il. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2014.

²²⁴ Ibidem 2014, p-35-37.

²²⁵ Livreto impresso pela família do senhor Toninho Leiteiro em 2017, e entregue aos devotos nas visitas às residências. Capa colorida, folhas internas em preto e branco, 24 páginas. As informações sobre os alimentos estão na p.14 do mesmo.

peessoas. Cerca de 150 pessoas voluntárias trabalharam por uma semana no preparo dos alimentos e do ambiente. Foram 15 fornos à lenha, encimados por 15 tachos, mais 4 fogões a gás. As bandeiras arrecadaram para a festa garrotes, leitoas, frangos, carneiros, além de cabritos, patos, arroz, feijão, macarrão, batata, cebola, alho, óleo, sal, açúcar, café, massa de tomate, farinha de milho, sabão etc.

Imagem 29: Comida sendo servida na Festa de Reis de Cândido Mota na edição de 2019



Fonte: Fotografia de rede social do grupo (Facebook) – Postada em 13/01/2019

Existe a crença entre os devotos de que aquele que comer na Festa de Santos Reis não passará por falta de alimentos durante o restante do ano. Também acredita-se que, quanto mais forem os comensais, mais comida haverá na festa, assim como teria acontecido no episódio em que Jesus multiplicou os pães e peixes, alimentando multidões. A crença religiosa em torno da oferta dos alimentos faz parte dos elementos de devoção que compõem os costumes e as tradições das folias de Reis. Trata-se, como bem traz o Dossiê de Minas²²⁶, de um conjunto de valores indissociáveis entre as Folias de Reis, ligado à devoção no sagrado e presente em muitas Companhias de Reis.

²²⁶ IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016

Após o encontro das Bandeiras das Companhias “Estrela do Oriente” e da “Família Godinho”, que ocorre em meio à cantoria, às orações e ao terço diante do presépio, realiza-se um leilão para venda dos animais que não foram utilizados no almoço. O resultado obtido, mais os gêneros alimentícios que sobraram, são doados a entidades assistenciais dos municípios de Cândido Mota, Assis e Palmital. Acontece também de serem doadas cestas básicas para famílias carentes. Essa seria a parte prática do evento.

Acerca da relação existente da Companhia com a política ela permanece, a considerar a presença anualmente na festa, do prefeito, ex-prefeitos, vereadores, e demais autoridades, além de entidades sociais.

Esta ligação também pode ser notada como continuidade do que ocorreu na década de 1980, se observarmos moções²²⁷ recebidas pelas famílias das Companhias “Estrela do Oriente” e “Godinho” do poder executivo ou legislativo municipal, em relação a festa, a cantoria e a cultura que promovem. Ambas as Companhias têm em seus pertences esses certificados de congratulações. No entanto, nas décadas de 1980 e 1990, a Companhia “Godinho” não estava tão próxima da política quanto a Companhia “Estrela do Oriente”. Nos jornais impressos havia mais a presença da Companhia “Estrela do Oriente”, isso devido ao senhor Toninho Leiteiro estar como vereador e presidente de Câmara e depois também seu filho, David Aparecido de Oliveira, como vereador.

Nas décadas de 2000 e 2010, esse contato se estreita, pois ambas as Companhias apresentam esse vínculo com a política municipal. Mesmo que a Companhia “Estrela do Oriente” ainda esteja mais presente nos jornais que a Companhia “Godinho”, ambas aparecem com frequência nas edições de dezembro e janeiro do jornal “O Diário do Vale”.

Isso demonstra laços sociais presentes na manifestação religiosa e cultural em questão, com os demais grupos da cidade. Neste caso, com grupos políticos do executivo e do legislativo. Os políticos realizaram um reconhecimento com as monções honrosas à presença na cidade da manifestação religiosa e cultural produzida pelas Companhias. O que acarretou mais uma vez uma ligação entre as partes.

²²⁷ José Pereira Godinho Neto é o líder da Companhia “Godinho”, herdou essa posição de seu pai. Hoje ele reside no estado do Paraná, mas vem para Cândido Mota/SP todos os anos para os ritos. Parte da família reside na área rural de Cândido Mota/SP “Água do Almoço”. Antoninho Vicentinho de Oliveira (Toninho Leiteiro) é o líder da Companhia “Estrela do Oriente” também herdou de seu pai esta posição, ele reside na cidade de Cândido Mota/SP.

Imagem 30: Moção de Congratulação recebida pela Companhia da Família Godinho em 2009



Fonte: Certificado pertencente à Companhia "Godinho".

Imagem 31: Moção de Congratulação recebida pela Companhia da Família Godinho em 2015



Fonte: Certificado pertencente à Companhia "Godinho".

Imagem 32: Moção de Aplauso recebida pela Companhia “Estrela do Oriente” em 2015



Fonte: Placa pertencente à Companhia “Estrela do Oriente”

Isso não é exclusivo de Cândido Mota. Na cidade de Florínea/SP os vínculos das Companhias de Reis com a prefeitura também ocorrem. A construção do Parque de Tradições no município, como já vimos, para a festa é prova disso. Além da proximidade do poder público com a festa e à manifestação, a vinculação de empresas ao festejo fica evidente novamente. Na década de 1970, nos jornais impressos, empresas colocavam ilustrações relacionadas aos Três Santos Reis. O que se repete em 2004, no Encontro da Bandeiras, desta vez como patrocínio direto.

Na cidade de Assis/SP, a prefeitura também exerce essa proximidade com a manifestação aos Santos Reis. Um indício desta questão está na imagem 33, onde uma placa foi entregue às Companhias que participaram de um encontro de bandeiras da região. A realização do evento foi da FAC (Fundação Assisense de Cultura), com apoio da Prefeitura de Assis, e patrocínio de uma cervejaria de Cândido Mota. E nessa placa, verificamos a presença da empresa de cervejas. Por movimentar milhares de pessoas, o evento chama a atenção do poder público e dos comerciantes.

Imagem 33: 7º Encontro de Bandeiras na cidade de Assis/SP²²⁸



Fonte: Certificado pertencente à Companhia “Estrela do Oriente”.

Observa-se que, diante de continuidades e rupturas, características singulares e outras semelhantes a outras Companhias, a manifestação cultural aos Santos Reis ocorre em Cândido Mota/SP de forma dinâmica, representativa e vívida. Representa pessoas que se dedicam a ela em meio às tradições e aos costumes que se mantêm ou se adaptam com o intuito de conservá-la viva, singular e representativa em meio à cultura de massas do século XXI, independentemente das mudanças de Igreja entre muitos de seus integrantes da comunidade local. Tal fato é um obstáculo à expansão dessa religiosidade popular católica? Como os seus integrantes pensam a questão?

3.3. A religião cristã no município: o que mudou?

Anteriormente vimos que as manifestações da Companhia de Reis com seus ritos e práticas no município de Cândido Mota vinculavam-se à matriz católica, Igreja sempre presente na vida dos munícipes. Grande parte da população cresceu conforme os costumes dessa Igreja da religião cristã e passou adiante tais práticas a seus descendentes. Tal

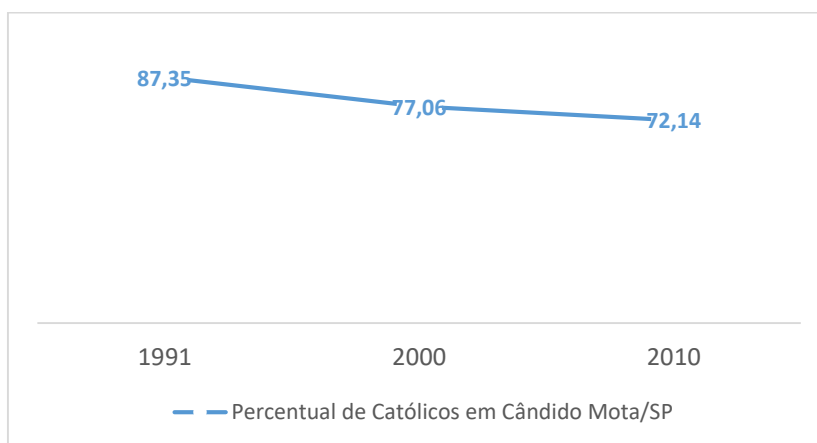
²²⁸ No mês de janeiro, depois da realização da Festa de Reis em cada cidade, ocorre um encontro de bandeiras no município de Assis/SP com as Companhias da região. Geralmente no Parque de Exposições “Jorge Alves de Oliveira” – FICAR. No ano de 2004, placas como esta da imagem foram entregues às Companhias participantes. Esta da imagem pertence à Companhia “Estrela do Oriente”, está na residência de senhor Toninho Leiteiro.

contexto foi favorável ao desenvolvimento da cultura e da fé da Festa de Reis, como já foi mencionado.

No entanto, conforme dados do IBGE, constata-se um movimento de diminuição de fiéis católicos no município entre os números dos censos de 1991, 2000 e 2010. A década de 1980, que também faz parte do recorte de estudos dessa pesquisa, não possui dados disponíveis no IBGE quanto ao quesito religião. A diminuição de fiéis católicos, do ano de 2010 em relação a 1991, acompanha um movimento em nível nacional de aumento do número de adeptos ao protestantismo, e, mais especificamente, ao neopentecostalismo.

Portanto, verifica-se que a tendência nacional de migração da Igreja Católica para a Evangélica também pode ser notada na realidade do município de Cândido Mota. Esse dado repercute em nosso objeto de estudos, pois trata-se de um elemento que pode enfraquecer o grau de envolvimento e identidade das pessoas para com os ritos e o festejo em geral. No gráfico a seguir, é possível verificar que, em 1991, de uma população total de 25.449 habitantes, 22.232 se declararam católicos, portanto 87,35% do total; em 2000, de uma população total de 29.280 habitantes, 22.565 se declararam católicos, 77,06% do total; e em 2010, de uma população de 29.884 habitantes, 21.561 se declararam católicos, 72,14% do total.

Gráfico 3: Percentual de Católicos em Cândido Mota/SP



Fonte: Gráfico construído para esse trabalho com base nos dados dos censos de 1991, 2000, e 2010 do IBGE.

Em entrevista feita com o senhor Toninho Leiteiro, ao ser indagado sobre as dificuldades para a manutenção do festejo ao longo das décadas, ele apontou este fator

como um dos obstáculos: a mudança de Igreja, da católica para a evangélica, dentre parte da população dos munícipes.

ALINE: O que mais mudou no ritual de antigamente para hoje?

TONINHO LEITEIRO: As pessoas foram perdendo a fé. Viraram de religião²²⁹. Sabia que religião não salva ninguém, né? Jesus falou: Ninguém vai ao pai senão por ele. Até família minha mudaram de religião. Desnortearam da Festa de Reis. Falaram de vir fazer reza aqui em casa, eu falei: falando de Deus, pode vir o dia que quiser. Deus dá a salvação dele.²³⁰

Numa outra entrevista com o Senhor Alcides João Roela, também surgiu essa temática sobre interferência de outra Igreja:

ALINE: Acontece de ter casa que não aceita?

ALCIDES: Ah, bastante casa não aceita. Às vezes são evangélicos. Outros já não aceitam mesmo, nem que é católico. Não é todo mundo que aceita. Às vezes a gente chega e a pessoa até fecha a porta, até. Fecha o portão para não receber. Porque pensa que a Folia de Reis é uma bagunça e não é, é uma tradição, é uma tradição, que ela já vem desde quando Jesus nasceu.²³¹

Nos dois depoimentos, constata-se de forma indireta a presença de conteúdos da Bíblia. Tanto o senhor Toninho Leiteiro, como o senhor Alcides, pautam sua fé e sua devoção em crenças oriundas da Bíblia Sagrada. Quando relatam: “Ninguém vai ao Pai senão por ele”, ou “a Folia de Reis [...] é uma tradição [...] vem desde quando Jesus nasceu”, os dois foliões reproduzem passagens bíblicas. Haja visto o trecho bíblico: “Jesus lhe respondeu: Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim.” P.1404 (João 14:6) p.1.404²³². Ou o trecho: “Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do oriente a Jerusalém.” P.1285 (Mateus 2:1) p.1.285²³³.

²²⁹ O senhor Toninho Leiteiro disse “viraram de religião”, no entanto os estudiosos especialistas em religiões nos advertem que nessa circunstância em questão, o correto seria mudança de “Igreja”. A religião continuaria a mesma, a cristã.

²³⁰ Entrevista [03 out. 2019]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistado: Antoninho Vicentinho de Oliveira. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. (1:00:58). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

²³¹ Entrevista [19 set. 2019]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistado: Antonio Alcides Roela. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. 00:43:50). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

²³² BÍBLIA SAGRADA. (João:14-6). (101ª Ed. Revisada por Frei João Pedreira de Castro, O.F.M., e pela equipe auxiliar da Editora). São Paulo: Ave Maria; Claretiana, 1996.

²³³ BÍBLIA SAGRADA. (Mateus:2-1). (101ª Ed. Revisada por Frei João Pedreira de Castro, O.F.M., e pela equipe auxiliar da Editora). São Paulo: Ave Maria; Claretiana, 1996.

A questão de uma parcela da população da cidade ter migrado para a Igreja Protestante também é citada nos dois depoimentos. A Festa de Reis, com elementos de religiosidade e fé católicas, representa a identidade de parte dos cidadãos da cidade. A partir do momento em que uma parcela da comunidade migra para outra Igreja, surge, dentre os membros do grupo, a preocupação com a identidade e a tradição, se haveriam riscos delas se desidratarem e se perderem. No entanto, mesmo diante dessa adversidade, os foliões mantiveram a ocorrência anual da festa, e a mesma continuou sendo frequentada por milhares de pessoas, como notificam as notícias dos anuários:

“Santos Reis lota Água da Pirapitinga” (*CM Notícias* – 1998);²³⁴

“Festa é prestigiada por multidão em CM” (*O Diário do Vale* – 2006);²³⁵

“Evento reuniu milhares de pessoas” (*O Diário do Vale* – 2013);²³⁶

Diante das mudanças expressas nos dados do gráfico mencionados acima, acerca de Igrejas cristãs da população do município, a postura da Companhia de Reis por meio de seu líder foi a de manter os ritos. No entanto, também se optou por “fugir” um pouco ao catolicismo para receber novos ou velhos fiéis que deixaram de seguir, com falas presentes também na doutrina protestante: “ninguém vai ao pai senão por ele” e “Deus dá a salvação”. Em seu depoimento, Toninho Leiteiro expõe essa estratégia adotada para conviver com as pessoas de outras Igrejas, inclusive de sua própria família. A fala de João Alcides Roela revela a perda de fiéis, então a necessidade de adaptação ao novo contexto que se desenhou. Vale lembrar que Candau apontou que a mudança não é um fim e o que permanece nas tradições, memórias e identidades é tudo aquilo que foi capaz de ser adaptado, regenerado e mutável. Entretanto, até que ponto essas mudanças são entraves ao processo de patrimonialização dessa prática cultural popular de natureza religiosa?

²³⁴ SANTOS REIS LOTA PIRAPITINGA. *CM Notícias*. Cândido Mota, n. 304, p. 01 e , 07 jan. 1998.

²³⁵ FESTA DE SANTOS REIS ATRAI MULTIDÃO À ÁGUA DA PIRAPITINGA. *O Diário do Vale*. Cândido Mota, n. 2.226, p. 1, 06 jan. 2006.

²³⁶ FESTA DE REIS CONTA COM PRESENÇA DE 5 MIL PESSOAS. *O Diário do Vale*. Cândido Mota, n. 3.914, p.07. 08 jan. 2013.

3.4 Os obstáculos para a patrimonialização do culto aos Santos Reis como patrimônio cultural imaterial

As rupturas práticas que ocorrem com antigos hábitos e objetos fazem dessa atividade uma celebração em movimento. Essa dinâmica constante, ao mesmo tempo em que contribui para a continuidade dos ritos, rezas e do festejo na era da tecnologia, acaba por dificultar a patrimonialização dessa manifestação religiosa, pois cria multiplicidade de características e variações constantes dentre as Companhias de Reis. Para que ocorra a patrimonialização, existe a necessidade da manutenção de elementos originais, que se mantêm ao longo do tempo e que são capazes de articular pessoas em prol de uma atividade coletiva identitária. Pedro Henrique Victorasso, ao trabalhar com a manifestação religiosa aos Santos Reis em Olímpia/SP, recupera uma característica em comum entre as inúmeras Companhias de Reis: “[...] é possível perceber que as manifestações das Folias de Reis têm um pano de fundo em comum, ou seja, o mesmo mito fundador, visto que todas elas são encenações do episódio bíblico sobre a visita dos Três Reis Magos ao menino Jesus.”²³⁷ Como percebe-se, existem as dinâmicas e as transformações em cada Companhia, mas também os pontos em comum entre elas, que remontam à tradição de origem. Regina Abreu e Marluce Magno²³⁸ levantam elementos que dificultam o ato público e político de tornar uma manifestação religiosa tradicional, como a Festa de Santos Reis, um patrimônio imaterial reconhecido. Apesar de terem muito em comum, cada Companhia de Reis no país tem suas especificidades em suas ações, símbolos e ritos, e isso torna a patrimonialização complexa, pois são muitos grupos, cada qual com atividades diversificadas para um registro nos Livros de Registro de Bens de Natureza Imaterial.

Externar essa dificuldade em relação à afirmação da manifestação cultural aos Santos Reis como patrimônio cultural imaterial não significa que isso não possa acontecer. Existe a dificuldade, mas não a impossibilidade.

A partir do momento em que a festa agrega as pessoas e lhes confere identidade, ela e seus ritos possuem natureza de patrimônio cultural imaterial, pois representa

²³⁷ VICTORASSO, Pedro Henrique. **Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes em Olímpia/São Paulo (1964-2014): entre o sagrado e o profano**. 2015. 169 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015.

²³⁸ ABREU E MAGNO. Desafios na patrimonialização de bens imateriais de caráter religioso. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 37(3): 18-45, 2017.

importância na vida cultural do grupo. Traz sentido à existência de seus membros. E, mesmo sendo dinâmica, possuindo rupturas com certos hábitos, ela permanece existindo e representando a visão de mundo de inúmeras pessoas.

Sobre as rupturas que a manifestação religiosa cultural de Santos Reis sofreu, uma delas, como já vimos, trata-se conversão de fiéis católicos ao protestantismo. Mesmo diante dessa situação, os ritos continuaram e a festa ainda é frequentada por milhares de pessoas. Outra questão diz respeito ao êxodo rural²³⁹, que modificou a condição de seus giros. Muitas casas visitadas passam a estar na cidade nas décadas de 1980, 1990, 2000 e 2010. Também houve a mudança quanto ao uso de meios de transportes que, na atualidade, são mais rápidos, coletivos e confortáveis. Já em relação aos giros, houve a mudança em seus instrumentos, que, antigamente, eram confeccionados por eles mesmos de forma improvisada, mas, com o passar do tempo, foram substituídos por outros modernos e industrializados. Instrumentos novos proporcionaram mais condições para a produção espontânea de música, aos cantores e instrumentistas nas jornadas e na festa de encerramento no dia 6 de janeiro. Houve ainda o novo sistema de comunicação, que vai desde os folhetos escritos às páginas na internet. Identifica-se, nessas mudanças todas, que a tecnologia foi uma das principais responsáveis por algumas dessas rupturas com o passado.

A Igreja Católica desempenhou uma nova postura em relação à manifestação religiosa aos Reis. Aproximou-se do festejo por meio de padres que visitaram a festa e dos foliões que fizeram os ritos e a cantoria, em momentos da jornada, dentro da igreja Matriz de Cândido Mota na última década²⁴⁰. Antes havia um certo distanciamento entre as partes. Essa manifestação popular, apesar de ser considerada católica, não tinha vínculos de interação com a Igreja. De acordo com Bonesso, a Igreja Católica no Brasil, diante de manifestações populares religiosas católicas, sempre seguiu uma linha tradicional do ponto de vista doutrinário. Reconhece a religiosidade popular apenas nos limites de seus próprios preceitos, a fim de preservar o poder da instituição acima dos outros interesses. Houve, então, a influência nas ações da Igreja pelo Concílio Vaticano II, que, juntamente com o movimento latino americano da Teologia da Libertação, propagaram a conscientização sobre a realidade da pobreza, a questão da terra, críticas à

²³⁹ Censos de 1991, 2000, e 2010 do IBGE.

²⁴⁰ Há fotos na rede social Facebook da Companhia com o rito feito dentro da Igreja Matriz de Cândido Mota.

experiência danosa da Ditadura Militar e, o que nos interessa nessa pesquisa, respeito às manifestações de religiosidade popular²⁴¹. No caso específico estudado, houve essa interação maior entre as partes nos últimos anos.

A questão do laço familiar com as funções da manifestação cultural também sofreu mudanças. No início, a família toda participava, cada um com uma atividade. Nos dias de hoje, apenas alguns membros resistem e outros de fora ingressam. Por meio de entrevista foi possível constatar que os foliões recebem até uma espécie de “diária” ao final dos dias de jornada, que chamam de “ajuda”, para conseguirem deixar seus trabalhos e acompanhar todos os dias de giros, desde o 25 de dezembro à festa no dia 6 de janeiro.

As continuidades foram mais presentes que as rupturas. Os símbolos foram mantidos: bandeira, presépio, indumentária e máscaras. As funções dos foliões permaneceram: cantoria e instrumentação musical, ações dos palhaços, administração de recursos arrecadados e festa realizada ao final. Quanto à tradição bíblica, ela é relembrada constantemente.

Entremeio à sociedade pós-moderna, a manifestação cultural religiosa aos Santos Reis passou por mudanças e adaptações, no entanto, manteve sua essência com suas expressões culturais. Isso a coloca, hoje, como sinal de resistência à padronização de costumes da globalização. Ela exprime o que há de particular e peculiar na cultura popular, e representa um grupo que não abandonou seus costumes e crenças frente à tecnologia da informação e à padronização cultural.

Mesmo diante do consumismo global, onde identidades são compartilhadas por consumidores, clientes e públicos, as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes²⁴². A cultura local reagiu frente à cultura global, que tentava homogeneizar suas práticas festivas. Nessa tensão entre o local e o global, o caráter particular, como o da manifestação da Companhia “Estrela do Oriente”, se fortaleceu. Houve maior cuidado com a propagação da educação de jovens ingressantes no ritual, na memória a ser contada e fixada, e na perpetuação da identidade que lhes representa. Dessa forma, a era da globalização não se dá apenas como mecanismo de homogeneização.

²⁴¹ BONESSO, Marcio. **Encontro de bandeiras**: as folias de reis em festa no Triângulo Mineiro. Uberlândia: EDUFU, 2012.

²⁴² HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Também ocorre nela a assimilação do novo, assim como o fortalecimento do que já existia.

3.5 A questão da patrimonialização na dinâmica da manifestação da Companhia Estrela do Oriente

Partindo de um contexto maior, acerca do processo que vem se desenvolvendo de patrimonialização dos bens culturais imateriais, que extrapolam o circuito restrito dos devotos e do grupo praticante de seus atos de fé, é possível analisar as singularidades da Festa de Reis da Companhia “Estrela do Oriente” que acontece no interior de São Paulo.

A decisão do Conselho Estadual de Patrimônio de Minas Gerais (Conep)²⁴³ sobre as Folias de Reis é paradigmático. O referido Conselho desenvolveu pesquisa acerca dessas manifestações presentes em seu território, culminando no, já citado, Dossiê Folias de 2016, o que serviu de base para o reconhecimento dessas práticas religiosas aos Santos Reis em Minas Gerais. A certificação foi concedida aos grupos cadastrados pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha-MG). Disponibilizando verbas para que esses grupos comprem instrumentos, roupas e façam oficinas com foliões, os órgãos de cultura mineiros procuram salvaguardar a cultura popular presente no estado.

A manifestação cultural denominada Folia de Reis ou Festa de Reis possui bastante expressividade no estado de São Paulo, principalmente no interior. Pesquisas realizadas em algumas das cidades que mantêm os costumes e ritos dessa festividade religiosa, nos atestam essa afirmação, como é o caso de Olímpia²⁴⁴ e Florínea²⁴⁵. Essa expressividade também se faz presente em Minas Gerais, principalmente na parte sul do estado que faz fronteira com São Paulo²⁴⁶.

²⁴³ O jornal on-line O Tempo de Belo Horizonte/MG publicou uma reportagem com a notícia sobre a patrimonialização das Folias de Reis de Minas Gerais. Disponível no endereço: <<https://www.otempo.com.br/cidades/folias-de-minas-se-tornam-patrimonio-imaterial-em-dia-de-santo-reis-1.1420203>>. Acesso em: 19 abril 2021.

²⁴⁴ VICTORASSO, Pedro Henrique. **Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes em Olímpia/São Paulo (1964-2014):** entre o sagrado e o profano. 2015. 169 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015.

²⁴⁵ GOULART, Rafaela Sales. **Sentidos da Folia de Reis de Florínea (SP):** memória, identidade e patrimônio (1993-2013) Assis, 2016. 242 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2016.

²⁴⁶ Ver mapa do Dossiê Folias. Mapa de densidade das Folias de Minas. Figura 19, p. 83. Fonte: IEPHA-MG, Cadastro das Folias de Minas Gerais, 2016.

Tomando-as como exemplo, faremos algumas reflexões sobre o contexto da Folia de Reis em Cândido Mota/SP, sua organização, sua significação para os envolvidos e suas formas de representação sobre os ritos. Considera-se que possui elementos em sua estrutura organizacional, de natureza semelhante àqueles identificados e registrados nas Companhias de Reis mineiras.

Os folhetos impressos pelo grupo estão compostos pelos sentidos que o festejo representa para eles e acabam exercendo uma mediação de educação cultural dos membros da Companhia de Reis para com a comunidade e com os devotos. Essa divulgação de seus símbolos e significados representa a visão que o grupo tem de si e de suas atividades culturais religiosas. Ou seja, a importância que eles atribuem aos ritos que exercem e a preocupação de salvaguardar essas atividades e símbolos de alguma forma. A Secretaria Municipal de Cultura também realizou uma ação, nessa direção de salvaguardar os ritos da Festa de Reis no município, quando fomentou um curso com um mestre de Folia de Reis, oferecido a toda a comunidade.

As inúmeras Companhias de Reis paulistas, assim como as mineiras, possuem variações de organização, costumes, sujeitos e ritos. No entanto, alguns pontos em comum podem ser identificados e descritos pelo Dossiê de Minas. Pontos esses que estão relacionados à devoção, à fé e às promessas²⁴⁷ em primeiro lugar. Eles estão diretamente ligados ao nascimento de Jesus Cristo narrado na Bíblia, que será representado no presépio, e à Epifania que se trata da manifestação de Cristo na terra.

Quanto à estrutura, possui uma base organizacional²⁴⁸ em torno de um grupo de pessoas, de cantores, instrumentistas e palhaços. Esse grupo faz visitas às casas dos devotos com ritos e cantorias, as chamadas jornadas, onde recolhem prendas para uma festa de encerramento. Nesse processo aparecem laços sociais de parentesco, amizade e vizinhança, que se fortalecem em meio à execução da jornada e da festa. Os integrantes das Companhias participam também de encontros de folia, posteriormente, em períodos alternativos ao do rito anual que executam.

Acerca de cada grupo de folia, a pesquisa mineira apontou quatro elementos básicos em sua constituição, e tais elementos também estão presentes na Companhia paulista “Estrela do Oriente”: a bandeira, os palhaços, os cantadores e instrumentistas, e, por fim, os devotos. Já sobre os momentos ritualísticos das celebrações, o Dossiê de

²⁴⁷ IEPHA-MG, Cadastro das Falias de Minas Gerais, 2016. p. 107-108.

²⁴⁸ Ibidem, 2016, p. 111.

Minas Gerais listou também quatro situações: a saída da bandeira de uma casa familiar, as visitas às casas dos devotos, o retorno da bandeira ao espaço familiar, e a festa de arremate²⁴⁹.

Constituída por vários elementos, a religiosidade popular presente nesses ritos se apresenta como um pilar determinante para sua continuidade na manifestação da Companhia de Reis. Os membros da Companhia se agarram ao discurso da fé para justificar a continuidade do festejo e de seus rituais por tanto tempo. Assim, a fé se constitui como um dos elementos de identidade do grupo, um dos fatores que agrega a comunidade nessa junção de diferentes gerações. Ao falarmos da manifestação cultural aos Santos Reis, por um lado, não é possível deixar de lado a questão da fé dos envolvidos. Por outro, há o elemento profano, a questão do divertimento, da oportunidade de se participar de um evento que envolva música e instrumento musical. Indivíduos que têm interesse por questões musicais se aproximam do festejo e de seus giros. A questão do entretenimento escasso em cidades pequenas também contribui para que os jovens e a população em geral estejam dispostos a participar ao menos no dia da festa, afim de descontração e entretenimento. A seguir, o trecho da entrevista com o folião Pedro, representando a visão dos foliões sobre essa questão, é elucidativo:

ALINE: Existem pessoas que vão à festa apenas para entretenimento, diversão? Se sim, como você percebe isso?

PEDRO: Sim, existem. Para diversão? Sim. Pessoas que não tem conhecimento sobre a nossa cultura, sobre o que a gente... eles não conhecem o lado que a gente enxerga da tradição, entendeu? Eles não têm o conhecimento sobre a nossa fé e devoção, então eles veem como uma diversão sim. A gente percebe, porque há muitas pessoas que às vezes brincam, né? Com isso, acham que é só motivo de festa de folia. Quando realmente a gente leva por um outro lado. Entendeu? Nós, foliões, família de festeiro, e nós que estamos no movimento, né? A gente acredita mais na parte religiosa, entendeu? Porque a gente tira todo o nosso conhecimento, tudo aquilo que a gente quer transmitir nas nossas orações, gente tira com base na Bíblia, né? Eu posso te citar aqui o evangelho de São Mateus na Bíblia, é no cap. 1, do versículo 18 ao 24, a gente vê o anúncio do nascimento de Jesus. No capítulo 2, a gente encontra a visita dos magos, né? Como eu te disse, dos magos do oriente, então, ali a gente encontra praticamente a base dessa história do nascimento de Jesus, dessa visita dos magos, que foram anunciadores, eles que foram, encontraram, né? A gente encontra também a fuga para o Egito, né? Ainda no capítulo 2, então ali com base nesses livros da Bíblia, nesses trechos da Bíblia, a gente tira, então, a nossa história, então é por esse motivo que a gente vê como algo mais religioso, embora tenha também o lado folclórico da tradição, né? Que aí se

²⁴⁹ Ibidem, 2016, p. 114.

encaixam os palhaços, os bastiões, né? A bandeira, entendeu? Então isso também torna a tradição, mostra o lado folclórico da tradição.²⁵⁰

Tanto o teor religioso, como o teor profano do festejo ritualístico contribuem para sua continuidade, para que seja organizado, efetuado e frequentado. Suas várias facetas dinâmicas lhe formam como um todo e constituem uma manifestação que faz a comunidade se articular e se ver representada em suas atividades, símbolos e festividades. As festas, de forma geral, sempre estiveram presentes na constituição da cultura popular. A festa de Santos Reis, em específico, corrobora para a constituição da cultura popular brasileira, com resquícios de origem europeia e ações de grupos que a abraçaram para si e a fizeram estar em funcionamento. No caso da Companhia “Estrela do Oriente” em Cândido Mota/SP, a tradição, que remonta ao início do século XX, acompanha a mesma lógica. Foi acolhida por um grupo da cidade, que a realizou ao longo das décadas e a manteve em funcionamento numa espécie de educação informal de geração em geração.

O festejo composto por inúmeras jornadas permanece existindo, mesmo diante das rupturas e das adaptações, ao longo do tempo. Mesmo em dinamismo, não perdeu sua “faculdade cultural original”²⁵¹ de representar pessoas e de comover, nesse caso específico, pela fé e pela performance folclórica. Tais características dizem respeito muito mais a uma cultura patrimonial do que a uma cultura de massas ou de simples entretenimento. Partindo desse pressuposto, analisar seu caráter patrimonial deve ser uma ação cuidadosa, que busque identificar as permanências dentro dessa dinamização toda. Faz-se importante identificar a estrutura religiosa dessa manifestação cultural, cujos elementos estejam dentre aqueles que possam ser classificados nos livros de registros patrimoniais, como “Formas de expressão” e “celebrações”. Partindo por essa diretriz, surge a necessidade de identificação e análise de símbolos, sujeitos e rituais da manifestação específica da Companhia “Estrela do Oriente”. E da possibilidade desta Companhia estar num livro de registros²⁵² de patrimônios culturais imateriais junto as

²⁵⁰ Entrevista [26 ago. 2020]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistado: Pedro Henrique Gonçalves. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. (1:30:05). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

²⁵¹ ARENDT, Hannah. A crise da cultura: sua importância social e política. In: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 248-281.

²⁵² Diferente do que acontece no patrimônio material, não existe “tombamento” daquilo que se torna patrimônio imaterial. O que existe é o registro. Esses tesouros culturais passam a integrar um dos quatro tomos que compõe o livro de registro: O dos Saberes, das Celebrações, das Formas de Expressão e dos Lugares. E o que é registrado? Não é a comida, é modo de fazer; não é o instrumento, são as práticas

demais Companhias de Reis do estado de São Paulo, pois oficialmente esta manifestação aos Reis ainda não foi reconhecida como patrimônio imaterial do estado.

envolvidas. Por isso imaterial. Um bem patrimoniado recebe ações para sua salvaguarda, ajudando na difusão, valorização e preservação dos saberes envolvidos. Disponível em: <https://coleccionadordesacis.com.br/2018/05/16/patrimonio-imaterial-conheca-os-livros-de-registro/> Por Andriolli Costa. Acesso em 9 de junho de 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações da Companhia “Estrela do Oriente” expressam memória e religiosidade de um grupo de forma singular. Mesmo com atividades e símbolos semelhantes a outras Companhias de Santos Reis, principalmente da região, esta Companhia exerce seu próprio modo de realizar seus ritos. Sua festa ocorre no dia 6 de janeiro, na área rural, regada a uma cantoria de sete vozes. O festejo, baseado em uma história bíblica da visita de Três Magos a Jesus Cristo no momento de seu nascimento, ganha novas roupagens ao longo do tempo e vem de uma tradição antiga, que remonta à Idade Média na Europa. Em Cândido Mota/SP, essa manifestação chega no início do século XX já com muitos desses símbolos e práticas. A história da Companhia esteve presente nas mudanças político-administrativas do município e em seu desenvolvimento.

Na análise, constata-se que a manifestação religiosa prosseguiu na cidade entre as diferentes gerações com certas adaptações e dinâmica. Ambientada num contexto pós-moderno contemporâneo, essa manifestação cultural está localizada num campo de tensão entre tradição e inovação, de conservação e renovação, de cultura de massas e cultura singular. E isso a faz complexa.²⁵³ Enquanto na modernidade havia a dicotomia entre alta cultura e culturas inferiores, na pós-modernidade, tendo à frente os Estados Unidos, há uma autoafirmação de culturas de grupos específicos, em luta para se manterem frente à indústria cultural capitalista. Sobrevivendo nesse conflito de paradigmas, a manifestação cultural aos Três Reis Magos continua a existir, porque representa elementos que ainda exercem domínio sobre a sensibilidade de alguns grupos de indivíduos, levando-os a participar direta ou indiretamente de seus ritos. Por gerar essa reunião ativa de forma anual, suscitar a fé e a devoção num grupo de pessoas e conduzi-los a praticar rituais com símbolos advindos de outros séculos, ela possui características que representam formas de expressão populares e celebrações, apresentando condições de estar registrada entre os bens culturais imateriais do Brasil.

A bandeira como símbolo, a cantoria como ritual, os palhaços com suas encenações e alegorias, e os devotos com sua fé formam uma manifestação religiosa e cultural singular, que representa aspectos do modo de vida de um grupo. Seus saberes e

²⁵³ HUYSEN, Andreas. Mapeando o pós-moderno. In HOLANDA, Heloísa Buarque. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 15-80.

celebrações os diferenciam do modo de vida de outros grupos. Por meio de suas memórias escritas e faladas eles se expressam e se reafirmam.

As Companhias de Reis do estado de São Paulo possuem muitas características em comum, apesar das especificidades de cada uma. A questão da patrimonialização da manifestação aos Santos Reis no estado encontra uma dificuldade neste ponto, por evidenciar pequenas divergências entre elas. No entanto, no estado de Minas Gerais, foi possível a patrimonialização das Folia de Reis por meio de Dossiês e estudos²⁵⁴, visando o seu reconhecimento enquanto patrimônio imaterial do estado. O que aponta para a possível ocorrência de uma patrimonialização semelhante no estado de São Paulo, caso houvesse interesse dos grupos das Folias, dos pesquisadores e do poder público estadual e federal no tocante a essa expressão cultural.

A religiosidade e a cultura expressas na manifestação da Companhia “Estrela do Oriente” mobiliza saberes próprios do grupo e representa a identidade de seus integrantes. Investigar e compreender tal fenômeno foi a intenção dessa pesquisa. No decorrer da mesma, foi possível constatar como tal manifestação é de suma importância para a forma de vida de seus integrantes, que a mantém mesmo diante de mudanças tecnológicas, da mudança de gerações e das pressões da globalização. Ela, por sua vez, desempenha a função de agregar e articular esses sujeitos.

Os foliões e devotos veem a manifestação como uma mediação que lhes aproxima de Deus. E, assim, entregam seus pedidos aos Santos Reis, oferecendo promessas e ofertas. Nesse caminho, desenvolvem versos, músicas, danças, vestimentas, rezas, símbolos e uma festa repleta de alimentos, o que torna a manifestação também cultural, além de religiosa. Diante desses elementos, a manifestação possui caráter identitário, pois faz parte de um modo de vida de um grupo. Tanto nos livretos memorialísticos, como nos depoimentos orais, os membros da Companhia demonstram preocupação em manter os ritos, e essa salvaguarda teria amparo em políticas públicas, caso fosse classificada oficialmente como patrimônio cultural imaterial.

²⁵⁴ Espero que esta pesquisa, junto aos demais estudos da manifestação aos Reis paulistas, possa contribuir um pouco nessa direção.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; MAGNO, Marluce. **Desafios na patrimonialização de bens imateriais de caráter religioso**. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 37(3): 18-45, 2017.

ALBERTI, Verena. **A vocação totalizante da história oral e o exemplo da formação do acervo de entrevistas do CPDOC**. In: INTERNATIONAL ORAL HISTORY CONFERENCE (10.: 1998: Rio de Janeiro, RJ). *Oral history challenges for the 21st. century: proceedings [of the] International Oral History Conference*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/FIOCRUZ, 1998. v.1. p.509-515.

_____. **Fontes Orais. Histórias dentro da História**. In: Pinsky, Carla Bassanezi. **Fontes Orais**. São Paulo: Contexto. 2005, p. 155-202.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, p.134-150, jun. 2011.

AMARAL, Rita. **As mediações culturais da festa**. (Rev. Mediações, Londrina, v. 3, n. 1, p. 13-22, jan./jul. 1998)

ANTONIO, Jacqueline R. **Entre Alegorias e Simbolismos: a representação dos Reis Magos no retábulo jesuíta no patrimônio de Nova Almeida (Espírito Santo)**. 2016. 141f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, 2016.

ARENDT, Hannah. **A crise da cultura: sua importância social e política**. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 248-281.

BAENINGER, Rosana. **São Paulo e suas migrações no final do século 20**. São Paulo em Perspectiva. vol.19 no.3 São Paulo July/Sept. 2005.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N). **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 4ª ed. Tradução por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAURET, Gabriel. **A fotografia: história, estilos, tendências, aplicações**. Lisboa: Edições 70, 1992.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BEZERRA, Danilo. Os carnavais do Rio de Janeiro entre 1934 e 1937 e o movimento folclorista: dimensões do debate. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 8, n. 2, p. 52-66, julho-dezembro, 2012.

BÍBLIA SAGRADA. **(Mateus:1-12)**. (101ª Ed. Revisada por Frei João Pedreira de Castro, O.F.M., e pela equipe auxiliar da Editora). São Paulo: Ave Maria; Claretiana, 1996.

BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara**: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis. 2008 – Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS, 2008. 191f.: il.; Doutorado em Ciências Humanas – UFRJ / IFCS / Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2008.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BOMENY, H. Infidelidades eletivas: intelectuais e política. In BOMENY, H. (Org.) **Constelação Capanema**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 11-36.

BONESSO, Marcio. **Encontro de bandeiras**: as folias de reis em festa no Triângulo Mineiro. Uberlândia: EDUFU, 2012.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M. & AMADO, J. (Orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 183-191.

_____. Compreender. In: _____. **A miséria do mundo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p.693-713.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

BRANDÃO, Carlos. **Prece e Folia, Festa e Romaria**. Aparecida/São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da historiografia. Tradução de: ODALIA, Nilo. São Paulo: Ed. Da Unesp, 1997.

_____. **Cultura popular na Idade Moderna**: Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Variedades de História cultural**. Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

_____. **Testemunha ocular**: história e imagem. Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

CALVENTE & OLIVEIRA. **As múltiplas funções das festas no espaço geográfico**. INTERAÇÕES, Campo Grande, v. 13, n. 1, p. 81-92, jan./jun. 2012.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014. p.137-197.

CARVALHO, Mônica. **Folia de Reis não é folia de rádio**. Tempo social, Revista de sociologia da USP, v. 22, n. 2. São Paulo, 2010.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

CHAUÍ, Marilena. Brasil. **Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo, Editora Perseu Abramo, 2000.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 2000.

DUPRONT, Alphonse. A religião: Antropologia religiosa. P.83-105 in: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988a.

FABRI, Aline. **Educação patrimonial: análise do curso do projeto “Novos Foliões” acerca dos saberes da Folia de Reis em Cândido Mota/SP**. In: XIII Jornada de Ensino de História UENP, História, Ensino e Democracia. Porque na Escola se Aprende a Viver! UENP, 2019, Jacarezinho/PR. Anais on-line. Disponível: <<https://jornenshist.wixsite.com/jehuenp2019/anais-da-xiii-jeh>>. Acesso em 15 de jan. 2020.

FERNANDES, Tânia Maria e ALBERTI, Verena. (Orgs). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Entrevistas: Abordagens e usos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.

_____. **História Oral, comemorações e ética**. In: *Revista Projeto História*, nº15. São Paulo: Educ, 1997.

_____.(Org.) **Usos e Abusos da História Oral**. RJ: Ed. Ed. FGV,1996.

_____.A História Oral: questões metodológicas. In: **Anais do Encontro de História e Documentação Oral**. Brasília: UNB/FA/CID, 1994.

FERREIRA, Marieta de MORAES. **História Oral** (Org). Rio de Janeiro: Diadorim/Finep. 1994.

FERREIRA, Marieta; FERNANDES, Tânia Maria e ALBERTI, Verena. (Orgs) **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

FRADE, C. **Folclore**. 2.ed. São Paulo: Global, 1997 (Coleção Para entender, III)

FREITAS, Sonia Maria de. **História Oral: Possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP/Imprensa Oficial, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **O que é Patrimônio Imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GOMES, Angela Castro. Trabalho análogo a de escravo: construindo um problema. **História Oral**, v. 11, n. 1-2, p. 11-41, jan.-dez. 2008.

GONÇALVES, Janice. **Defender o patrimônio tradicional:** a atuação dos folcloristas catarinenses entre 1948 e 1958. *Patrimônio e Memória*. São Paulo, Unesp, v. 8, n. 2, p. 4-25, julho-dezembro, 2012.

GOULART, Rafaela Sales. **Sentidos da Folia de Reis de Florínea (SP):** memória, identidade e patrimônio (1993-2013). Assis, 2016. 242 f. : il. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2016.

_____. v. 8, n. 2 (2014): *Revista Geografia e Pesquisa - Artigos Histórias e Memórias: A Folia de Reis de Florínea/São Paulo*. Resumo PDF. ISSN: 1806-8553.

GUIMARAES, Marcella Lopes. **Capítulos de História:** o trabalho com fontes. Curitiba: Aymará Educação, 2012.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 7.

HOBSBAWM, Eric. Introdução. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 9-21

_____. **Tempos Fraturados**. Cultura e Sociedade no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

HORTA, Ana P. S. **Os Reis da Canastra:** os sentidos da devoção nas folias. Dissertação de Mestrado em História Social. USP, São Paulo: 2011.

HUYSEN, Andreas. **Mapeando o pós-moderno**. In HOLANDA, Heloísa Buarque. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 15-80.

IEPHA-MG, **Cadastro das Falias de Minas Gerais**, 2016.

JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas/SP: Papirus, 1996.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

_____. *História e memória*. 2ª, ed. Campinas: EdUNICAMP, 1992
LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família:** leitura da fotografia historiográfica. 2. Ed. São Paulo: Ed. Da USP, 2000.

LEVI, G. Usos da biografia. In: AMADO, J. e FERREIRA, M. (Orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 167-182

LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro: Departamento de História da UFF, v. 1, n. 2, dez. 1996.

MARQUES GONÇALVES, Gabriela. **Cultura popular e Comunicação: A Folia de Reis em bairros populares de Juiz de Fora**. 2014. 118 p. il. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2014.

MELO & SOARES. Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais. In: LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel. (Orgs.) **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: SEI, 2010.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

NOGUEIRA, Wanderleia Silva. **A Festa de Folia de Reis em Quirinópolis: Lugar de Memória. 1918-2010**. Dissertação apresentada para o programa de Mestrado em História da Pontifícia. Universidade Católica de Goiás (PUC), como requisito para o grau de mestre em História, 2011.

NORA, Pierre. **Entre memória e História**. A problemática dos lugares. Tradução: Yara Khouri. *Projeto História*, SP: Educ, n.10, p. 7-28, 1993.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PELEGRI, Sandra de C. A. **Os bens intangíveis e as políticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil: histórias, narrativas e memórias**. IFCH /Unicamp, p. 503-5013, 2007.

_____. **A Salvaguarda e a Sustentabilidade do Patrimônio Imaterial Brasileiro: Impasses e Jurisprudências**. In: FUNARI, P. P.; PELEGRI, S. C. A.; RAMBELLI, G. (orgs.). *Patrimônio Cultural e Ambiental: questões legais e conceituais*. São Paulo: Annablume; FAPESP, Campinas: Nepam, 2009, 99-118.

_____. **O Patrimônio Cultural e a Materialização das Memórias Individuais e Coletivas**. *Patrimônio e Memória*. v.3, n.1, p. 87-100, maio 2007. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/33/459> Acessado em: 01 jul. 2015.

PORTELLI, Alessandro. **Sonhos Ucrônicos, Memória e Possíveis Mundos dos Trabalhadores**. In: *Projeto História*, nº 10, São Paulo: Educ, 1993.

_____. **Tentando Aprender um pouquinho**. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, São Paulo: PUC-SP, Educ, nº15, 1997.

_____. **História Oral como gênero**. *Projeto História*, São Paulo: PUC-SP, Educ, nº22, 2001.

_____. **Ensaio de história Oral**. (Coleção Ideias) São Paulo: Letra e Voz, 2010. 264 p.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, vol. 2, 1989

_____. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SARAIVA, Adriano Lopes. **Religiosidade popular e festejos religiosos**: aspectos da espacialidade de comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de Memórias em Terras de História. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (orgs.). **Memória e (Res) Sentimento**. Campinas: Unicamp, 2004. p.37-58.

SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Arquivos, Patrimônio e Memória**: Trajetórias e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP/FAPESP, 1999.

SILVEIRA, Pedro Telles da. **Da história instantânea ao arquivo infinito: arquivo, memória e mídias eletrônicas a partir do Center for History and New Media (George Mason University, EUA)**. *FACES DA HISTÓRIA*, Assis-SP, v.3, nº1, p. 24-42, jan.-jun., 2016.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

TAVARES, Thiago R. A religião vivida: expressões populares de religiosidade. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 10, n.2, p. 35-47, jul-dez/2013.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**: estudo sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia Das Letras, 1988.

VICTORASSO, Pedro Henrique **Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes em Olímpia/São Paulo (1964-2014)**: entre o sagrado e o profano. 2015. 169 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015.

SITES

CÂMARA DO VEREADORES – LEGISLATURAS. Disponível em:
<https://www.camaracandidomota.sp.gov.br/> Acesso em: 21 de fev. 2020.

CÂNDIDO MOTA - DADOS DO MUNICÍPIO E HISTÓRICO. Disponível em:
<http://www.candidomota.sp.gov.br/> Acesso em: 31 de out. 2019.

CÂNDIDO NAZIANZENO NOGUEIRA DA MOTTA – QUEM FOI. Disponível em:
<https://www.geni.com/people/C%C3%A2ndido-Nazianzeno-Nogueira-da-Motta/6000000016315866872>. Acesso em 01 de nov. 2019.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. Disponível em:
<https://www.estacoesferroviarias.com.br/j/jprestres.htm>. Acesso em 31 de out. 2019.

ESTIMATIVAS DE POPULAÇÃO – IBGE. Disponível em:
sidra.ibge.gov.br/tabela/6579#resultado. Acesso em: 02 de out. 2019.

FGV – CPDOC – SOBRE.
 Disponível em: < <https://cpdoc.fgv.br/sobre> >. Acesso em: 31 de out. 2019.

FOLCLORE NÃO É UMA LENDA/TEDXEFTM. Fonseca, Pedro. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=V9kZhooLupY>. Acesso em: 23 de jan.2020.

JORNAL O DIÁRIO DO VALE – MENU. Disponível em:
<https://odiariodovale.com/>. Acesso em: 02 de jul. 2019.

JORNAL VOZ DA TERRA – QUEM SOMOS. Disponível em:
<https://www.jornalvozdaterra.com.br/quem-somos> acesso em 02 de jul. 2019.

MAPA DA ESTRADA DE FERRO SOROCABANA. Disponível em:
<http://museusferroviarios.net.br/antigas-companhias/e-f-sorocabana/>. Acesso em 31 de out. 2019.

O QUE FAZ A UNESCO? Disponível em:
<https://nacoesunidas.org/agencia/unesco/>. Acesso em 29 de out. 2019.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/632>. Acesso em 30 de out.2019.

PATRIMÔNIO IMATERIAL – CONHEÇA OS LIVROS DE REGISTRO. Disponível em: <<https://coleccionadordesacis.com.br/2018/05/16/patrimonio-imaterial-conheca-os-livros-de-registro/>> Por Andriolli Costa. Acesso em: 9 de jun. de 2021.

RECANTO CAIPIRA – DUPLA IRÍDIO E IRINEU - MÚSICAS. Disponível em:
https://www.recantocaipira.com.br/duplas/iridio_irineu/iridio_irineu.html6. Acesso em: 02 de jul. 2019.

REPENSANDO O ESTADO NOVO – CPDOC. Disponível em:

<https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/195.pdf>. Acesso em: 30 de out. 2019.

SANTA CASA DE CÂNDIDO MOTA – NOSSA HISTÓRIA. Disponível em: <<http://www.santacasacandidomota.com.br/index.php/institucional/estatuto-social>> Acesso em: 22 de mar. 2021.

FONTES

Entrevistas orais

Entrevista [19 set. 2019]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistado: Antonio Alcides Roela. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. 00:43:50). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

Entrevista [03 out. 2019]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistado: Antoninho Vicentinho de Oliveira. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. (1:00:58). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

Entrevista [03 out. 2019]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistada: Rosmaly Santa de Oliveira Barbosa. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. (0:40:36). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

Entrevista [03 out. 2019]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistado: Aparecido Donizeti Ireno. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. (0:21:05). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

Entrevista [26 ago. 2020]. Entrevistadora: Aline Fabri Segateli. Entrevistado: Pedro Henrique Gonçalves. Cândido Mota/SP. Áudio MP3. (1:00:58). Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

Livretos impressos

Livreto impresso pela família do senhor Toninho Leiteiro em 2015, e entregue aos devotos nas visitas as residências. Capa e folhas internas em preto e branco, encarte com duas folhas, três páginas mais a capa.

Livreto impresso pela família do senhor Toninho Leiteiro em 2017, e entregue aos devotos nas visitas as residências. Capa colorida, folhas internas em preto e branco, 24 páginas.

Periódicos

A TRADIÇÃO VIVA DA FESTA DE SANTO REIS. **Voz de Cândido Mota**, Cândido Mota, n. 646, p. 01 e 03, 08 jan. 1984.

C. MOTA PROMOVE I FESTA DE REIS. **Voz de Cândido Mota**, Cândido Mota, n. 102, 17 dez. 1972.

COM 5 MIL RELIGIOSOS 'FESTA DE REIS' MANTÉM TRADIÇÃO EM CM. **O Diário do Vale**. Cândido Mota, n. 3.914, p.01. 08 jan. 2013.

EDIÇÃO ESPECIAL DE NATAL, **Voz de Cândido Mota**, Cândido Mota, 24 dez. 1971.

FESTA DE REIS ALCANÇA ÊXITO. **Voz de Cândido Mota**, Cândido Mota, n. 105, 23 dez. 1972.

FESTA DE REIS CONTA COM PRESENÇA DE 5 MIL PESSOAS. **O Diário do Vale**. Cândido Mota, n. 3.914, p.07. 08 jan. 2013.

FESTA DE SANTOS REIS ATRAI MULTIDÃO À ÁGUA DA PIRAPITINGA. **O Diário do Vale**. Cândido Mota, n. 2.226, p. 1, 06 jan. 2006.

O QUE OS REIS VIRAM EM BÉLEM. **Voz de Cândido Mota**, Cândido Mota, 23 dez. 1972.

SANTOS REIS LOTA PIRAPITINGA. **CM Notícias**. Cândido Mota, n. 304, p. 01 e , 07 jan. 1998.

TONINHO LEITEIRO COMPLETA 50 ANOS À FRENTE DA FESTA DE REIS DA PIRAPITINGA. **O Diário do Vale**. Cândido Mota, n. 3.427, p.01 e 03, 07 jan. 2011.

VEREADORES ELOGIAM VICENTINHO. **Voz de Cândido Mota**, Cândido Mota, n.(não consta) , p. 03, 18 dez. 1983.